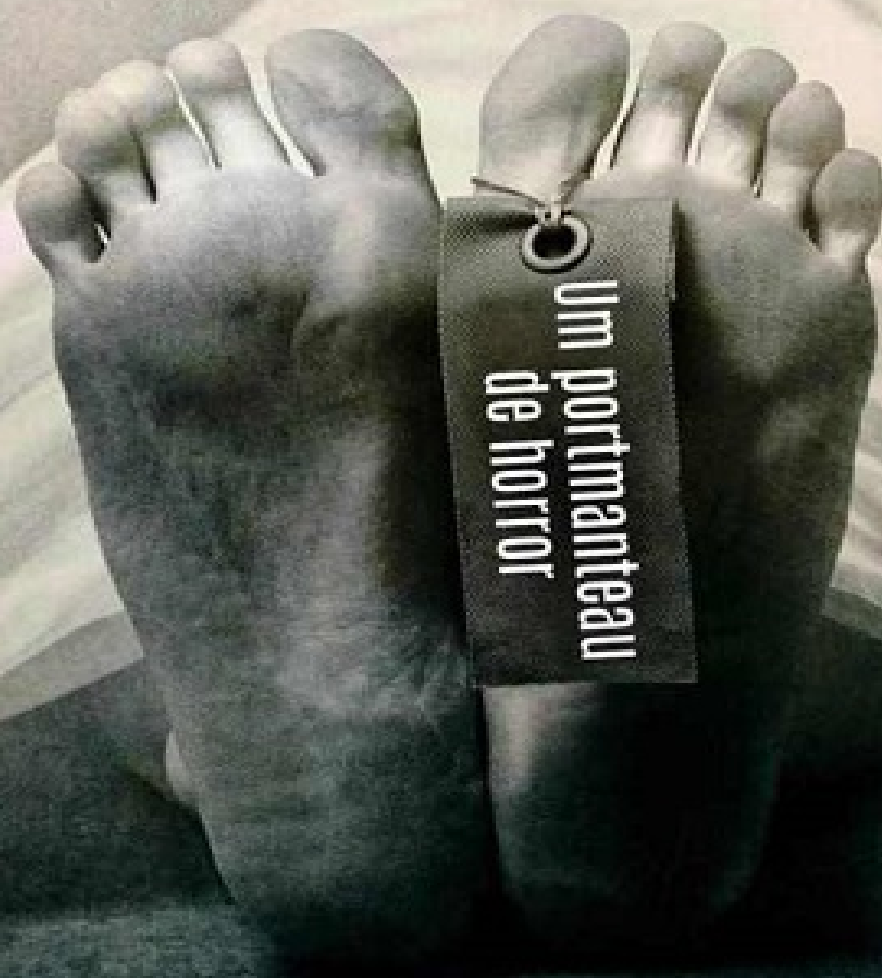


# SETE,

para a morgue



**DOUG LAMOREUX**

# **SETE, para a morgue**

**Doug Lamoreux**

Traduzido por Cassia Pereira

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

“SETE, para a morgue”

Escrito por Doug Lamoreux

Copyright © 2016 Doug Lamoreux

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

[www.babelcube.com](http://www.babelcube.com)

Traduzido por Cassia Pereira

Design da capa © 2016 The Cover Collection

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

# Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

# Um

São poucas as coisas tão surpreendentes e, seguidamente, inquietantes como a de um telefone tocando na calada da noite.

Ele repetidamente golpeia o ar, depois o ouvido, então a psique, indo para o mais profundo do mais profundo, até que finalmente chega, e desperta o consciente. Ele tira o inocente de seu sono tranquilo no mundo frio e escuro da realidade, avisando que alguém quer algo dele, ou precisa dar notícias consternadoras para ele, ou o leva a um nível de choque do qual nunca poderá se recuperar. Mesmo se a chamada do telefone o regatar de um sono ruim, ou dos terrores bizarros de um pesadelo, dificilmente quem socorre o sentirá. Assim sendo, até que seja atendido, o telefone tocando é um prenúncio do desconhecido.

O que poderia ser mais assustador do que o desconhecido? Quantas chamadas telefônicas trazem boas notícias no meio da noite?

Mesmo ao considerar essas perguntas, torna-se difícil de compreender o porquê do contentamento de Herb Flay, sua total satisfação, por estar sendo despertado do seu sono pelo telefone tocando. Mas uma vez que ele foi acordado, sentado na cama, ele soube identificar o barulho incessante, assim que ele tinha apanhado o receptor e ele conseguiu falar com uma voz rouca, "Alô", assim que ele ouviu e reconheceu a voz no outro lado e acolhido a mensagem recebida, ele ficou encantado com o resultado.

Foi a chamada que ele estava aguardando, esperando e esperando. Era a chamada que ele tinha esperado receber. Agora ela tinha chegado. Ele não se importava nem um pouco que era uma hora da manhã. E muito menos se naquele momento um torrencial aguaceiro estava tendo lugar lá fora, uma feroz

tempestade em que essa chamada iria forçá-lo enfrentar. Agora nada importava. A chamada tinha chegado. Além de palavras, ele ficou muito satisfeito. Ele estava feliz como um passarinho.

Duas pessoas tinham sido encontradas mortas!

Herb Flay trabalhava para uma casa funerária; para ser mais exato, a Casa Funerária e Crematório Fengriffen. Era uma revelação que frequentemente causava um certo revirar nos estômagos dos ouvintes, ou a sensação de frio subindo pelos dedos até suas vertebrae, mas não era preciso ter. Flay estava acostumado com essas reações, as longas pausas, os olhares cautelosos, os interessantes e alarmados ruídos que as pessoas involuntariamente, ou de propósito, faziam quando elas ficavam sabendo que ele trabalhava em uma casa funerária; que ele trabalhava com os mortos. "Ei,", Flay lhes dizia com um sorriso, "é um meio de vida."

Para o registro, Herb Flay - e seu chefe, Mortician Marlowe Blake e sua Casa Funerária Fengriffen - se localizavam em Illinois, na cidade de médio porte, Sturm's Landing (população 32.000). Ela foi batizada com o nome de seu fundador, Mark Von Sturm, um operador de balsa de um poderoso rio que, no século e meio que se seguiu, tinha se encolhido ao tamanho de um riacho com algumas gotas. Durante essas mesmas décadas a economia local fez o mesmo. Então tinha o negócio de funeral. Tudo parecia estar escorrendo pelo ralo. Mas não havia acabado, ainda não, não naquela noite.

Os restos do que uma vez foram dois seres humanos jaziam em uma casa no sonolento vilarejo de Cedartown, a treze quilômetros de distância, aguardando por remoção. Havia muito por fazer. Flay se vestiu depressa.

Ele não foi o único.

\* \* \*

Os corpos foram descobertos pelos assistentes do Xerife, os delegados Christopher Maitland e Philip Grayson, quase duas horas mais cedo e bem antes da Hora das Bruxas. A delegacia tinha sido

alertada por um vizinho que relatou que "algo (na casa no final do seu quarteirão) parece estar errado." Maitland e Grayson responderam, em carros de patrulha separados, de diferentes extremidades da comarca, Maitland chegando vinte minutos à frente de seu companheiro. Sem conseguir obter uma resposta de alguém dentro da casa, Maitland suspeitou que havia um problema e, mais ainda, estava alarmado com a condição da casa. Quando Grayson chegou, Maitland compartilhou as suas preocupações. Os assistentes notificaram a sua unidade, que alertou o Xerife e chamou uma ambulância, e o Corpo de Bombeiros de Cedartown.

Um caminhão do Corpo de Bombeiros e uma escada de incêndio, e uma ambulância do Serviço Municipal de Sturm's Landing, chegaram na cena, em um pequeno nível separado com um gozado alpendre colonial construído sobre uma elevação sobre a parte superior da sua própria garagem numa tranquila área residencial da pequena cidade. O Xerife relutantemente estaria a caminho, os oficiais assim imaginavam, embora ninguém tinha ouvido ele pessoalmente falar. Eles decidiram não aguardar o seu superior. Com o auxílio da escada e uma barra pesada de um dos compartimentos do veículo, a fechadura na porta da frente de casa foi cuidadosamente desmontada.

A porta se abriu. O sopro decadente de Satanás, um fedor do profundo das covas do Inferno, escapou por eles para fora da porta.

Com a equipe de ambulância aguardando ansiosamente na porta, segurando em conjunto sua respiração contra o fedor, os assistentes entraram juntos na casa. Eles fizeram uma rápida busca de cima para baixo, encontraram o que eles encontraram e, sem mexer em mais nada, fizeram uma retirada apressada. De volta para fora, eles engoliram ar para evitar o vômito e disseram para a ambulância e os bombeiros que a gravidade da emergência havia passado... já era passado. Quando eles conseguiram respirar novamente, com a sua boca, Maitland pegou o seu rádio móvel e pediu ao seu operador para notificar o Médico Legista que seus serviços eram necessários. Assim era como as coisas tinham progredido.



Sem entrar em pormenores desnecessários para o presente, basta dizer que os dois cadáveres que os assistentes da comarca encontraram no interior estavam... em mau estado. O par, como ainda não foram identificados, tinha evidentemente "morrido" há um bom tempo. Assim eles pareciam. Eles certamente fediam. E agora que a fechadura da porta da frente tinha sido quebrada, toda a vizinhança rapidamente começou a sentir o mesmo odor; o ar com fedor de carne humana podre até o alto dos céus.

Procedimentos Operacionais de Padrão, para um incêndio ou cena de crime com vários serviços de emergência se requeria a criação de um Posto de Comando. Imagine você, nada estava em chamas e ninguém estava certo que um crime tivesse sido cometido. Mas, com mais de um corpo e nenhuma dica imediata como a causa de morte, algumas hipóteses tinham de ser feitas até os fatos serem reunidos. Portanto, até novo aviso, um crime era presumido e um Posto de Comando estabelecido. Na cidade grande, eles trariam um imenso trailer para isso, com um logotipo de polícia ou equipe de incêndio estampado de um lado ao outro. Mas esta não era a cidade de Nova Iorque ou de Los Angeles, este era o vilarejo de Cedartown, Illinois (população 900). O Posto de Comando e, devido à chuva caindo em baldes, o resto de área mais seca, nesta ocasião, seria a garagem de um vizinho do outro lado da rua e a uma meia quadra de distância. Era perto o suficiente, eles poderiam estar rapidamente em cena para fazer seus trabalhos, embora que, eles não conseguiriam fugir do fedor, a distância e a tempestade poderia diminuir os efeitos do estômago se revirando.

O espaço de garagem foi sugerido e doado pelo mesmo vizinho curioso que tinha descoberto que algo estava errado e chamou a polícia imediatamente, um gordo, camarada tagarela nos seus quarenta anos, ainda com um escuro, mas desbastado cabelo, um bigodinho 'handlebar' e óculos de arame com lentes de fundo de garrafa. Ele ficaria contente e orgulhoso, disse ele, se utilizassem a sua garagem para o seu local de reunião e correu à frente para fazer o café. Apesar de nenhum dos policiais, bombeiros, ou do

pessoal da ambulância ir com a cara dele, ninguém contestou a sua oferta. Estava chovendo muito.

É assim que o grupo de policiais, bombeiros e paramédicos respondendo à cena, foram se reunir na garagem do vizinho intrometido, se secando, esperando pelo café quente, e enquanto se aguarda a palavra e chamada para ação de seus superiores. Ali estavam incluídos, o Delegado Chris Maitland da delegacia do município de Dortmund, uma novíssima em folha paramédica, Lisa Clayton, do Serviço Municipal de Sturm, e representando o Corpo de Bombeiros de Cedartown, o bombeiro veterano John Reid e o recruta ensopado até as orelhas, Ward Baker.

Seu anfitrião podia ser visto como alguém buscando por diversão, através daquilo que deve ter sido a sua janela de cozinha, numa moradia de sessenta pés ou então da garagem. Ele tinha deixado a porta da garagem convidativamente aberta para a chegada deles, um espaço com as suas ferramentas fora de alcance dos casacos e equipamentos que eles quisessem pendurar ou espalhar, e uma mesa, rapidamente construída sobre cavaletes e tábuas, com guardanapos, pratos de papel e uma torre de copos de bebida quente/fria já no lugar.

Por acordo unânime da equipe de funcionários reunidos ali, a porta semiaberta foi novamente fechada na esperança de amortecer o cheiro degradante, apenas um pouco mais. A tempestade, porém, não seria evitada. Ela continuava caindo lá fora e o brilhante relampejar visto através da lateral de janelas da porta da garagem.

O proprietário da garagem entrou saltitando das trevas através da porta, com uma bandeja de servir gigante (coberta contra a chuva) nas suas mãos. Ele tirou a sua capa de chuva amarela, e enrolado as mangas de sua camisa e começou alegremente a servir café para os encharcados membros dos serviços de emergência. Apesar do fedor no ar, ele estava radiante como se ele tivesse ganhado na loteria e claramente desfrutando o melhor tempo de sua vida. Nem mesmo tinha deixado suas xícaras cheias, lá estava ele de volta com a sua capa e outra vez em busca de mais guloseimas.

Ele passou pelo parceiro de Maitland, o delegado Grayson que estava entrando. Grayson fechou a porta atrás dele contra a tempestade. A camisa e as calças do uniforme marrom do delegado estavam protegidas e secas, mas sua capa de chuva cinzenta estava ensopada. Ele sacudiu-se como um cão espirrando água. O pessoal reunido depositou sua atenção em Grayson, enquanto Maitland em nome de todos perguntou, "Alguma novidade?"

"Nada." Grayson chacoalhou a capa e o seu chapéu de patrulheiro e o piso se tornou uma obra de arte moderna de água espalhada pelo concreto. "Eu deixei a motorista do caminhão com a escada... desculpe, sou péssimo com nomes".

"Henderson", Baker, o mais jovem dos dois bombeiros, respondeu. "Paul Henderson".

Grayson acenou. "Eu deixei o Henderson e...a motorista?"

"Sandy Lund", Reid, outro bombeiro, disse.

"Lund," Grayson concordou, então acrescentou, "Rapaz, ela tem uma boca, não?"

"Sim", ambos os bombeiros falaram em uníssono. "Ela tem."

Grayson pendurou sua capa na parede, como os outros e o seu chapéu em cima. Virando para trás, viu a paramédica, Clayton, uma loira baixinha em um uniforme azul e se lembrou, "Ah, e o outro paramédico." Ele segurou o olhar. "O seu chefe?"

Lisa nem farejou, mas parecia como se ela tivesse entendido. "Meu parceiro", disse ela, corrigindo ele, depois mudou novamente para mostrar a diferença com relutância, "Meu superior, Abner Perry".

Grayson acenou. "Como eu disse, sou péssimo com nomes. Eu deixei aqueles três de plantão fora da casa, observando a porta da frente e para manter um olho na multidão."

"Você está esperando por uma?" Clayton perguntou.

"Uma multidão? Geralmente, sim. Faça disso "sempre"...uma multidão. Mas com a tempestade - e o fedor - ninguém ainda teve coragem."

"Exceto nosso anfitrião", disse Maitland levantando um polegar para a parede e, por implicação, para a casa do colega acima. "O rapaz que você acabou de encontrar na porta. O vizinho que

encontrou os corpos e telefonou. Ele está fazendo mais café, Deus o abençoe".

"Qual é o nome dele?"

Maitland considerou a questão e encolheu os ombros. "Caramba, eu não me lembro. Não sou muito melhor com nomes do que você. Schreck, eu acho, ou Shock, ou Shanks, está nas minhas anotações. Eu estava pensando de chama-lo como 'o Proprietário'."

Grayson deu uma risadinha. "Isso porque você gosta de palavras grandes."

"Que tal o nosso chefe do Corpo de Bombeiros", Baker perguntou, interrompendo. "Ele não estava lá fora?"

"O velho cavalo de guerra? Sim", disse Graeyson. "Ele está na cena do crime; sentado no motor do carro. Ele vai esperar. Eles estão esperando pelo Xerife e o Médico Legista, exatamente como nós. Nada a fazer senão esperar."

Baker suspirou. Ele olhou para fora de uma das janelas, para baixo do bloco no sentido da casa, embora a escuridão e a chuva impedissem ele de ver nada além das luzes vermelha, azul e amarela do pisca-pisca dos veículos de emergência". "Uau", disse ele. "Eu me sinto como se eu devesse estar lá fora. Mas eu só... Apenas o cheiro sozinho...eu não sei como eles aguentam com ele. Três minutos e minhas entranhas estavam fazendo piruetas".

Grayson assentiu com a cabeça, então virou novamente para a Clayton. "Sua chefia estava à procura de uma luz verde em torno das colinas", ele disse para ela. "Ele está sentado na sua ambulância agora, segurando uma cápsula de amoníaco fraccionado, e tomando uma dose dele. Ele *não está* tendo um bom momento. Mas os outros três ... Eles são do Corpo de Bombeiros já faz um longo tempo".

Reid riu. "Tenho certeza de que eles já sentiram o cheiro da morte antes."

"É muito mais do que a morte", o jovem bombeiro continuou, "é um show de horror." Como se para acentuar o comentário de Baker, trovões soaram lá fora e luzes de relâmpagos brilharam através das janelas.

"Você não a viu bem de perto", disse Maitland. "É uma perfeita noite de horror, sem dúvida. Para fantasmas e espíritos, para homicídio e loucura, para histórias de coisas que vagueiam na noite tempestuosa."

Clayton comeu uma framboesa e voltou a beber o seu café.

"Ahh, Lisa." Até então, Reid continuava vestido com a sua pesada capa. Agora ele a tirou, a pendurou no canto para secar e ficou só com a camiseta azul (com uma Cruz de Malta dos bombeiros abrasonada no seu peito esquerdo), calça de bombeiro amarela, e botas, com os dedos polegares atrelados nos seus suspensórios como um agricultor no seu campo. "Qual é o problema? Você não gosta de histórias de guerra? É uma tradição", Reid continuou, "sempre que os policiais, bombeiros e paramédicos se encontram, de contar histórias. Em tempos como este, elas são uma exigência profissional."

Reid fez uma pausa para as gargalhadas concordando.

"Agora eles estão fora da cama, nossos chefes, o Xerife e o Médico Legista, quando chegarem aqui, terão o seu doce tempo para avaliar a cena, dando mancadas e sentindo-se importante. Quando eles já tiverem cheios o suficiente, a menos que esses senhores..." Reid apontou para os assistentes do delegado para dar ênfase. "...não ver aquilo que viram, vamos ter de esperar para o agente funerário vir recolher tudo o que sobrou."

Ao sair do seu momentâneo surto, Baker riu e acenou para Clayton. "Ele está certo, Lisa. Temos tempo de sobra para matar. É melhor você nos contar uma história de guerra."

"Sou uma paramédica novata ", exclamou. "Tão nova quanto você. Eu não tenho ainda histórias de guerra".

Mais risos se seguiram, desta vez de todos. Em seguida um particularmente impressionante relâmpago piscou e uma rajada de trovão foi ouvido. A garagem ficou quieta e tudo o que podia ser ouvido foi o cair da chuva sobre o telhado. Mais de um no grupo levantou a sua caneca para perto do rosto. Com a respiração rápida, uma nevoa se criou na superfície do café e mesclou o odor da infusão com o maçante cheiro de morte no ar.

"Ok, a paramédica precisa de um minuto para pensar sobre isso", Maitland pediu atenção. "Alguém em seguida. Conte uma história de guerra. Mas, em honra da noite tenebrosa e da situação, deverá contar uma história de terror".

O delegado analisou o grupo mas parecia não haver voluntários.

"Que tal você?" Grayson perguntou de volta. "Para você parceiro, nunca falta história. Comece para a gente".

"Eu posso se vocês quiserem," disse Maitland. "Tivemos muitas experiências".

A porta da frente escancarou. O Proprietário entrou cambaleando, ele tinha chutado a porta fechada, e caiu contra ela como se quisesse conter a tempestade com o seu corpo avantajado. Ele cegamente tirou um bule de café fresco e duas caixas de biscoitos debaixo do seu casaco. Cegamente, pois as suas lentes grossas ficaram embasadas e o seu rosto virou uma cascata de pelos, do seu cabelo caindo nos óculos, e do bigode, para o queixo. Com suas mãos, cheias, ele não podia fazer nada.

Clayton tomou o bule de café. Baker pegou os biscoitos dele, balindo, "Oi! Que tal isso?" Ele agitou as caixas. Olhem, "*Devil's Food!*"

A equipe de emergência riu da sua piada. O pobre Proprietário, passando as mãos pela sua caneca molhada e agora com as suas mãos livre, não entendeu a piada e inocentemente mostrava a sua confusão.

"Não se preocupe com isso", Grayson lhe disse. "Ele gostou da sua escolha de petiscos."

"Oh!", o anfitrião disse, com nenhuma outra prova de que a luz do entendimento tinha sido acesa.

"Delegado Maitland estava prestes a nos contar uma história de guerra", disse Clayton. "e uma história de terror?"

O delegado sorriu. "Acho que preenche ambos os requisitos. Mas talvez o nosso anfitrião preferisse em vez..."

"Ah", o anfitrião disse como algo entre o alarme e o prazer, "não prestem atenção em mim. Eu adoraria ouvir uma".

"Vocês me deixaram curioso", disse Grayson. "e temos tempo. Vá em frente, parceiro, conta."

"Sim", Baker concordou com entusiasmo. "Conta".

"Ok", disse Maitland, recebendo uma outra dose quente na sua caneca. "Eu contarei". Ele recusou um biscoito, fortaleceu a si mesmo com um cuidadoso trago de café, e olhando para as vigas da garagem por cima das suas cabeças, como se estivesse procurando uma maneira de começar. Ele achou algo, assumiu uma expressão grave e, completamente saído do nada, disse, "O restaurante era bom".

## Dois

Não, o restaurante era melhor do que bom. Ele era lindo. Madeira, couro por todo lado, lustre de cristal, prata e porcelana da china em cima de toalhas de mesa com melhor aspecto do que lençóis de linho. Imagine uma toalha de mesa que você queira dormir. E ela? Ela era Vicki Robbins. Ela tinha chegado, ou a propósito, sem um convite ainda da parte dele, pois ela não pertencia a este restaurante requintado. Assim ela parecia. Sua boca pintada com batom vermelho travou aberta.

"Boa Noite, *Madame*," o *'la-de-da'* rapaz no balcão da reserva disse. "Posso ajudá-la?" Ele parecia um garçom, só que mais importante. Vicki sabia que ele era o *'mate-er-dee'* (embora ela não tinha a certeza da pronúncia e não podia soletrar). "Oh, eu não sei", disse ela, tropeçando fora da porta. "Eu acho que sim, talvez. *Eh*, você pode me dizer, se o Sr. Canning está aqui?"

"Monsieur Canning?" O *maître d'* repetiu. Sua sobancelha arqueou mas caiu de volta no lugar tão rapidamente que Vicki dificilmente notou. "Certamente, *Madame*", ele prosseguiu. "Ele está esperando por você."

"Bem, eu não estou certa de que ele está." Vicki deu um meio sorriso. "Na verdade, tenho certeza de que ele não está." Ela estava fora do páreo. "Ele talvez esteja. Bem, não me esperando, eu não quero dizer isso. Ele está esperando por outra pessoa. Mas ele vai ficar feliz porque eu vim. Talvez".

O *maître d'*, olhou fixamente, desta vez sem reagir. Ele não era pago para reagir. Em vez disso, ele estalou os dedos apontando para um quase irmão gêmeo que deslizou silenciosamente para atrás do balcão no seu lugar e, sorrindo agradavelmente para a jovem mulher, ergueu a sua mão em direção à sala de jantar. "Por favor, siga-me".



Eles passaram por um moço vestido com um tuxedo tocando um piano. Era agradável, mas nada para uma linha de dança. Então Vicki o viu, pela segunda vez naquele dia, apenas além do braço do *maître d'*. Ele era um homem de boa aparência com um cabelo horroroso, escuro e muito parecido como o fim do negócio de uma escova para mamadeira - mas com olhos meigos, um terno caro azul e sapatos sem arranhões e apresentando nem uma marca ou vergado, sentado sozinho em uma mesa para dois. Sim, ele era Mr. Canning, tudo certo. Ele olhou por cima quando eles chegaram, sorrindo, mas com perguntas em seus olhos. O *maître d'* alcançou a cadeira em frente. "*Madame.*"

"Perdoe-me", Vicki disse, pousando sua mão sobre a sua lapela. "Melhor não sentar ainda. Não sei se ele vai me querer." Ela voltou para o homem à mesa. "Sr. Canning, você não me conhece," disse Vicki, apressada com o seu discurso antes que ele a mandasse embora. "Você se lembrará de mim, 'porque você me viu no consultório do seu médico esta manhã. Eu sou Vicki Robbins, eu, *eh*, arquivo os registros médicos para o médico, o médico que viu hoje, Dr. Lundgren. Eu estava lá quando você saiu. Realmente, eu estava lá quando você entrou também, que eu acho que é mais importante, 'o porquê', que é quando você perguntou para a recepcionista, Donna Rogers, uma loirinha, com pontas espigadas, se ela jantaria com você essa noite. E ela disse que sim, então você pediu para ela encontrar com você aqui no 'The Vineyard'." Vicki se virou para dizer para o *maître d'*, "A propósito, você tem um belo restaurante", porque quando você estiver se fazendo de tola você precisa de todos os amigos que possa conseguir.

"*Merci.* Obrigada, *Madame.*"

"Você é bem-vinda, tenho certeza." Ela voltou-se para o Mr. Canning como se ela nunca tivesse deixado de falar. "Mas depois, depois que você se foi, Donna percebeu que não poderia ir. Então, bem, aqui eu estou. Quero dizer, eu sou Vicki e, se me quiser... quero dizer, se você não se importa de eu tomar o lugar dela, eu adoraria jantar com você - em vez disso." Ela segurou sua respiração, então adicionou algo que ela tinha esquecido. "Donna mastiga com a sua boca aberta".

Pronto. Ela terminou. Os talheres de prata de verdade *reluziam*, as taças de cristal *tiniam*, ruídos elegantes os rodeavam naquele embaraçoso momento. Vicki poderia ter ficado corada com o embaraço, mas ela não era do tipo. O Sr. Canning, por outro lado, corou só um pouco. Então ele empurrou sua cadeira para trás e ficou de pé. "Por favor, *Eh...*"

"Vicki."

Ele sorriu. O sorriso, como o restaurante, era bonito. "Vicki, naturalmente. Por favor. Se junte a mim." Então ele disse para o *maître d'*, "Uma garrafa de champanhe. Algo agradável."

"*Oui Monsieur.*"

"Ah, champagne!" Vicki suspirou, se ajeitando na sua cadeira. "Isto é tão lindo. Eu não me lembro da última vez que eu comi fora, onde o garçom não tem um chapéu de papelão e pergunta se eu quero uma refeição ou apenas o sanduíche." Ela deu nervosamente uma risadinha e, o Sr. Canning riu também, e assim foi. "Quando você apareceu na clínica, quando você convidou Donna para sair esta noite, eu confesso, eu estava com um pouco de ciúmes. "porque, quero dizer, você é atraente e bem vestido e você disse para ela, 'The Vineyard', o que significa que você tem dinheiro. Não é que isto importa, mas é claro que sim, um pouco. Depois, quando você saiu da sala de exame e você disse para o médico..."

"Você ouviu?"

"Bem, eu estava lá. Eu não poderia evitar de ouvir. Eu não estava tentando espionar, juro, mas eu não pude evitar de ouvir. Peço desculpas se embaracei você."

"Eu não estou embaraçado, Senhorita... Robbins?"

"Vicki, por favor."

"Vicki. Não estou embaraçado quer pela minha condição ou minhas tentativas de remediar. E eu nunca quis insinuar que você tinha espionado. O que eu disse não era nenhum segredo. Eu simplesmente disse para o Dr. Lundgren que não havia nada mais o que dizer."

"Você certamente disse", exclamou Vicki.

Tinha sido um pouco de encenação. O Sr. Canning tinha chegado da sala de exame bufando com o cirurgião, Dr. Lundgren, falando

pelas suas costas. Em seguida, efetivamente, o Sr. Canning havia lhe dito, sem raiva, mas certamente com veemência, "Não há nada mais a ser dito. Se você não pode fazê-lo, você não o fará!"

O médico, aparentemente estava tentando explicar a sua posição sobre tudo o que eles tinham discutido, disse-lhe, "Sr. Canning, por favor. Mesmo se eu concordar com a sua compreensão da sua condição, do procedimento que você deseja... Bem, me desculpe, mas simplesmente está fora de questão. Se pudéssemos levar isso de volta para a sala de exame..."

"Não", Sr. Cannig tinha dito. "Não há motivo para isso."

O resto da cena foi memorável principalmente porque depois que o Sr. Canning agradeceu ao médico pelo seu tempo dispensado, ele pediu desculpas para Donna e Vicki pensou que talvez para ela também porque ele disse, "Perdoem-me, senhoras. Eu não planejei fazer uma cena." Então ele perguntou para Donna se eles ainda iriam sair para jantar. Ela respondeu que eles iriam, e o Sr. Canning foi embora.

A Vicki sorriu para o Sr. Canning do outro lado da mesa chique. "Então Donna mudou de ideia", disse ela. "Então aqui estou eu".

Ele assentiu com a cabeça lentamente. "Donna disse por que ela mudou de ideia?"

"Ah, eu estava com medo de que," disse Vicki. Ela mordeu seu lábio inferior. "Eu acho que eu não sou do seu tipo, né?"

"Não é isso. Donna realmente não faz o meu tipo. Eu estava apenas curioso".

Vicki não quis contar para ele o que tinha acontecido a seguir. Havia acontecido outra cena em si. Ela não quis dizer, não sabendo como ele reagiria, mas a enfermeira do Dr. Lundgren tinha metido o seu nariz. Tão logo o Sr. Canning tinha ido e depois ela, que é a enfermeira, veio até à mesa da Donna e perguntou "Você não está saindo com esse cara, você está?" Quando Donna assentiu, ela disse, "Você pode querer reconsiderar."

A companheira de Vicki perguntou por que razão, é claro, e a enfermeira disse, "Bem, eu não posso dizer; ele é um paciente. Quero dizer que ele não é contagioso, mas... Vamos apenas dizer,

ele é um 'lulu' de um paciente. Faça a você mesma um grande favor, querida, encontre outra coisa para fazer esta noite."

Donna mudou de ideia, então e ali, ela não iria sair. Então ela decidiu que não ia deixar o Sr. Canning saber, de qualquer forma. O que não pareceu correto para a Vicki. Não estava correto mesmo. Além disso, a Vicki mesma, não tinha saído por um longo tempo. Então ela pegou uma chance para si mesma e aqui estava ela. Agora Sr. Canning queria saber por que razão; evidentemente que ele perguntou. Ela realmente não queria dizer-lhe, não todas, não sobre Donna. Ela não estaria ali se não fosse para Donna. Ela devia para ela de não dizer sobre ela. E ela não deseja ferir os sentimentos do Sr. Canning, não antes deles pedirem. Assim, parecia, arrumando uma desculpa para a Donna era a melhor abordagem. "Ela não poderia vir. Sua mãe está doente", Vicki lhe disse. "Então eu me intrometi".

"Não é nenhuma intromissão, Srta. Robbins".

"Vicki."

"Vicki. Estou feliz porque você veio. Sentado sozinho teria sido embaraçoso. Alguns poderiam dizer que eu já me envergonhado o suficiente por um dia."

"Mas você se envergonhou de forma alguma. Não pense nisso. Eu sinto que o Dr. Lundgren não pode ajudar você."

"Eu não acho que ele poderia." Ele encolheu os ombros. "Eu corri o risco".

"Viu, temos algo em comum. Ambos corremos o risco." Eles compartilharam um sorriso. "Você se importa, Sr. Canning -"

"Lancelot. Esse é o meu, *eh*, primeiro nome."

"Lancelot? Realmente? Como o cavaleiro... com armadura brilhante?"

Ele tinha ficado ainda mais vermelho. "Meus amigos me chamam, Lance. Chame-me Lance, Vicki."

"Certo, Lance. Você se importa, Lance, se eu perguntar... exatamente qual é a sua condição médica?"

"Você não sabe?" Lance parecia surpreso. "Eu achava que todo o escritório riu à minha custa após eu ter indo embora".

"Ah, não! Nós não somos dessa forma. Estou certamente não sou desse jeito."

"Não. A sua presença aqui comprova isso. Só que poucos compreendem a minha condição. A maioria considera a ideia inteira repugnante. E eles certamente não iriam discutir sobre ela durante o jantar."

"Eu trabalho em um consultório. Tenho visto e ouvido tudo. Qual o procedimento que você deseja fazer?"

"Eu queria que o médico amputasse o meu braço esquerdo".

"Meu Deus! O que há de errado com o seu braço?"

"Até onde eu sei, nada."

\* \* \*

Mais tarde, muito mais tarde, uma chave rodou na fechadura e a porta do apartamento de Lancelot Canning se abriu para dentro. Ao acender a luz do corredor, Lance e Vicki, estavam com seus braços cheios, ambos oscilando bêbados, tropeçaram dando risadas. As trevas os tragou com Lance empurrado a porta para fechar novamente.

"Eu não consigo fazer isso!" Vicki disse com um sussurro. "Isto é uma loucura. Quero apenas ir para casa. Eu bebi demais e isto é louco".

"Não, não! Você prometeu."

"Mas você não pode me segurar para isso", Vicki insistiu. "Isto é loucura!"

"Ok, aguarde. Aguarde. Aguarde." Lance tinha encontrado o interruptor, as luzes piscaram e eles piscaram também. "Pelo menos tenha uma bebida comigo. Vamos falar sobre isso."

"Ó-Kay, um drinque." Seus braços estavam cheios, um saco de papel em um, um longo pacote fino, no outro. "Oh, eu estou tão cansada, eu mal posso falar e não consigo manter os olhos abertos. Eles devem ter pensado que éramos loucos naquela loja. Onde...whew ... onde você deseja que eu coloque essas coisas?"

"Em qualquer lugar", Lance disse para ela. "A escrivaniinha, uma cadeira. Vou botar o gelo no congelador." No caminho, ele voltou

para ver a Vicki deixando as coisas no sofá. "Oh, não ai! Isso pode estragar a almofada." Ele apontou para um pequeno recanto contra a parede. "Coloque tudo sobre a mesa".

A Vicki resmungou. Já não era da conta do seu nariz. Ela então pensou que talvez ela não deveria pensar desse jeito e riu - tranquilamente. Álcool em demasia. A mesa estava mais longe do que parecia e a sala estava levantando, o que não ajudava, mas ela fez tudo e como foi instruído, deixou ali a serra e o serrote. Ela tirou o seu casaco e não tomou conhecimento quando ele perdeu a mesa completamente e caiu no chão. "Deus, isto é insano", ela suspirou. "Ah, a minha cabeça está nadando. É melhor eu me sentar."

O retorno para o sofá foi estranhamente mais longo do que a viagem para a mesa tinha sido e ela afundou sobre o braço e sobre a extremidade da almofada com alívio. Com os seus pés para o alto, Vicki perguntou, "Do que é chamado?"

Lance saiu da cozinha secando um enorme facão de açougueiro. "Do que o que é chamado?"

A Vicki fez um daqueles *tsk-tsk* ruídos de impaciência. Eles não tinham apenas discutido sobre isso? "A coisa do seu braço. A condição. Como a sua condição é chamada?"

"Eu te disse no taxi." Ele jogou o pano de prato de volta para a cozinha e deixou o facão na mesa do lado do serrote ainda embalado. "É chamado de TDC. T - D - C. Transtorno Dismórfico Corporal. Alguns a chamam de Dismorfia do Corpo. Alguns apenas chamam de loucura. É uma condição rara que se caracteriza..." tomou um fôlego; tinha bebido também. "...caracterizada por um desejo irresistível...de amputar um ou mais dos seus próprios membros inferiores. O que você está bebendo?"

"Isso não faz qualquer sentido." Ela ouviu o *clink* do gelo e percebeu que ele tinha se movido novamente. Levou um momento para encontrá-lo, sobre o pequeno bar, fazendo - algo.

"O que", ele perguntou com um grande sorriso, "é absurdo sobre beber?"

"Humm?" Bebidas! Então o que ele estava fazendo. "Não! Beber faz sentido. Vou tomar gin, se você tiver. Se você não tiver, eu não

quero nada. Cortar fora um perfeito bom braço, *isso* não faz qualquer sentido."

"É isso que o torna uma desordem." Ele derramou as bebidas e foi até o seu caminho. "Obviamente, *eu* não vejo dessa forma. Para mim, não pertence; o braço, quero dizer. Não é meu. Está errado e eu quero que ele desapareça."

Vicki pegou sua bebida e beberam. "Eu não entendo."

"Você não está sozinha. Poucos o entendem. O desejo e a necessidade, para ser desativado parece tão bizarro e contrário ao que a maioria das pessoas pensam que é normal. Aqueles como nós que sofrem uma dismorfia, guardamos para nós mesmos."

"Nós"?

"Não estou sozinho. acredite em mim, há outros. Quem sabe quantos? Você viu a reação do Lundgren. Você deveria ter ouvido ele antes de nós deixarmos a sala de exame. Ele disse..." Lance limpou sua garganta e fez uma boa imitação da voz do médico. Pelo menos parecia algo bom para amortecida sensação de audição da Vicki. "Você está em um declive escorregadio, Sr. Canning." Foi isso que ele disse. Então ele disse, "Eu não tenho nenhuma intenção de me unir a você. Não vou empurrar o envelope para uma pessoa limitada que não está em contato com a realidade e não consigo dignificar a sua *ideia* de normalidade por esquartejar seu corpo saudável." Lance lavou o discurso com o seu uísque.

"Você não pode culpar ele".

"O inferno eu não posso. São atitudes subjetivas como estas, de uma completa falta de opções de médicos, em que a força os doentes com TDC tratem deles mesmos. Os obriga a tomar medidas extremas para paralisar ou se amputar ... como o que vamos fazer." Lance se virou e focou nela. "Vicki", ele pediu com sentimento, "você ainda está comigo?"

"Eu não sei", disse Vicki, então bocejou longamente. "Me desculpe. O álcool. Você me fez ficar bêbada. Estou tão cansada. Você estava dizendo..... pessoas com este problema... ter feito isso antes?"

Assentindo, Lance caiu sobre o sofá ao seu lado. "Eu li sobre um cara que congelou a sua perna com gelo seco. Outro explodiu uma

com uma espingarda. Eu conheci um homem que pagou US\$10.000 para uma amputação ilegal no México, então morreu de gangrena. E tenho experiência em primeira mão. Vejo o choque sobre o seu rosto. Sim, eu tentei cortar o meu braço. Mais de uma vez. Eu coloquei debaixo de um caminhão, para esmagá-la. O macaco caiu na direção errada e eu viajei com dois braços e um olho roxo".

"Ah, coitadinho de você".

"Eu não desisti," disse Lance. "Como eu poderia? Meu braço esquerdo não pertence a mim e o meu cérebro não permitia me esquecer-lo. Eu tentei arranca-lo com uma serra circular de mesa. Eu pratiquei com animais."

"Ah, como você pode?"

"Não. Eu não feri qualquer um! Quero dizer que pratiquei em partes de animais que eu consegui com um açougueiro. Eu praticava disjuntando eles nas articulações. Fiquei bom, mas, quando vejo uma serra, eu perco meus nervos."

A Vicki fixou o olhar, tentando concentrar-se. "Eu não acho que é perder os nervos por *não* cortar fora o seu próprio braço".

"Isso é exatamente o que era. E não é meu braço! Por vários dias, eu dirigi ao redor, incontáveis horas, infinitas milhas, apenas dirigindo com o braço pendurado para fora da janela, esperando, rezando para que alguém iria raspar no carro e arrancar fora o braço. Uau, Vicki, estou aborrecendo você? Você está apagando, seus olhos estão fechados".

Ela lutou por meio de outro bocejo. "Desculpe. Por favor, continue."

"Não tenho muito mais a dizer. Psiquiatria não funciona. A medicação não funciona. A cirurgia é a única cura e muitas pessoas são forçadas a tomar o assunto com suas próprias mãos... como nós."

"Por que nós? Não tem qualquer médico..... quem pode ajudar?"

"Houve um cirurgião na Escócia. Ele amputou algumas pernas; deu a vários homens a sua liberdade. Mas eles o fizeram parar. É ridículo. Isso não é novo. Há mais de duzentos anos, na França, um cara postou uma pistola apontada à cabeça do cirurgião e o obrigou a amputar sua perna. Depois, ele enviou uma nota com "obrigado"



dizendo que o médico tinha feito dele "o mais feliz de todos os homens".

Ela estava bocejando novamente. "Feliz?"

"Ninguém gosta desta disfunção. Não sabemos como nós a conseguimos. É uma tortura mental. É pior do que a síndrome de membro fantasma, onde os amputados sentem dor nos membros inferiores ausentes. Alguns neurologistas acham que eles encontraram uma disfunção no lobo parietal direito que interrompe o mapa do corpo de um sistema auto unificado".

"Humm?"

"Os sentidos não coalescem. Sinto meu braço. Mas o sinto errado... adicionado."

Vicki estava agora lutando, um bocejo entre cada poucas palavras. "E você deseja realmente que nós... eu pudesse fazer alguma coisa para aliviar o seu sofrimento, Lance. Mas eu não sei como cortar o seu braço!"

"Vou orientá-la", disse-lhe, então complementou, "enquanto estou consciente. Vicki, eu estou determinado. Você prometeu que iria ajudar." Ele apontou para o saco sobre a mesa. "Compramos torniquetes e ataduras de sangramento, um telefone celular novo caso... as coisas fiquem fora de controle. Estamos prontos. Você está pronta. Você é tão compassiva. Você *entende*. Você se parece com a Davina".

"Eu apenas... para dizer a verdade, estou um pouco tonta. Eu não...Qual é o assunto comigo? Estou de repente tão... não sei. Desculpe. Você eram..." ela parou. Ela moveu seus olhos duramente para ele. "Quem é Davina? Oh, Inferno, você tem uma namorada."

"Não, eu não. Não se preocupe; não. Não é mais. Quero dizer, Davina foi a minha namorada. Davina está morta. Morta a quase um ano. Ela era como você, Vicki, compreensiva. Compreendeu que viver uma mentira é o pior castigo humano".

"Ah", disse Vicki, compreendendo (e bocejando) novamente. "Você pobrezinho, pobrezinho... Eu me sinto tão mau para você. E, você sabe uma coisa, Lancelot, você não é um excêntrico".

"*Eh*, obrigado".

"Tenho uma confissão, Lance. Eu menti para você." Do nada, Vicki ficou emotiva. "Eu menti para proteger seus sentimentos. Não há nada de errado com a mãe da Donna. A cadela rude disse que ela evitou uma bala e concordou com a enfermeira do Lundgren que você era estranho. Ela deu um fora com você. Nenhuma chamada, sem cancelar, deixando você a esperar nesse restaurante. É por isso que eu vim." A emoção partiu com seus olhos ficando mais pesados. "Desculpe... Não consigo manter os meus olhos abertos."

Lance fixou os olhos na Vicki, estudando, mentalizando. Ele engoliu duro e, tendo decidido, disse, "Eu não consigo mentir para você quer, Vicki. Não quando você escutou tão pacientemente. Você é tão doce, tão compreensiva, por concorda de cortar fora o meu braço. Tenho de lhe dizer a verdade. Eu não sofro de TDC".

"Você..." Ela mal conseguia manter sua cabeça erguida. Abismo novamente, balbuciando com a sua fala, ela forçou a questão. "Você ... não sofre?"

"Não. Oh, tudo o que eu dizia era verdade. Não é verdade de mim. Davina era quem tinha a desordem. Ela ficou obcecada com a crença de que suas pernas precisavam ser cortadas para fazer ela se sentir completa. Foi o que eu fiz para ela. Eu terminei com o seu tormento. Eu fiz o seu corpo...ficar certo."

"Você..." ela tentou retomar sua mente em torno dela. "Você amputou de sua namorada as..."

"...pernas. Sim. Ela era uma nova mulher depois de a ter feito completa. Meu Deus, Ela floresceu! Ela ficou depois tão bonita, tão intensa. E o sexo! Eu amputei um terço de seu corpo e ela se tornou mais mulher do que eu poderia lidar." Ele riu com a memória dela, então virou para a Vicki. O riso diminuiu. "Agora ela desapareceu. E *eu* não estou mais completo."

Vicki gemeu, completamente desorientada, mas ainda querendo estar lá para o Lance. "Ah, pobrezinho, triste, coisinha doce".

"Você não está com nojo?", ele perguntou com espanto. "Você não me odeia?"

"Eu não...compreendo. Mas quem sou eu para.....julgar? Você ama alguém... com uma rara, horrível *dismo*... Eu não sei o que está errado..... muita bebida."

"Não, querida, não é a bebida. São os *comprimidos* que eu coloquei na sua bebida. Eu nunca conheci ninguém como você, Vicki. Eu marquei uma consulta com o seu consultório por causa da Donna. Eu vinha seguindo ela a semanas porque ela parecia muito com a Davina. Mas ela não era como Davina. Ela não teria entendido o procedimento necessário. Ela não era o meu tipo. Admito, você tão pouco era. Mas não era até depois que eu... após a cirurgia da Davina, eu descobri qual era realmente o meu tipo".

Ele ficou de pé.

"Ah, vai ser ótimo! O congelador está cheio de gelo. Eu roubei uma bolsa cheia de sutura do Lundgren, você mesma escolheu a serra, e a banheira está pronta para você."

"Espera", Vicki clamou, lutando apenas para se manter consciente. "Espera. Espera!"

"A espera é longa, querida. A nossa nova vida começa hoje à noite." Ele a levantou, gemendo. "Ah, você é mais pesada do que eu imaginava." Lance começou a caminhar da sala para o banheiro, com Vicki nos seus braços. "Eu não estou acostumado de carregar uma mulher que tem... *ah*, mas não se preocupe. Em breve, vamos dar um jeito nisso".

## Três

Herb Flay parou a porta da frente do seu pequeno apartamento, olhando para fora e para cima da chuva e a miniatura de cachoeira descendo pela sua pequena escada dos fundos. Ele não fez uma pausa para uma capa de chuva (ele não possui uma) ou um guarda-chuva (que ele próprio nunca teve um). Ele girou seu punho em torno de suas chaves do carro, para não as perder na corrida, e se jogou na tempestade. Três segundos até o piso escorregadio das escadas, oito segundos cruzando o gramado para o estacionamento da comunidade, quatro segundos... quase oito...tentando acertar a fechadura na porta do motorista do seu antigo Maverick. Ele entrou e fechou a porta novamente com um surdo e oco. Ele estava ensopado e ofegante (para um rapaz magrela, ele não estava em boa forma), mas ele estava fora da chuva e no seu caminho. Suas roupas grudadas à sua pele, ele fazia uma chiadeira contra o banco de vinil, mas Flay não podia reclamar. A Casa Funerária e Crematório Fengriffen tinha chamado ele de volta. "EI", disse ele em voz alta, limpando as gotas de água de seus olhos, "é um meio de vida."

Ele deu partida no antigo Maverick, acendeu as luzes e ligou o limpa-vidros, e saiu para fora da unidade de estacionamento na noite. Sim, senhor, é um meio de vida, ele pensou.

Pelo menos era, antigamente. Ultimamente, trabalhando com os mortos não tinha sido muito um meio de ganhar a vida.

Dizer que o negócio estava indo devagar seria uma subavaliação do século. O negócio estava para lá de horrível, horroroso. Apenas cinco pessoas faleceram em toda a cidade, nos quatro meses que Flay tinha trabalhado. Três das cinco tinham ido para a concorrência, a Casa Funerária Grimsdyke, no outro lado da cidade. Deixando dois míseros serviços, um deles uma cremação, em

quatro meses. Não, a taxa ajudando as pessoas a terem seu repouso final não era mais um meio de vida... absolutamente.

A manhã do dia anterior voltou para Herb Flay como um raio.

Marlowe Blake, o patrão de Flay, tinha chamado para ir até o escritório e o demitiu. Sim, o mandou embora por falta de trabalho. Você poderia ter derrubado Flay com uma pena. Perdão, ele não tinha sido demitido. Não havia desentendimento entre eles. Não houve uma cena. Nada havia de errado com o seu trabalho. O trabalho de Flay era bom. Mas em Sturm's Landing, sua pequena parte do mundo, onde as únicas certezas era morte e impostos, ninguém estava morrendo. Assim Marlowe, sem nenhuma ideia de quando - ou se - ele seria capaz de chamá-lo de volta, teve que mandar Flay embora.

"Desculpe, *ehh*, Herbert", Marlowe tinha dito, no mesmo tropeçar, incerto modo de dizer tudo. "*Ehh*. Que é, *ehh*, a vida é assim mesmo." Flay ficou devastado. Ele era por natureza um planejador e, na medida que o trabalho seguia, seu plano tinha dado errado. Sua vida tinha desmoronado.

Assim se explica a emoção de Flay, porque ele saltou de alegria quando o telefone lhe acordou a uma hora de uma manhã tempestuosa. Por que agora ele estava feliz de estar juntando os elementos no seu Maverick caindo aos pedaços. O Anjo da Morte tinha puxado para trás sua bela capa preta, sorrido terrivelmente, balançado a sua foice afiada vivamente, e trazido um par de feixes. Flay deu risada do seu pensamento. Sim, a Morte tinha apontado a ponta da lamina de um osso metacarpo e, como a companhia telefônica, estendido a mão e tocado alguém. Alguns, no plural. Dois estavam aguardando por remoção. Flay uivou. Da Fengriffen tinha chegado uma chamada, a chamada. Tarde como foi, a chamada tinha chegado em tempo. Marlowe precisava de ajuda e, *cha-ching*, Herb Flay tinha o seu trabalho de volta.

Duas pessoas tinham sido encontradas mortas!

\* \* \*

Ninguém estava fazendo qualquer ruído, uivando, ou saltando de alegria no Posto de Comando na garagem do vizinho intrometido. Todos eles reunidos, policiais, bombeiros, paramédicos e o Proprietário estavam tão silenciosos como aranhas no túmulo, olhando como em um mudo silêncio para o Delegado Maitland. Sua história da pobre, infeliz Vicki Robbins tinha...transtornado eles - para dizer no mínimo. Eles ficaram boquiabertos, cada mente pensando o que seria as imagens criadas pelo delegado da descrição de Lancelot Canning transportando Vicki pela sala do seu apartamento em direção à sua banheira de espera.

Maitland sorriu, engoliu o seu café, então quebrou o silêncio ao inocentemente perguntar, "O que foi?"

"Isso não aconteceu", Lisa Clayton bradou.

"Aconteceu", Maitland garantiu para a paramédica.

" Isso realmente não aconteceu". Ela não estava enganando ninguém; sua forte declaração era na realidade uma preocupada pergunta.

"Não aconteceu?" Maitland perguntou em retorno.

"Não importa", Baker, o jovem bombeiro, insistiu. "Não importa se realmente aconteceu ou não. É uma falha. É o tipo errado de história para o que estamos fazendo aqui".

Maitland observava a questão antes dele perguntar. "O que estamos fazendo aqui?"

"Matando o tempo", Delegado Grayson disse para Baker, intrometendo-se e sendo mais enfático do que planejou, como se ele estivesse indo em defesa do seu parceiro. "Contando histórias de guerra".

"Contando histórias de guerra assustadoras", disse Maitland, corrigindo e ensinando o grupo. "As histórias de guerra que se ajustam a situação."

Relâmpagos reluziram, lembrando-lhes, o bruto odor da decadência permeando o ar, não apenas qual era a situação.

"Isso é o que eu quero dizer", disse Baker. "A sua história foi muito real. Existem todos os tipos de pessoas lá fora. A rotina de uma pessoa é de outra pessoa que é louca. As pessoas ficam mais ansiosas quando uma história acontece demasiado perto de casa. É

uma história de terror, mas não é divertido. É apenas esgotante. Uma divertida história de terror deveria ser mais...Bem, mais divertida. Uma boa história de terror de guerra não deve ser real; ela deve ser surreal."

Trovejada. Baker sorriu e assentiu com a cabeça, tomando o céu como seu apoio.

Mas ele tinha perdido a atenção do Delegado Maitland. Um novo conjunto de luzes, refletindo vermelhos e azuis, tinha aparecido nas janelas, passado pela garagem, e eram apontadas na direção da cena. Maitland abriu o caminho e analisou a tempestade e a rua fechada. "Falando da esgotante realidade. Ela é o Xerife chegando." Ele agarrou a sua capa de chuva do seu gancho.

"Você quer que eu vá?" Grayson perguntou.

"Não. Você tem direito a uma pausa e você acaba de chegar aqui. Vou atualizar o chefe e ver o que ele quer fazer. Você fica aqui e..." Maitland assinalou Baker. "Certifique-se de que o velho Sangue e Tripas aqui, coloque o seu dinheiro onde sua boca está. Tenho certeza, sendo um veterano, ele tem muitas histórias de guerra horríveis que são adequadas para a ocasião." Maitland sorriu vestiu seu chapéu de patrulheiro, e desapareceu na chuva.

O desafio tinha sido lançado. Grayson virou e olhou para Baker. Os outros na garagem com ele. "Você estava nos enchendo com a anatomia do terror?" Grayson aparentemente repreendeu o jovem bombeiro. "E a maneira correta de contar uma história assustadora? Você diria que as pessoas não gostam de realidade com o seu horror?"

"Não", disse Baker insolentemente. "Elas gostam de fantasia, uma fuga. O terror não deve ser uma realidade. Ele deve ficar pendurado na borda da realidade. Assustador é separar uma sociedade de um futuro próximo terrível. Um futuro onde as pessoas têm de se defender por si mesmas onde não existem departamentos de polícia ou serviços de incêndio de sobra."

Isso produziu um olhar coletivo fedorento em sua direção.

"Mas", Baker adicionou rapidamente, "com um pouco de sorte ainda existem uns poucos como nós."

"Nós?" Grayson perguntou. "Você quer dizer os agentes de polícia e bombeiros?"

"E paramédicos!" Clayton acrescentou.

"Temos uma melhor chance do que a maioria, quando a defecação atinge a rotatória oscilante. Sabemos Primeiros-Socorros, conhecemos os vilarejos vizinhos, povoados e cidades."

"E estamos rolando na merda de morcegos ", Reid adicionou. "Então não importa o que acontece ou aconteceu, à sociedade, haveria menos choques do que necessitamos para superar. Nós já vimos de tudo."

"Então..." Delegado Grayson disse, devolvendo o olhar desafiante para Baker. "Você tem uma?"

"Uma história de terror?"

A garagem irrompeu com risos. "Sim", disse o delegado, agitando sua cabeça. "O tipo certo de história!"

Baker assentou o seu café e fez um show estralando seus dedos. "Eu pensei que vocês nunca iriam pedir".



## Quatro

Ele acordou como um começo, tranquilamente. O primeiro era inevitável; quando você vive em um pesadelo, assustado era a única maneira de despertar. Este último era algo que ele tinha treinado a si mesmo para fazer; para todas as coisas - ser silencioso. Ele levou um momento para reconhecer ao seu redor, sua cama como era, assentar seu cérebro ali e depois (para ele, aqui e agora, evidentemente). Uma vez que tinha realizado, mais um momento para ele perceber que ele estava sozinho e outro para aceitar o fato de que ela não havia retornado. Isso foi uma decepção.

Não era isso apenas o que a vida era mais? Chega a pensar, não foi praticamente tudo o que já tinha sido? Ele se deitou para considerar a questão e não poderia deixar de perguntar a si próprio como as coisas tinham mudado muito (ou mesmo como pouco). Ele fez novamente a pergunta. Não era realmente tudo o que a vida tinha sempre sido? Uma decepção? Tinha lembrado um pouco da infância como uma criança do meio em uma família de muitos irmãos. Perdidos no meio da multidão. Jovens demais para ter qualquer diversão, mas idade suficiente para os menores terem a sua responsabilidade. E ninguém, nem mãe, nem pai (quando o viam), sem aquela tia com queixo-apertado que jamais poderia lembrar o seu nome. É certo que eram muitas crianças e reconhecidamente Milton não era um grande nome, mas, realmente, era difícil de lembrar? E, embora eles nunca reclamaram em voz alta, ele não teria chamado um cão de 'Miltie'. Oh bem, aquilo que era mais de uma decepção? Então veio um medíocre avanço através do colegial só para entender que não havia nem o dinheiro nem a perspicácia acadêmica para prosseguir com a faculdade, uma estrada que vale a pena. Após a graduação (sem

festa), veio um bom trabalho, certamente não um grande, ou mesmo um bom trabalho (absolutamente não uma carreira), mas um trabalho ao longo da vida que paga as contas. Sim, uma decepção. Um muito rápido casamento com uma namorada do colegial, muito parecida com o pai exigente e sabe tudo dela. Discussões sem fim. Um quarto aniversário com briga, através do qual dormiu no carro no estacionamento (ela dormiu sozinha na grande cama de casal do hotel caro). Um quinto aniversário brigado e por causa dele dormiu no balancim do corredor (ela dormia sozinha na grande cama de casal da hospedaria cara). Dois maravilhosos filhos que plantou em volta como peões de xadrez, ensinando cada um como serem homens inúteis e ficarem contra o seu velho. Um longo e 'oh' tão caro divórcio que em nome da equidade tomou tudo o que tinha (ou teria nas próximas décadas). Teve o suficiente? Ele teve. Então, e só então chegou...

O que diabos era aquilo? Uma praga a nível mundial? O apocalipse? Um pesadelo à la Robert Bloch? Um sonho erótico do tipo George Romero? A noite, o ano, a vida dos mortos-vivos? Que diferença fazia como as pessoas os chamavam. Tinha acontecido, se tornou uma realidade, um 4D, interativo, derramamento de sangue, sangue de beber, carne de comer, matar ou ser morto, correr como o diabo, 'morrer, para ser realmente morto, deve ser glorioso' festa do pavor na qual seres humanos vivos eram uma mercadoria de rápido desaparecimento. Mas tinham as coisas realmente mudado? Ou apenas houve mais decepções?

E ela não tinha retornado.

Milton subiu de joelhos, silenciosamente como ele era capaz, tentando não abalar o plástico, os papéis soltos, as latas metálicas, e deu uma olhada. O sol, embora parcialmente oculto atrás das nuvens, tinha nascido para um novo dia. Mas então o que? De noite ou de dia, pouco importava. Não era como nos filmes (quando havia filmes) onde os monstros sedentos de sangue vagavam apenas à noite. Reais, os moradores, os fantasmas, poderiam estar em volta a qualquer hora do dia ou da noite. Você seria um tolo se você não olhasse antes de você se mostrar. Assim ele deu uma olhada, uma boa olhada. Tudo parecia calmo. Ele agarrou o seu bastão, se

colocou de prontidão, até alcançar a noite; *Babe*, seu genuíno Batedor Louisville. Ele tinha tentado primeiro um artefato com alumínio mas tinha sido decepcionante; o *ting* metálico soou oscilante quando rachou um crânio de um trôpego, sendo totalmente insatisfatório. A *fissura* de madeira sólida do bastão, por outro lado, mostrava que o trabalho tinha sido realizado. De qualquer forma, a certeza era de que o campo estava clara no momento. Com *Babe* na mão, Milton subiu rapidamente e silenciosamente como ele era capaz, para cima e para fora da lixeira onde ele tinha passado a noite.

Ele se arrastou sozinho - porque ela não tinha retornado - para o edifício mais próximo. Ele estava abandonado (que prédio não estava?). Concessionária de automóveis usados. Ele próprio achatado contra a parte de fora da parede traseira. Você também seria um tolo se você andasse no aberto.

Esgueirando ao longo das paredes dos prédios em ruínas e becos como um rato ansioso, sabendo que a qualquer momento um humano, mas certamente não a criatura humana, pode aparecer do nada e tentar matar e comer você, era um esforço de suspense para um homem solitário envolvido nele. Surpreendentemente, também poderia ser bastante entediante. Então ignore o próximo pouco tempo e mais insípidos detalhes de sobrevivência.

Captando, no final do dia quando Milton encontrou a si mesmo, talvez pelo plano, talvez pelo instinto, de volta ao seu primeiro local de ataque, o motel Alpine Guest Haus. Evidentemente, num ponto do centro ao norte de Illinois, não existe qualquer coisa remotamente montanhosa sobre ele. Foi construído sobre uma colina, entre outros dois morros, no meio da cidade. Um ciclista não teria se arrastado para chegar lá a partir de qualquer direção, mas aparentemente, era 'Alpine' para um proprietário anterior com grandes ideias ou uma vívida imaginação. De modo que o Alpine Guest Haus assim era.

Era apenas um antigo motel; uma antiga loja de berços de bebês e abrigo para o traficante de drogas errante ou dois antes de alguém (um descendente do proprietário original?) com ideias maiores ainda, derramadas em formato de dólares

inconscientemente fornecidos pelos contribuintes locais e para fixar as coisas. As prostitutas, proxenetas e uma multiplicidade de insetos, baratas e aranhas foram expulsos. Novo, embora talvez riscado e amassado, de mobiliário e de colchões que foram trazidos. Uma camada de pintura foi aplicada abundantemente por dentro e por fora e *Voilà*, lá estava um motel familiar de baixos custos com uma clientela conservadora de clientes viajantes ignorantes quanto ao número de doenças venéreas e corpos que outrora tinham sido transportados para fora do lugar.

Milton era crítico? Esperemos que não, pelo menos não irresponsavelmente, pois era também o lugar onde, não muito tempo depois de sua limpeza, que ele e ela tinham se encontrado. Ela já morava lá quando Milton se mudou e por um longo tempo um simpático "Oi" era tudo que eles compartilhavam. Uma opinião ocasional sobre o tempo quando um ou o outro estava se sentindo mais ousado. Então aconteceu, para o que é mundo, tudo o que foi que aconteceu. Em pouco tempo, os zumbis tomaram conta do lugar. O pequeno motel subitamente se tornou o resort dos Monstros, Clube dos Mortos, os hóspedes não eram hóspedes, mas aperitivos, entradas, e sobremesas deliciosas sobre um bloco de um longo buffet. Ele e a garota fugiram de lá do inferno tão rápido quanto as suas pernas podiam leva-los, felizmente na mesma direção, e ter por algum tempo, algum lugar ao longo da rota, de cuidar um do outro para não serem separados. Eles estavam juntos desde sempre.

Agora ele estava de volta no Alpine Guest Haus. Algum tempo depois da praga, Milton notou, alguém tinha se incomodado de subir no letreiro do motel e, com tinta vermelha brilhante e um grande pincel, renomeado o lugar como 'Casa dos Loucos'. Ou talvez fosse uma extensão da sagacidade do decorador para ser adivinhada. A subdivisão aparecia de uma escada em cima de uma piscina de tinta seca e uma muito sombria, impressionante piscina de sangue seco sugerindo que o pintor não tinha tido tempo para admirar o seu trabalho final. Milton não podia evitar de pensar no fim horrível do artista desconhecido.

Então ele estava pensando nela novamente. A garota. Eles estavam juntos desde o início do fim como Liz Montgomery e Charles Bronson naquele episódio do 'Twilight Zone', estranhos forçados a unicidade. Por que não? Se eles não estavam no 'Twilight Zone', onde diabos eles ficariam. Eles? Onde diabos ela foi parar? E por que razão ela não tinha voltado?

Ela o tinha deixado na lixeira, naquela noite longe de casa, para tentar encontrar alguns alimentos comestíveis. Ele tinha se oferecido, claro, mas ela tinha recusado. Ele tinha saído à caça, ficado em guarda, por muitos dias e estava esgotado. Ela sabia. Ele sabia também. Ela não era um cabide. Ela não era uma donzela em perigo. Ela fez sua parte, cumpriu sua parte com a equipe até o fim. Havia um número qualquer de lojas, uma rede de fast food, residências com prateleiras de enlatados, geladeiras ainda em funcionamento. E ela podia se mover como um gato. Ele observou por várias vezes ela se movendo como um gato. Como ele, seu medo de zumbis existia, sempre iria existir, mas tinha sido tratado por necessidade. Era a vez dela de obter a comida e ela foi.

Deve ser mencionado que ela nunca decepcionou Milton. Agora, sem ela, ele estava se sentindo estranhamente... Como ela teria dito? Totalmente desorientado? E perdido. E estando perdido, ele retornou sozinho para o lugar que não era o planejado, no faro recentemente desenvolvido, para o lugar que eles se conheceram. Encontrar o lugar rebatizado de " Casa dos Loucos" não o entusiasmou.

Então tudo piorou.

Não tinha acabado de chegar quando ele ouviu uma mulher gritando...em algum lugar no meio do primeiro andar. Ele agarrou o seu bastão, correu pelo pátio aberto – e não, não – abaixo da varanda para o segundo piso, através da porta do corredor por onde era vista a janela da lavanderia. Era de lá, do quarto da lavanderia, que vinha o tumulto. E ele os viu.

Havia quatro no quarto. Três criaturas do sexo masculino; não que seu sexo importava muito. O sexo feminino era mais mortal do que o sexo masculino, senão ligeiramente mais feroz, e você estava fora de juízo se você uma vez levou em consideração o "sexo frágil"

e hesitou em defender-se. Mas, para registro, desta vez eram três do sexo masculino, monstros sanguessugas trôpegos no quarto da lavanderia, prendendo uma moça ainda humana sobre a mesa dobrável de dobrar roupas.

Não era ela. Ela era uma garota, mas não *a* garota. Era decepcionante porque Milton tinha ido de volta para o motel pensando que talvez ela... Ele queria tanto vê-la novamente. Mas não era ela, era outra garota. Ele não a conhecia e não se importava de quem era ela. Não realmente. Você vê, eram tantas as decepções que era praticamente impossível de se preocupar mais. E ele não se preocupava. Então o fato que realmente se mostrou dessa jovem, essa sobre a mesa, debaixo das feras, lutando com todas as suas forças e perdendo a batalha, não era *a* garota – o que era uma coisa boa. Isso significava que ela poderia ainda estar viva; pode ainda estar lá fora em algum lugar! Ele não lembra de qual foi a última vez em que algo não tinha decepcionado ele.

Ele tinha tido um bom pressentimento, um sentimento caloroso e um senso de que uma comemoração estava por chegar. Sim, ele iria comemorar... Por ter salvo a garota que ele não dava a mínima. Ele aprontou o seu fiel bastão para usá-lo e quebrou a janela, esperando que o estilhaçar do vidro iria prender a atenção das criaturas. E o fez. Todos os três se viraram como uma unidade mecânica para olhar, mas ele não estava na janela para ver mais. Ele ia dar a volta, através da porta, e já tinha a velha 'Babe' sobre seu ombro pronta para agir.

Um deles soltou a garota e deu um passo na sua direção. Um passo foi tudo o que conseguiu. Milton meteu a arma cinza laminada direto através da órbita do seu olho esquerdo, saboreando o *crack* dado pelo crânio. Ele interrompeu seu seguimento e trouxe o bastão de volta na direção oposta quando um segundo monstro se colocou de pé para a frente. Trinta anos antes ele tinha sido um atacante bastante útil na 'Pequena Liga'. Era ainda melhor agora. Menos de trinta segundos nesta tão chamada luta e havia acabado com dois monstros e ficou só com um. O último levou um golpe em linha reta ao longo do topo. Esse

terceiro *crack* foi tão adorável como o primeiro e o terceiro espirro de sangue e massa cinzenta foi grotesco - contudo, satisfatório - como qualquer um que ele já causou.

Mas a sua celebração, seus feitos heroicos tinha chegado demasiado tarde. A garota estava morta. Não fisicamente; ela ainda estava ali, apenas morta. Morta e ausente. E o problema era, naturalmente, ela logo estará de volta. Ele não tinha escolha, mas o de esmagar o seu cérebro também. Isso foi decepcionante.

Ele a procurou por enquanto, não encontrou rastro da garota que estava em busca e voltou à noite - só - para a sua lixeira. Na parte da manhã, ele gostaria de recomeçar, novamente uma vida nova nesse mundo desgraçado, sem ela. Sem ela. Começou a chover e Milton adormeceu numa decepção miserável.

Ele foi despertado no meio da noite pela chuva fria esbofeteando o seu rosto e percebeu que a tampa da sua lixeira tinha sido levantada. Ele acordou assustado, mas tranquilo. Ele olhou cuidadosamente para fora - no seu rosto. Ele limpou a chuva e o sono de seus olhos. Sim! Era ela. Pela segunda vez nesta nova vida após a morte, pós praga de vida, ele sentiu a adrenalina e uma verdadeira explosão de emoção digna de celebração. Até que o relâmpago piscou, em azul e branco cintilante, e ele viu que a sua garganta foi dilacerada. Ele viu o sangue de alguma outra triste alma pingando do seus lábios e queixo. E ele viu, atrás dela e ao redor de sua lixeira, outras vinte criaturas estranhas que ela trouxe de volta com ela.

Foi muito decepcionante.

## Cinco

Herb Flay entrou no estacionamento da Casa Funerária Fengriffen, passou pela mansão sombria apropriada, e estacionou na parte de trás, na frente da garagem para quatro lugares, com o crematório anexo, onde os carros funerários e a van da empresa eram guardados. O intitulado Fengriffen, Henry Fengriffen, deixou de ser o dono do lugar; ele não era há anos. Henry tinha embaralhado a sua bobina mortal, e seguiu uma vida inteira de clientes no grande além, muito antes disso Flay nunca ouviu falar do lugar. Marlowe Blake, sócio a longo tempo da Fengriffen, a chefiava agora; tinha chefiado desde a manhã depois de Henry ter agarrado um enfarto. Marlowe tinha pensado que seria melhor para a empresa para manter o nome confiável.

Por que razão em vez do soante antiprofissional 'Marlowe'? Bem, ele podia ter sido o Sr. Blake, 'Agente Funerário', para o desfile de pessoas enlutadas clientes caminhando pela porta da frente do mortuário, mas, para quem conhecia ele por mais de cinco minutos, ele era apenas o engraçado Marlowe. Ele tinha mais trejeitos, estranhos hábitos excêntricos, e atendia um monte de grupos *Anónimos* para variadas dependências com mais de três pessoas quaisquer – tudo que pudesse impor sobre o público e os seus parentes mais próximos, a impressão de que ele era um digno diretor de uma funerária. Engraçado ou não, se Marlowe tivesse estado lá naquele momento, Flay teria beijado a brilhante testa do seu patrão.

Mas ele não estava lá, e Flay sabia que era melhor ele continuar com o trabalho que tinha em mãos.

Embora era uma bela noite para uma morte, era uma miserável noite para o trabalho. A chuva caía em cântaros. O relâmpago estralava. O fator arrepiante era elevado, mas a visibilidade era



uma merda. Flay correu para dentro e subiu para o escritório de Marlowe, onde ele agarrou as chaves da van e a nota seu chefe tinha mencionado que deixaria para ele (o inconfundível garrancho de Marlowe) com o endereço onde os corpos tinham sido descobertos e a partir de qual as remoções seriam feitas. Marlowe já tinha ido à frente no seu Caddy. Sozinho, Flay correu de volta para baixo e carregou a van com o equipamento necessário.

As remoções, como disse, teriam lugar a partir de uma residência em Cedartown. Exceto pela localização, a nota adicionava nada e (pelo telefone) Flay tinha sido informado mais ou menos. Não só foi de que não era raro, como era padrão para o negócio funerário. Os Morticians estavam sempre apanhando e fornecendo o penúltimo transporte para completos estranhos. Era depois, em uma reunião com a família no sentido de preparar as coisas, durante o embalsamento e o trabalho cosmético, e ao dar para os queridos defuntos sua viagem final, que eles tinham de conhecer o defunto. Um por um dos seus segredos caíam como farinha peneirada; as camadas caíam longe como uma alcachofra cozida ou uma cebola descascada.

De repente Flay estava faminto. Mas não havia tempo para parar. Marlowe, as remoções, aguardavam por ele.

A van funcionou como um caminhão de madeira nos seus bons dias. Na tempestade, Flay sabia quando colocou o pé na estrada, que seria algo totalmente diferente. Era diferente. Flay pisou na roda com o veículo balançando com o vento, os pneus derrapando no pavimento e os para-brisas funcionavam um pouco melhor do que um empate na sua luta com a chuva. O branco quente do relâmpago brilhando. O trovão soava. Flay abriu o seu vidro rachado do lado do condutor, apenas uma pequena fração devido ao aguaceiro, para uma profunda lufada de ar fresco.

Apesar de a tensão causada pela fúria elementos, e sua necessidade de se concentrar em sua condução, Flay não podia deixar de pensar sobre o trabalho à frente - e delicia-se com a possibilidade do salário pago eventualmente.

Obrigado, Marlowe, sua voz interior cantou. Obrigado, Morte. Obrigado, quem é você, que encontrou os corpos e ligou.

\* \* \*

Era uma maneira infame para encontrar o criador, todos sozinhos em uma lixeira.

O bombeiro Baker estava apenas descrevendo o último minuto de vida de Milton e o momento final da sua história, quando a porta foi aberta e mais duas almas entraram na garagem. Sandy Lund, a motorista esquentada, na frente com Abner Perry, o líder paramédico massudo, um atrás do outro. Lund tirou sua capa, deu uma chacoalhada da água da chuva, e olhou furiosamente para Baker. Perry estava pingando, parado ali no grupo, em descrença horrorizada. Tão pouco era fã de trovoadas ou de histórias de terror. Vários dos reunidos, ficaram surpresos com sua entrada, riram nervosamente ao reconhecerem o par (e sua própria patética à mostra) e voltaram a sua atenção para Baker, que estava esperando para terminar a história.

Por último, com a interrupção finalizada, com um balançar da sua cabeça, Baker bateu neles com o refrão, "Foi muito decepcionante."

"Eewww." Perry, exclamou: "Terrivelmente repugnante, você quer dizer."

"Que caminho para percorrer", Lund completou.

A garagem caiu na gargalhada. Baker olhou com desconfiança para a dupla encharcada, que tinha arruinado o grande final da sua história de terror e latiu, "Vocês não gostam de histórias assustadoras?"

"Sim", Lund rugiu. "Você conhece alguma?"

"Não", Perry respondeu com acenando negativamente com a mão. "Eu não conto histórias assustadoras."

"Bem, volta então para a tempestade", disse Baker. "Porque, aqui, estamos contando histórias assustadoras."

"Falando de lá fora", disse Grayson, terminando com o argumento. "O que está acontecendo?"

"O Médico Legista apenas acabou de chegar", Lund respondeu. "Ele com o Chefe do Corpo de Bombeiros e agora o Xerife. Eles voltaram para aquele buraco de merda..." Ela olhou para o

Proprietário. "S'cuse meu francês." Ela voltou a sua atenção para o delegado. "Eles estão levando o Médico Legista para a zona quente para examinar os corpos podr..." Ela olhou para o Proprietário novamente, desta vez com olhos como se a sua presença estivesse reduzindo o seu estilo. "Para dar uma olhada de perto... nas provas. Eles vão estar aqui daqui a pouco".

Perry estremeceu, e não foi por causa da chuva fria e perguntou, "Como é essa coisa de terror?"

"É por isso que estamos contando histórias de terror", Reid disse. "Para aguentar a noite".

"É assustador", Perry insistiu.

"Isso porque você está de pé de fora", Clayton disse para o seu parceiro sênior. "Venha para o cemitério, Abner."

"Sim", Baker adicionou. "puxe uma lápide e conte uma história de guerra assustadora".

"Apenas certifique-se de que seja melhor do que a última," disse Clayton.

"Espera um minuto!", mirou Baker. "O que havia de errado com a minha história?"

"Você disse que seria divertido", a paramédica disse. "Era qualquer coisa menos divertida. Foi uma baixaria, que eu quis cortar a minha própria garganta".

Lund provocou. "Não queremos que você pare."

As mulheres trocaram olhares que poderiam matar. Os homens ficaram fora disso.

Clayton devolveu seu olhar para Baker e prosseguiu. "Além disso, todos estão doentes até à morte de zumbis. Você tem de contar uma história com algum humor, até mesmo estúpido. Desde que seja assustador." Ela voltou novamente para a motorista, como um gato para um rato. "E você, Sandy? Por que você não cava nesse seu passado antigo e conta para a gente uma história de guerra aterradora."

Lund lançou adagas, embrenhada para a frente com suas calças pantalona compridas, e disse para a loira magrela, "Cavar algo." Então ela montou em cima. "Você é quem está distribuindo

comentários. Você tem algo melhor? Vá em frente, Lisa, pode nos contar uma aterrorizante história de guerra. Se tiver uma".

"Eu tenho uma", disse Clayton, com um sorriso diabólico. Ela puxou um fôlego profundo, soltando-o lentamente, então disse, "Ele ouviu...gemidos".

# Seis

Ele ouviu...gemidos.

Ele ouviu... um triste e angustiado: gemido.

Mas como? Ele estava debaixo da água! Ele não estava? Sim... ele estava em algum lugar nas profundezas de uma escuridão fria, lago lamacento...Não, ele estava subindo agora; ele estava correndo para a superfície. Espera, não era um lago. Era espaço. Não espaço exterior. Não espaço físico. Mas um espaço. Qual é a palavra...? Figurativamente, assim era. Ele estava flutuando... em um espaço na sua cabeça. Ele estava... correndo para a consciência.

Em seguida... uau! Alguém gritou! Foi curto, balido assustado... e então ele tinha sumido; foi cortado de forma tão rápida como eclodiu. Isso o assustou e... espere... subitamente ele percebeu que era ele! Ele tinha gritado. Ele não pode pegar seu... ele agora estava respirando rapidamente, ofegante como um cão superaquecido, muito involuntariamente e, como a consciência se tornou conhecimento, ele não poderia ajudar a si próprio. Ele precisava gritar novamente. "Deus. Meu Deus!"

Seu ar ofegante estava fazendo nada. Ele estava hiperventilado. Ele não conseguia recuperar o fôlego. Ele não podia ganhar qualquer ar, não podia respirar! Pare, ele disse para si mesmo. Ele teve de parar ou ele iria passar novamente. Ele... tinha...de respirar...lentamente. Ele tomou ar no através do nariz. Ele exalou através da boca. Novamente, através do nariz. Através da boca. Melhor. Assim era melhor. Ainda, algo estava errado. Ele se sentiu preso, incapaz de se mover. Ele não podia... Acorda. Ele tinha de acordar. "Estou doente!"

Por que razão ele não conseguia se mover? Por que razão não podia se levantar? Onde inferno ele estava? Era escuro. Era muito

escuro. Como ele chegou até lá? Ele teve que pensar; ele tinha de lembrar. Na semana passada. Sim, sim, pensou, começou na última semana... com o quarto ao lado... e...a dama da noite.

\* \* \*

Seu nome era Eric Landor. Ele vivia no quarto 303, andar superior, atrás, de um pobre motel no meio do nada. Ele era um escritor de *'hoary gorys'*, aqueles de nevoeiro carregado, histórias que seu editor e alguns escassos leitores referiam como thrillers ou mistérios de assassinatos, e, quando perguntado, ele respondia que era moderadamente bem-sucedido. Por moderadamente bem-sucedido, ele queria dizer que, ainda que poucos sabiam seu nome, ele era capaz de comprar alimentos, roupas e alugar um quarto em um pobre e pequeno motel no meio do nada. Vida de motel tinha suas vantagens para um camarada como Landor, sem contas de serviço, roupa de cama e toalhas limpas e quentes, café preto à mão, 24/7. É claro que tinha as suas desvantagens também. Dentre elas... o destino escolhia os seus vizinhos; e íntegros cidadãos viviam em casas - não em motéis.

A verdade era que diariamente, as vezes semanalmente, todos derrotados da vida, zeros à esquerdas e marginais, proxenetas, drogados, prostitutas entrando nos quartos em ambos os lados do seu, e o quarto abaixo dele, e temporariamente os chamando de casa. Para estes ninhos temporários eles vinham, se hospedavam e deles partiam enquanto Landor não tinha escolha, mas de ouvir ocasionalmente ver trechos daquilo que deveria ter sido suas vidas privadas nuamente exibidas. Eles faziam um desfile interminável de restos humanos. Riam muito alto nas noites de sábado. Rezaram muito alto nas manhãs de domingo. Eles bebiam. Eles brigavam. Eles se enfiavam no buraco como doninhas loucas.

*Gemido, gemido, gemido. Batida, batida, batida, Bang, Bang, Bang, Grito.*

Você conseguiria entender aquilo que ele provavelmente estava ouvindo.

O mais recente foi uma dama (e com isto Landor queria dizer, naturalmente, uma dama da noite) que tinha estado no quarto 304 - quarto a oeste do seu - por cinco dias e mais sutilmente, noites. Landor nunca a tinha visto; eles não mantinham as mesmas horas. Mas ele a ouvia... e seus hóspedes. A cada noite, várias vezes por noite; o mesmo quarto, a mesma mulher, e cada vez um rapaz diferente - embora eles fizessem ruídos semelhantes.

*Gemido, gemido, gemido. Batida, batida, batida. Bang Bang Bang. Grito.*

Seguido sempre por um silêncio que, perdão o clichê, era ensurdecedor.

E, no que diz respeito à frequência dos seus encontros amorosos, Landor estava absolutamente deslumbrado com a dama; ele estava extasiado. Na estadia prolongada do escritor no motel, ele tinha visto alguns frequentadores, mas ela era implacável. Indo e vindo, indo e vindo, apenas para começar tudo de novo. A batida, o barulho e a gritaria. De forma que ele se lembrou que tinha sido uma semana infernal- para dizer no mínimo.

Então, chegou a noite em que ele realmente a viu...

Landor cuidava da sua própria vida, do seu negócio, matando a última encarnação da sua ex-mulher fictícia, dando retoque em sua última novela, na sua habitual mesa no canto mais distante, próximo a decorativa mas não

em funcionamento lareira, no lobby do motel monótono, quando a campainha eletrônica da porta soou – e ela entrou. Ele fez uma pausa, e em seguida pressionou o botão 'Reset' no seu cérebro, alterando o "ela" para um "eles" nos seus pensamentos, pois havia duas pessoas. A dama da noite tinha um cara na parada.

Mas, verdade seja dita, Landor não dava a mínima para ele. Quem era ele. A sua atenção foi para onde ela pertencia, sobre a dama. Landor se perguntava se ele estaria sendo politicamente incorreto, suíno misógino em um terno barato, se ele admitia para si mesmo que ela parecia boa o suficiente para comer?

"Boahh noi-tehh".

É o que ela disse. Boa noite. Mas ela não falou, ela ronronou. E, enquanto Shakespeare teria preferido palavras fáceis saindo fora da língua, Landor teria sido capaz de apostar que o velho rapaz teria dado certo com a sua entrega. Ele certamente daria. Ela tinha um espesso, sotaque do leste europeu (Sérvio, ou húngaro ou russo. Ele era um escritor, o que ele sabe?). Ele era delicioso; lento como gotas de mel.

Então ela disse, "Eeh uma lin-da noite, zim?" E Landor caiu de amores com as serpentes.

Ela usava mini shorts, um top frente-única, um casaco rendado, meias de rede e botas na altura do joelho com salto fino; tudo tão negro como a noite. Suas joias, de cristais, carmesim e jade, não tinha jeito de ser real em um motel como esse, mas assim parecia; todo o conjunto em equipamento de prata. Ela tinha uma marca de piranha vermelha na sua barriga que Landor não podia reparar daquela distância. Independentemente de que era ou como aparecia, ela gritava "Vadia!", em qualquer idioma.

"Minha chave. Não estáá drabalhando." Ela deslizou o cartão chave com defeito no balcão. Em seguida, a pedido da Louise (Louise Saville era a balconista do turno da noite trabalhando na Recepção), a beleza escura mostrou um documento.

"Adrea Spedding. Zimmm", disse ela, concordando com Louise que ela era o que o documento dizia e, ao mesmo tempo, provando o seu direito de ocupar o quarto 304.



Não que o nome importasse. Não que a gosto da hora, o camarada nervoso ao seu lado (Landor decidiu chamá-lo de "João"), importasse. Não que tudo importava para o escritor. Era sexista, ele sabia. Era vulgar. Mas Landor apenas manteve seu olhar na escura, beleza estrangeira, vestida como uma bebê de sarjeta de um péssimo seriado, sussurrando sob o seu sopro, "Deus, parece boa o suficiente para comer!"

O toque de campainha da porta repetiu suas três notas musicais quando eles se foram. Landor fechou seu laptop, apressadamente guardou suas coisas na sua bolsa, e deu uma ridiculamente não convincente desculpa para Louise pela sua rápida partida; que foi totalmente culposa e infantil. (Ela não perguntou e ele não lhe devia uma explicação). Então ele rapidamente e discretamente seguiu o casal porque Adrea-seja lá qual o seu nome, apressadamente guiou João para o seu quarto.

Landor sentiu um pouco de vergonha de lembrar o que ele fez logo a seguir. Mas ele fez tudo assim mesmo. Ele se encostou contra a parede no seu quarto e ouviu do seu lado como um perverso de quinta categoria, enquanto Adrea-sei-lá-o-seu-nome e John-idiota gemeram, bateram como se estivessem derrubando o mobiliário, bateram na parede e, como de costume, se deram ao trabalho até de darem um grito.

Mas Uau! Desta vez foi um daqueles, foi um grito do inferno!

Apesar do seu prazer perverso, Landor tremeu até a medula. Algo terrível tinha acontecido no quarto da porta ao lado. O escritor conseguiu se recuperar suficientemente rápido para correr até a recepção e reclamar, como o hipócrita que ele era. "Há algo acontecendo no quarto 304".

"O que você quer dizer com isso?" Louise não era a melhor faca afiada na gaveta.

Landor fez três tentativas para sutilmente entregar a mensagem antes de se exaltar. "Pela quarta vez, Louise", ele bravejou para ela. "Eu não sei o que eu quero dizer. Não estou no quarto 304, estou no 303. Mas eles estão golpeando o raio da minha parede..."

"Bem, Sr. Landor, é... você sabe, é um motel". Aparentemente, Louise não achava que ele também fosse esperto.

"Eu não estou falando desse tipo de golpe, Louise. Você acha que eu estaria aqui se eu estivesse falando sobre esse tipo de batida? Alguém..... está fazendo alguma coisa, mas um tipo diferente de coisa, batendo... Eu não quero dizer batendo, quero dizer dando socos, na minha parede e em seguida gritando".

Ela olhou para ele como se ele fosse um inseto. E, Landor teve de admitir, a completa falta de curiosidade dela estava ajudando em nada para mudar a opinião dele quanto a sua total burrice. "Louise?" disse, tentando acordá-la. "Aqui é quando você tem de dizer, eu vou chamar a polícia".

"Não posso chamar a polícia, Sr. Landor".

"Lá está o telefone, Louise." Ele apontou sobre o balcão. "pegue o fone. Aperte o nove; uma vez e então um; duas vezes."

"Eu não tenho permissão." Foi o que ela disse. Ela se explicou. "Lucy (que é a gerente da recepção) diz que é ruim para a reputação do motel que a polícia venha aqui." Então, porque ela estava convencida que Landor era ingênuo, ela repetiu. "Portanto, não somos autorizados de chama-los."

Embora ele estava quase certo de que ele iria se arrepender, Landor começou um debate. "O que acontece se surge uma situação e você precisa deles?", ele perguntou.

"Como o quê?"

"... essa situação que aconteceu, Louise".

"Ah, ela não disse. Ela apenas disse, não chame a polícia".

Landor estava certo, ele se arrependeu. "É uma política absurda." Ele suspirou então, com uma nova tática, disse, "Tudo bem, Louise, me dá a chave do quarto".

"Eu não posso dar a chave do..."

"Louise, algo ruim aconteceu no quarto 304. Não é a minha imaginação. Eu já pedi para chamar o quarto..."

"Não há resposta!"

"Certo, se você ponderar sobre isso, reforça o meu argumento que algo ruim aconteceu. Eu já pedi para que você vá olhar o quarto..."

"Eu não posso deixar a recepção!"

"Certo. Pedi para você chamar a polícia..."

"Eu não sou autorizada a chamá-la!"

"Certo. Assim... Eu estou me oferecendo para verificar o quarto para você." Honestamente, como um inseto. Landor estava meio com medo de que ela fosse enfiar um alfinete nele e o colocar no seu projeto da feira de ciências. "Louise? Você deseja que a Lucy encontre amanhã de manhã, um cadáver de uma prostituta no quarto 304?"

"Não! Mas nem eu não quero encontrar um!"

"Se eu verificar agora, ela ainda pode não ser um cadáver. Não seria melhor refletido que você salvou a vida dela? Ou se é demasiado tarde, não seria melhor encontrar um cadáver quente e fresco, ao contrário de um cadáver frio e duro de sete horas de idade?"

Ela titubeou. Em seguida, lentamente, a roda gigante do parque de diversões que ela chamava de cabeça começou a girar. "Ó-kay..."

"Ok!"

\* \* \*

Landor passou a cópia do cartão chave que Louise lhe havia dado na fechadura da porta do quarto 304. Ele ouviu o reconhecido 'bip'. A luz verde do lado da maçaneta piscou. A fechadura clicou.

O escritor de mistério não sabia o que ele esperava ver ou ouvir quando a porta se abriu. Mas o que ele viu foi a escuridão e o que ele ouviu foi nada. Ele não sabia o que ele teria esperado cheirar; o odor pesado de maconha, o cheiro de acoplamento de humanos, a coloração metálica de sangue derramado. Qualquer uma dessas hipóteses teria sido melhor do que o odor que ele sentiu. O quarto 304 tinha o cheiro inconfundível, incomparável cheiro de degradação humana. Nauseado, mas como um escritor sempre guiado pela curiosidade, incapaz de fugir, ele entrou no quarto. Dois passos para além do limiar da porta, nas dobradiças, fechadas atrás dele.

Ele tateou a parede até o interruptor de luz, com a tampa faltando, o interruptor expos fios rígidos enrolados. *Clique, clique, clique.* As luzes não estavam funcionando.

Alarmado, ele encontrou-se tentando se distanciar do interruptor quebrado (e estupidamente da porta) para dentro do quarto. Ele estava tenso, tateando a escuridão para qualquer sinal de qualquer coisa até que... seu progresso foi interrompido quando sua cabeça colidiu com algo pendurado no teto. Era enorme com uma superfície áspera em locais secos como papel machê e grudento como melão em outros lugares. Apesar de que pudesse ver apenas seu contorno bulboso, mesmo no seu desorientado cérebro, era instantaneamente óbvio que ele tinha entrando em algum tipo de *Casulo*.

Ele deu um passo para trás com horror! Apenas para fugir para outro objeto com vários pés pendurados, mais para dentro do quarto. De lá novamente... outro. E outro mais adiante.

"Meu Deus!"

Todo o quarto estava cheio dessa coisa infernal. Casulos... fedorentos com o odor de carne humana podre. Mas onde... onde estava a dama da noite?

Depois Landor, ouviu sons mais estranhos, todos, mas de forma indescritível; uma linha de pesca molhada sendo desenrolada, uma corda de harpa tocando sutilmente; talvez mais uma vibração de um som. Quando ele se virou, não quando ele ouviu, mas quando ele sentiu algo.

Seus olhos, tinham se acostumado um pouco com o escuro. Ele poderia ver que o teto estava coberto com uma rede de tecidos brilhantes e, suspensos a partir de seu centro, acima de sua cabeça por umas pratarias, fio de seda... era a dama da noite. O design escarlate - a marca de piranha - no seu estômago era visível agora e, mesmo sem a luz, ele podia ver que não era uma tatuagem. Era uma marca natural sob a forma de uma ampulheta.

Landor gritou. Ele gritou! ELE GRITOU! Ou ele pensou que gritou.

Por isso logo lhe ocorreu que a sua boca estava escancarada e grandes acúmulos de ar estavam escapando através dela, mas ele não estava fazendo nenhum som. Meramente pasmado como uma truta pescada. Ele não tinha voz. Ele não podia gritar. A coisa no teto, a dama, era... Landor recuou... de volta para a parede... ele

cerrou os seus punhos, embora algo... algo dentro dele estava lutando, tentando prender ele de volta, para evitar que ele...Mas forçou a si próprio. Ele levantou seu punho e ele bateu... e bateu contra a parede, tentou alertar alguém, ninguém, para o seu desespero, para o seu horror.

E o horror se aproximou.

Ele bateu novamente. Oh, Deus, a sua mente estava gritando, ninguém podia ouvi-lo? Ninguém iria ajuda-lo? E foi assim que caiu a ficha de Landor. Louise estava certa, ele não era muito esperto. A parede dava para o seu próprio quarto. Ele não teria ajuda de ninguém quando ele ouviu as batidas, o golpe, o grito... não tinha ninguém ali para ele.

A dama da noite se aproximou. Meu Deus, meu Deus, Landor subitamente pôs-se a pensar. A dama era muito bonita.....

\* \* \*

E agora Landor tinha reaparecido de algum lugar no inconsciente.

"Deus. Meu Deus!", sussurrou.

Ele se sentia preso, incapaz de se mover. Ele não podia... acordar. Ele tinha de acordar. Doente...

"Eu estou doente!"

Mas onde estava ele agora? Era escuro. Muito escuro. Mas...Espera... que foi isso? Elas eram luzes, opacas, atenuadas; oito luzes vermelhas em um aglomerado, brilhante e filtrado suavemente como se fosse através de um pano fino de queijo. Não, seda; tecido de seda. Não! Fios de seda... diante dos seus olhos. Fios de seda... fios de tecido diante dos seus olhos, giraram o seu corpo; suspendendo ele no quarto 304. Com oito luzes vermelhas, que brilham no escuro, se aproximando furtivamente e ganhando definição conforme se aproximavam. Sussurro! Landor ouviu o sussurro... e as luzes, lentamente se aproximando, agora ele viu, não eram luzes, mas olhos. Os olhos... da dama da noite.

Ela colocou seus braços em torno dele. Ele era dela, preso, extasiado de emoção com seu abraço. Ela o empurrou e ele respondeu de bom grado, sem resistência, com uma sensação de

queda, numa ansiosa expectativa ...sobre a cama, ele achou, ou talvez no chão, ou talvez mesmo no inferno. Landor não sabia e ele não se importava. Em seguida, a doce vida, ela o envolveu com suas pernas em torno dele.

Seu hálito e o seu, eram como uma nuvem aquecida. Ela sussurrou, "Zim. Zimmmm!"

Depois... Ela colocou outras pernas em torno dele.

E, novamente, ela enrolou... mais duas pernas em torno dele.

Suas presas tinham um delicioso aguilhão! Um ardor... Deus, um sentir ardente que corria através do seu corpo. A explosão do suor por todos os poros como o odor penetrante de ferro quente, o cheiro de seu próprio sangue fluindo preenchendo suas narinas. Seus suspiros... misturados com os seus gritos. Estranhamente os gritos, mesmo como ele os expressava, não pareciam como se eles fossem seus... e, como a escuridão...o envolvendo, ele poderia sentir o molhar da sua saliva quente enquanto pingava nele, molhando seu casulo de seda. Ele poderia ver ela lambendo seus lábios vermelho brilhante. E através desse horrendo ruído sussurrante que ela estava fazendo, ela também estava dizendo... algo. Landor não podia entender. Ela estava... Espera! Ele podia ouvir agora. Sim, ele pode escutá-la!

"Ohhhhhh Gott! Dat parece bonn de comer!"

## Sete

Flay lutava para manejar o volante, lutava para ver à frente através da chuva negra; ele desejava estar lá, esperando que em breve estivesse lá. Ele se virou para o amplo compartimento traseiro para dar uma rápida olhada no equipamento que ele tinha trazido; os itens que tinham sido especificamente solicitados para trazer. Evidentemente, ele tinha verificado tudo quando ele carregou. Mas Marlowe, além de ser um babaca de um diretor de funerária, era demasiado paranoico, o qual tornava seus empregados sem necessidade paranoicos. Flay sabia que ele iria ser chamado, imediatamente após o ponto marcado, se ele tinha tudo e se ele tivesse hesitado na sua resposta, Marlowe teria tido um enfarto

Com os seus olhos se movimentado da estrada à frente para o compartimento atrás, e de volta novamente, ele rapidamente fez um inventário. Uma maca com as rodas em colapso. Apenas uma era necessária, independentemente de quantos cadáveres seriam, seria removido um de cada vez. Os mortos eram muito pacientes. Uma maca, confirmado. Dois sacos para corpos, de borracha preta grossa. Marlowe deixou claro. "*Ehh*. Herbert, não posso enfatizar o suficiente", ele disse. "Os sacos, *ehh comuns*, não aguentarão. Traga dois dos pesados." Dois sacos *Deluxe*, confirmado. Luvas cirúrgicas de látex. "Não, *ehh*, apenas dois pares. *Ehh*. Traga a caixa." Uma caixa de luvas, confirmado. E toalhas. "*Ehh*. Traga bastante!" Ok. Uma grande pilha de toalhas, confirmado.

Feliz pelo trabalho, Flay não fez perguntas. Se eles estavam indo para uma batalha, assim seja. Ele traria a artilharia pesada como foi instruído. Marlowe teria nada a reclamar.

\* \* \*

Era a nova regra na garagem do Posto de Comando; a história, os bombeiros, o policial e paramédicos atônitos olhando um para o outro. Ninguém disse uma palavra. Ninguém nem respirava. Assim sendo Sandy Lund quebrou o silêncio. "Uma mulher aranha? O - M - G! Que tipo de disparate cafona é esse?"

"É um disparate nojento ", Abner Perry xingou, contorcendo-se como se ele mesmo tivesse sido abordado por oito patas ameaçadoras. "Isso que é nojento. *Eeeww.*"

Clayton sorriu. "Gostou, né?"

"Não", disse Lund, com desdém. "Foi estúpida e inacreditável. Nada que uma porra louca dessa aconteça sem um motivo. Loucura é adequada para uma história de fogueira, mas tem de haver uma razão para a loucura."

"Talvez você tem algo melhor, Sandy?" Clayton sussurrou a questão. "Eu tinha antes pedido para você contar. Vá em frente. Conte uma".

A motorista dobrou seus braços desafiadoramente e torceu seus lábios em uma combinação de cenho duro e provocação. Ela estudou o grupo ao seu redor, Clayton a almofadinha da princesa paramédica, os colegas bombeiros, Reid e Baker, o mais velho aprovando a brincadeira, o mais jovem acenando o seu apoio, o delegado Grayson, estudando-a em retorno, como se ela fosse uma suspeita de crime, prestes a prestar um exame de estrada e o Perry e o Proprietário, parados, juntos como 'Tweedledee e Tweedledum', o paramédico suando de medo, o proprietário da garagem suando mais próximo de algo parecido com luxuria. Ela estudou do interior das suas pálpebras por um momento. Que diabos, Lund pensou, por que não? Ela acenou uma vez e depois rugiu, "Eu tenho tido sangramento de vagina por duas semanas."

O Proprietário fez um barulho de engasgo como se ele tivesse engolido a sua língua. Baker cuspiu seu café. Grayson piscou duas vezes, chocado, e disse "Demasiada informação." Clayton simplesmente ficou boquiaberta, "Uau".

"Não", Lund exclamou. "Não eu, seus ratos bastardos!" Ela mirou o grupo por baixo. "Estou contando uma história!"



"Certo", Reid disse, como estivesse tentando acalmar uma doente mental. "Certo".

"Você vai me deixar contar a minha história?" Lund disparou.

"Não vejo a hora", disse Baker, olhando para o café na sua camisa.

"Somos todos ouvidos", Clayton completou, debochando dela novamente.

"Certo", Lund disse. "Então escutem".

## Oito

"Eu estou tendo sangramento de vagina há duas semanas."

Isso é o que ela disse para Max Berg.

Max suspirou e balançou a cabeça com consternação. Por que razão ele? O que ele parecia ser, um médico? Ele não era um médico, ele era um ninguém, ele era um técnico de química. Um técnico de química desempregado. Ele tinha a aparência de que poderia ajudar ela? Ele parecia como se importasse? Porque ele não se importava nem um pouco. Ele era um estranho, isso era tudo. Um estranho, sofrendo um dos mais frios invernos já registrados, tremendo no seu assento, apenas preocupado com a sua própria vida, dirigindo o ônibus na cidade. Então esta velha senhora, cheia de pó rosa, como uma colmeia prateada e de cabelo azul, com um casaco de tweed cinzento mofado, trazida por uma explosão de frio, subiu a bordo. Direto da neve derretida, ela fez seu caminho pelo corredor abaixo, mirando o lugar ao lado dele, ignorando uma meia dúzia de outros assentos vazios, e pousou sua ossada de biscoitos nele. Ela tirou fora uma luva, limpou sua garganta com uma leve tosse com um punho esquelético de pele de papel, e confessou, "Eu tenho tido sangramento na vagina há duas semanas."

O que ele podia dizer? O que alguém poderia dizer quanto a isso? Nada. E ele não poderia. Max tinha estado tempo suficiente para saber que era tudo parte do dirigir um ônibus. Esperar o inesperado. Esse era o seu lema de direção de ônibus. Espere o inesperado, e tudo o que possa imaginar.

Enquanto havia exceções (havia exceções para tudo), geralmente era dois tipos de pessoas que andavam de ônibus; aqueles que estavam indo implorar por dinheiro e, pior, aqueles que vinham para tentar entrar na sua vida. Bastardos. Não, não era politicamente correto. Mas Max não sabia nada sobre política; ele

nem mesmo votava, assim, o que importava para ele? As pessoas que se metiam na vida alheia para decidir o que era e não era aceitável fazer em público não viajavam no ônibus maldito.

Pense você, Max não teve problemas em admitir que esses dois tipos de passageiros, eram como sorvete e sorbet, possuíam uma ampla variedade de sabores. Havia os dorminhocos. Max até mesmo não lembra da última vez que ele viajou quando não tinha algum vagabundo degenerado dormindo no ônibus para evitar o frio lá fora. Por que não? A vida era muito mais simples quando você era inconsciente. Havia o pessoal de cadeira de rodas. Não o critique, Max não tinha nada contra eles. Mas com a graça de Deus, você sabe. Mas parar para pegar algum cara em uma cadeira de rodas era uma eternidade, e cobriam o piso com neve, gelo e lama e ela ocupava até quatro lugares, e você não poderia passar pela maldita coisa. Quem criou o sistema de transporte público está de parabéns por serem colocados na parte de trás para ajudar os deficientes, mas eles também não usavam o maldito ônibus.

Isso não era tudo. Havia o rato de biblioteca, o baderneiro, os comilões secretos (ignorando a sinais e mordiscando algo dentro dos bolsos cheios de comida não permitida), os caras com fone de ouvido, os que enviavam torpedos, os tipos eu-vou-berrar-no-meu celular, os da velha guarda, os silenciosos, o arrepiante; todos os tipos de passageiros. Mas se eles não faziam nada mais do que viajar, se eles falavam com você, Max sabia, que você estava numa grande roubada. Eles queriam dinheiro ou queriam lhe perguntar algo que não era da conta deles ou desejavam dizer algo que você não deseja saber. Tal como a 'Vovó Pó Cor de Rosa' no assento ao lado dele.

Havia um monte de retardados que andavam de ônibus. Mas, Max sabia também *que a* espada corta dos dois lados, se você perguntasse para ele, porque a cidade perdeu o juízo por encorajá-los viajar. O terminal central estava cheio de sinais de ameaça, sobre as máquinas de bebidas, nas portas dos banheiros, e sobre as janelas das cabines de bilheteira e informações, "Não faça isso", "Não faça aquilo", "Se fizer isso, será cobrado de você", "Se fizer isso os policiais serão chamados", todos postados com um sorriso

dentro de uma distância de um bem velho, ou muito jovem, ou demasiado magrela, ou demasiado gordo guarda transportando uma arma, patrulhando o terminal, e pensando que ele é o presente de Deus na aplicação da lei. A cidade tratava seus passageiros, seus clientes, como lixo. Eles têm o que eles merecem.

O ponto era, nada contra ninguém, mas, Max sabia que era uma boa ideia manter um olho para fora quando ele rodava com o ônibus. Porque dois tipos de pessoas, o que significa que todos os tipos de pessoas, viajam de ônibus. Não precisava ser meia-noite para os criminosos se apressarem para botar para fora suas pedras e não tem de ser o Dia das Bruxas para os monstros saírem para fora. A chave para dirigir seguro, para não ser incomodado, era de ser um camaleão, de vestir a carapuça e assim você não fica de fora. Era assim que você mantinha um perfil lá em baixo, evitando ser visto, e evitar problemas no ônibus. Sim, na selva de pedra, especialmente nos ônibus, Max era um camaleão.

Naquele dia, Max estava na rota número 7, na Av. Express. A Av. Express atravessa o oeste-leste da cidade em uma linha reta a partir do terminal no centro, passando pelo Hospital Polaco-Americano (onde todos eram tratados, mas os Polacos da cidade começaram há oitenta anos a cobrar um dólar por caso para dar assistência), passando pelo meio da cidade, passando o Hospital Católico (apelidado de Santa Agonia, por pessoas não receberem o serviço que achavam que mereciam), e sobre a Wally World (a grande loja de departamentos) no final da jornada. Lá ele fez com cuidado um U de volta para o estacionamento da sub loja de sanduíches 'Mom & Pop', tendo o cuidado de não derrapar para fora da estrada coberta de gelo, para a vala no caminho, e voltado para direção oposta.

Max estava sendo um camaleão na Express quando a velha senhora subiu a bordo, tomou o assento ao lado dele e começou dividindo "demasiada informação". Ok, sendo as vezes um camaleão não ajudava para que parassem de importunar você, mas, felizmente, ela se levantou, com a sua parafernália, e desceu direto no Hospital Polaco e boa sorte para a velha galinha. Ele achou que iria tomar um folego, mas, mas o que parecia, que ser

um camaleão não estava ajudando em nada naquele dia. Na mesmo minuto, assim que a velha senhora tinha caído fora, filho da mãe se não era a sua substituição que sentou ali.

Este cara tinha um tufo de cabelos negros selvagens mais de seis pés no ar, dois dias de crescimento irregular de barba, escuro (marrom sujo ou talvez cinza) emendado com calças e um casaco acolchoado verde de inverno todo rasgado, quase em trapos. Ele era enorme e o ônibus encolheu como um pequeno cais de porto, quando suas trezentas plus libras pisaram dentro do ônibus. Ele veio rolando como uma bola de neve pelo corredor, direto para o Max, trazendo um jato de ar gelado com ele.

Definitivamente não era o dia do camaleão porque o cara girou o seu tênis tamanho-14 e, apesar de um terço dos assentos estarem vazios, sentou com o seu imenso traseiro direto no assento que a velha menina tinha apenas desocupado. Respirando em estertores profundos como um asmático definhando e cheirando como alho amassado, sua cintura avançando caindo de um lado para o corredor e no outro para o Max. Isso era parcialmente o que ele parecia.

Ele era um homem de cor, mas nada como alguém que Max tinha visto antes. Ele era uma mistura de tons de terra, de um cinzento mortal (nos seus punhos, orelhas, e no seu rosto), um marrom fosco (nos seus olhos, lábios e garganta), com amarelo desbotado como uma sujeira de nutriente, como um vestido gasto e uma relíquia negligenciada tirada da cômoda no sótão da vovó. Ele tinha muita cor, como se ele exalava uma aura, como se a sua pele fosse como uma cobertura protetora para o seu enorme corpo mais do que o que era um barômetro dos sentimentos sendo produzidos. Seu corpaço sugeria superabundância, mas de tudo que ele já tinha chorado de solidão, necessidade e desejo.

Não iria surpreender você que Max, em grande parte, era insensível, e isso dito suavemente. Para ser franco, o bastardo gordo cheirava mal e estava afogando ele com seu sobrepeso nojento e isso era tudo que Max não poderia suportar mas mandar ele se mudar para outro lugar. Mas fazer uma cena ia contra a sua regra de camaleão. Em vez disso ele mordeu a sua língua, no

sentido figurado, como se alguém tinha feito algo no ônibus. Estranhas coisas acontecem muitas vezes e que era melhor serem geralmente observadas sem comentário.

Em seguida, falando de coisas estranhas, *algo aconteceu*.

Reluzindo com neve derretida, o homem gordo se virou silenciosamente em direção dele, sorriu um sorriso amistoso, e depois levantou as suas pálpebras pesadas mostrando uns olhos azuis embaçados. Em um instante, seu olho esquerdo se dilatou, a íris desapareceu e toda a superfície do olho se tornou uma enorme pupila preta. Ele olhou sem piscar para o Max, como um réptil de um tronco de árvore, e direto na sua alma. O seu olho direito inalterado, entretanto, agindo de forma totalmente independente do outro, rodado afastado para olhar para a frente do ônibus. Tão assustado Max estava com aquilo que ele tinha visto, que ele não notou no mesmo instante, um soco direto no lado acima de seu quadril. Foi quando ele mordeu a sua língua novamente, desta vez literalmente, para segurar os gritos.

Não foi porque ele sentiu dor; fosse o que fosse que tinha acontecido, era indolor. Mas foi uma surpresa do inferno, vindo como veio saindo do campo esquerdo. O colega do lado parecia não ter se movido de tudo e certamente não tinha levantado a mão. Max não esperava nada. Um pouco mais tarde, após o choque inicial, ele sentiu mais claramente e percebeu que não era de tudo um punho. Nem era uma arma como ele pensava. Foi uma espécie de apêndice vivo, uma parte do homem gordo, um objeto como um tentáculo afiado atingindo um dos furos no seu casaco e empalando Max pela lateral. Ele não tinha sido apenas nocauteado ou esfaqueado. Isso teria sido suficientemente ruim, mas Max podia sentir o tentáculo empurrando, enrolando e torcendo, invadindo profundamente ele.

No entanto, Max não sentiu nenhuma dor. De alguma forma o homem gordo, a coisa, tinha subitamente e inexplicavelmente anestesiado ele. Max não podia pronunciar nenhum som e não poderia gritar se ele quisesse. Ele deu uma volta rápida com a cabeça, um olhar na direção do estranho, antes que a paralisia sobrenatural tomasse posse dele. Ele não conseguia se mover.

"Você tem muitas perguntas", o homem gordo disse, sem mover os seus lábios ou falar em voz alta. Max ouviu apenas na sua cabeça, mas ele ouviu tudo isso mesmo. "Eu sei. Você tem medo e você tem muitas perguntas. Lamento que haverá tempo para responder somente poucas perguntas. Eu sou de um pequeno e relativamente planeta próximo, apenas fora da órbita do seu Pluto; o nome do nosso planeta não corresponde com nada no seu idioma. Confie em mim, para você não importa. Como eu vim para o mundo é uma longa história e também fora de sua preocupação".

O ônibus estava vibrando e saltitando no seu percurso abaixo, passado por árvores com gelo, casas, lojas e em torno de um acidente testemunhado pelos escorregadores e um boneco de neve com olhos de carvão. Os freios de ar assobiaram como pilotos a bordo. As campainhas tocaram como se outros chamassem para as suas paradas. Todos a bordo, ele ou ela envolvidos consigo mesmo. Ninguém prestou a menor atenção em Max ou no homem gordo.

"Nós não somos novos na sua Terra", disse o alienígena. "Muitos da minha sociedade vieram antes; muitos virão. Estamos impressionados com os seus filmes com os seus alienígenas superiores trazendo verdades sagradas e alertas desesperadores para os seus líderes. Somos o *verdadeiro negócio*, como diria o seu povo, e aprendemos que o melhor começo de uma das nossas missões é comprar tranquilamente um passe de ônibus."

O alienígena sorriu. Seu olho negro olhando inexpressivamente. "Nós não temos nenhum interesse em reconstruir a sua sociedade. Não estamos tentando evitar que poluam ou conquistem o universo; como se isso fosse possível para vocês." O alienígena riu calorosamente sem a mínima alteração de sua expressão facial. "Não temos nenhuma mensagem para você. Estamos aqui para se alimentar; de forma independente para sobrevivência e comunitariamente para a nossa sociedade. Sua essência de vida, seu sangue e tecidos, estão me alimentando agora."

Max sentiu. Enquanto eles rodavam silenciosamente, ele afundando no seu assento, mantido em posição vertical apenas por tudo o que tinha saído do lado do alienígena e entrado nele, ele

estava sendo drenado de tudo o que fazia dele um ser humano vital.

"Suas emoções, entretanto", o alienígena continuou, "alimentarão o meu mundo. Como os gostos clássicos procurados pelos chefs do seu planeta, a nossa sociedade é sustentada pelas clássicas emoções; amor doce, ódio picante, força salgada, decepção azeda, retribuição adstringente. Nossos agentes têm a capacidade de instantaneamente sentir e atacar indivíduos com personalidades amadurecidas com emoções específicas, para coletar essas emoções em todos os seus aspectos e transferir esses sentimentos caseiros para consumo comunitário. Como você deve ter adivinhado," disse a criatura com um rolar do seu olho esquerdo, "Eu recolho o amargo".

Max não tinha capacidade para protestar ou força para xingar. Logo ele perdeu o desejo. Sua consciência se tornou confusa. O seu contato com a realidade começava a fugir. A paisagem invernal parecia corrida, por blocos passando por fora das janelas como se a cidade estivesse se movendo e o ônibus estático. Embora ele sabia que era de manhã cedo, começou a parecer como se o amanhecer estava se aproximando.

Max não era o único que estava sentindo. As alterações estavam acontecendo também com o homem gordo. Ele respirou mais delicado e mais livremente como ele pode. Seu chiado desapareceu. A repugnante cheiro de alho tinha ido com ele. Os amarelos, cinzentos e desgostoso marrom desbotado se apagou da sua pele, foi substituído por um champanhe cintilante branco com um verde animado ao redor dos seus olhos e na sua boca e nariz. Foi como se uma nova criatura dentro dele estivesse sendo liberada; terrível, sim, mas jovem, forte e saudável.

"Sim", o alienígena confessou, "Eu fui forçado a julgar você. Só posso pedir desculpa pelo ilógico dilema que se criou, mas seu idioma limitado não tem palavras para descrever precisamente quem ou o que eu sou, ou precisamente, aquilo que eu faço. Admiro um certo número das suas palavras que dão uma definição: viajante, coletor, apagador. Existe um termo que eu particularmente gosto, dada a emoção eu sou obrigado a me conter: varredor de



rua. Perdoe-me por eu não sentir por você. Seria um desperdício; humanos como você já estão mortos. Em vez disso eu me sinto obrigado em relação aos meus irmãos de colher os seus amantes da vida".

Antes de qualquer um deles saber, com um frear dos freios, o ônibus tinha parado na parada do lado de fora do Hospital Católico.

"Ah", disse o alienígena na mente mal consciente de Max. "Perfeitamente no tempo. Eu acabei com você e então, como o seu povo diz, é aqui que eu caio fora. Meu mundo agradece a você e eu te agradeço. Você estava delicioso." Com um sorver do seu tentáculo que foi retirado e sumido no seu casaco rasgado. Max caiu contra a janela enquanto o viajante se levantou de seu assento batendo no seu lado com satisfação.

O ônibus respirou com alívio quando ele saiu para fora da plataforma e na neve. Dois passageiros esperavam ansiosos por algum calor, pagando não importa quanto, subiram a bordo. O alienígena se movia pesadamente e lentamente ao redor e atrás do quiosque da parada de ônibus.

Através dos semiabertos e desfocados olhos, através da janela embaçada do ônibus, através da parede fosca do quiosque, o moribundo Max viu o alienígena caminhar a pé e percebeu que, quanto aos camaleões, ele tinha sido um amador. Quando ele viu que, conforme ele caminhava, o alienígena começou a se transformar. Todo o seu corpo monstruoso tinha se encolhido para baixo. Suas mãos carnudas, já caíam ainda mais para baixo, pendendo e assumido a forma e as cores de sacolas de compras cheias. Seu emaranhado cabelo preto se tornou um marrom *'babushka'*, seu casaco rasgado juntado para acomodar sua silhueta, debruçada sobre si mesmo, acima dos seus tornozelos como algo consertado e virado cinza e branco. Ele...agora ela, para o passageiro tinha se tornado uma mendiga octogenária flácida com calçado ortopédico de borracha, que começou a caminhar lentamente até a calçada cheia de sal no sentido do St. Agonia na subida.

Nenhum dos leitores, impertinentes, comedores secretos, os fones de ouvido, os mensageiros de torpedos, os gritadores de

telefone celular, os da velha guarda, o silencioso ou o arrepiante a bordo do ônibus, prestou a menor atenção no alienígena e na sua transformação. Nem prestaram qualquer atenção quando Max Berg deu o seu último suspiro ou para a carcaça que ele deixou para trás. Por que razão deveriam? No inverno, sempre havia pessoas dormindo no ônibus.

## Nove

Flay viu branco apontando na frente. Ele se dobrou para a frente sobre o volante e se esticou tenso, olhando através da chuva sangrenta, entre o varrimento do para-brisas, como as luzes de Cedartown iam crescendo brilhante com sua aproximação. Ele desacelerou para a bem conhecida armadilha da polícia contra alta velocidade nos arredores, embora duvidou que estivesse em operação, e lentamente seguiu para o vilarejo. Ele passou pelo barzinho, pelo Cedar Stop, à direita e pela pequena barbearia, o Cedar Shop, à esquerda. Então ele deu uma mão para a esquerda saindo na rua principal. Ele seguiu lentamente duas ruas para baixo, certificando-se que estava no endereço certo, e começou a virar para a direita para uma rua sem uma esquina iluminada, curva ou acostamento.

Ele cortou a esquina bruscamente e sem estar consciente, levou a van para fora da estrada. A grama molhada e lama de uma pequena vala não ajudaram ele mas ajudaram na derrapagem. Uma última volta do volante, demasiado tarde para fazer qualquer coisa, foi a cereja no sundae de merda. A extremidade traseira da van derrapou, o pneu traseiro do lado do passageiro atingiu o lábio da calçada de cimento, esvaziando uma torrente de água da chuva. A parede lateral do pneu se rasgou e a extremidade traseira da van sentou-se para chorar.

Herb Flay sabia exatamente qual era o sentimento.

\* \* \*

Novamente, o pessoal reunido na garagem ficaram parados imóveis no fim da narrativa. Alguns deles, o chefe do Grayson dentre elas, olhou para os outros para ver as reações. Alguns, Perry dentre elas,

eram incapazes de olhar para qualquer lugar e simplesmente miravam para o piso de concreto, horrorizados. Como antes, Sandy Lund quebrou o silêncio. "Encontramos ele apenas assim, parecendo como se ele estivesse dormindo, morto como uma pedra, sentado lá no ônibus, naquele cruzamento da cidade."

Reid fungou. Baker deu gargalhadas.

"Riam, idiotas sonolentos", Lund disse para eles. Ela apontou para a chuva atingindo as janelas. "O Camaleão ainda está lá fora."

A porta se abriu e Lisa Clayton, que estava mais próxima, pulou e deu um grito. Todos no lugar deram uma risada por conta dela, quando alguém ensopado pela chuva chegou marchando, era o Xerife com cara de pedra vindo na frente, o velho Médico Legista logo atrás, e o bem cansado Chefe do Corpo de Bombeiros seguindo eles. O motorista do caminhão com a escada gigantesca, Paul Henderson, trouxe a retaguarda, escorregando através da abertura da porta de lado, para completar, com equipamento de ar de bombeiro pesado pendurado em cada lado.

Recuperados do seu choque e apenas moderadamente mais corados do que antes, Clayton agarrou a porta e a manteve aberta. Reid e Baker, sabiam onde o seu pão foi untado, pegaram um equipamento cada um. O aliviado Henderson estralou seus dedos para ter o sangue fluindo novamente. O Proprietário pegou os pratos e copos da sua mesa improvisada para dar lugar para o equipamento, arreios, reguladores e garrafas de ar fresco, um lugar para deixá-los.

O restante do reunidos, tendo gasto suas risadas, observavam numa antecipação muda. Aquilo que viram no rosto de seus destemidos líderes era raro e difícil de descrever. Todos os quatro que chegaram eram veteranos durões, mas todos os quatro, sacudindo a chuva, pareciam abalados até a medula.

"Mudem a cara de interrogação", o Xerife lhes disse. "Dois mortos, durante um longo período de tempo."

"Nada mais a acrescentar," o Médico Legista acrescentou, "até que eles sejam autopsiados. E nada mais para fazer aqui até que os levemos para onde os exames serão conduzidos".

Lund baixou sua xícara de café, e se apressou. "Precisa de ajuda para carregá-los?"

O Médico Legista, suas asas brancas de cabelo ralo flutuavam na sua quase que totalmente cabeça careca, agora o seu chapéu tinha sido tirado, olhou com pena para a motorista através da chuva que caía aos cântaros, como se ela fosse insana. "Eu não vou carregá-los. Eu chamei a Fengriffen no momento que eu recebi a chamada. Eles podem ficar com eles. Vou fazer as autópsias na sua funerária".

"Portanto, nos apreçamos e esperamos por mais alguns?"

" Não deve demorar muito. Marlowe já está aqui." Não era necessário dar qualquer explicação, todos no negócio de emergência conheciam os agentes funerários locais e, mesmo se eles não conhecessem, eles conheciam o velho engraçado Marlowe. O Médico Legista continuou, "Ele apareceu quando estávamos saindo. Ele está sentado no seu Cadillac na frente da casa, bem no coração do fedor, aguardando o seu ajudante para chegar até aqui com a van deles".

"Falando no coração do fedor", o Chefe do Corpo de Bombeiros disse, virando os olhos para Reid e Baker. "Desculpe, meninos, mas é a vez de vocês. Vá manter um olho no nesse equipamento caro que são de vocês, vocês vão fazer." Não era uma pergunta nem um pedido. Reid e Baker juntaram seus equipamentos e começaram a se preparar para a chuva.

O xerife, entretanto, virou para o Delegado Grayson. "O seu colega provavelmente poderia ter alguma companhia. Ele está sentado na sua patrulha e firmemente postado na frente, mas se você me perguntar, alguma coisa deixou ele um pouco assustado."

Outra risada, mais nervosa que saudável, passou entre aqueles que se reuniam na garagem.

"Nós estávamos contando histórias assustadoras de guerra", explicou Baker, tirando seu casaco de abrigo.

"E você está sugerindo que você assustou o meu delegado?" o Xerife perguntou.

"Ele só ouviu a história que ele contou. Ele próprio ficou com medo. Mas algumas delas tem sido desde então bastante..." Baker pensou na palavra.

"Assustadoras?" Reid sugeriu. Todos riram novamente.

"Sim, eu acho isso." Baker ficou vermelho combinando agora com Clayton.

"Elas são nojentas", Abner Perry declarou, com nenhuma vontade de fazer parte da atmosfera de festa do encontro forçado. "Elas são nojentas e diabólicas."

"Ah, Abner," disse Clayton. "Você está exagerando. Além disso, a última não foi assustadora e repugnante, ou diabólica. Era apenas idiota."

"Você quer dizer a minha?" Lund latiu, batendo de frente, com seus punhos fechados.

"Sim, a sua", a loirinha rebateu, com nenhum sinal de intimidação. "Essa não é a maneira de contar uma história de terror. Um alienígena em um ônibus. Que monte de besteira. E o que disse que a minha não valia nada!"

O Xerife e Chefe do Corpo de Bombeiros assistiram a discussão sendo armada com olhos cuidadosos; sem querer ficar no meio de dela, nem tanto na esperança de que ela levaria a lado nenhum. Os outros trabalhadores de emergência a tomaram sem emoção. O Proprietário observava com um silencioso, mas palpável, deleite.

"Senhoras", o Chefe do Corpo de Bombeiros disse finalmente, tapeando o ar pesado com a sua mão. "Vamos baixar o tom." Em seguida, para provar que não era grande coisa, voltou a sua atenção para Reid e Baker, apontando para a porta e os enviou no seu caminho.

Terminou expondo o ar pesado, Henderson foi para a porta fechada e, através das janelas riscadas, ficou olhando para os bombeiros indo embora. A capa de chuva folheada ou chapeada de Grayson seguiu e os alcançou. A motorista e as três figuras encarando como se fossem formas surreais e silhuetas arrepiantes quando as luzes vermelha, azul e as amarela dos carros de emergência cintilaram fantasmas cinzentos quando relâmpagos iluminaram a chuva, e meio invisível quando as trevas os engoliu.

"Você não precisa de alienígenas", Henderson sussurrou.

"O quê?" O Proprietário estava de repente do seu lado oferecendo uma xícara de café. "Desculpe. Não quero me meter.

Mas... o que você disse?"

"Eu disse, você não precisa de alienígenas", Henderson repetiu. Ele levantou a sua voz para se dirigir ao grupo, mas manteve os olhos sobre a tempestade escura lá fora. "Você não necessita de alienígenas do espaço para achar horror. Na escuridão há muito mais do que o suficiente para aterrorizar".

"Você quer dizer na cena", seu anfitrião perguntou, com algo semelhante a um sorriso. "Na casa?"

"Quero dizer neste mundo. Lá fora." A motorista voltou da janela para o grupo. "Você sabe o que há do lado de fora? Maligno... e você não pode olhar apenas para ele e vê-lo por aquilo que ele é. Porque o mal parece assim como nós."

Analisou o grupo, o Xerife em alerta, o agora curioso Médico Legista, o sombrio chefe paramédico e sua parceira duende -, o seu velho amigo Chefe do Corpo de Bombeiros, o seu colega de longa data, Lund, e o sempre vertiginoso Proprietário com seu bule de café poço sem fundo e o seu distorcido senso de prazer, e Henderson perguntou para todos eles, "Vocês desejam ouvir uma história? Uma história de terror; sobre outro grupo de bombeiros em outro lugar e hora?"

## Dez

O motorista do caminhão de bombeiros e seu Tenente conseguiam ver o brilho no céu noturno três minutos após o Caminhão Dois ter saído da estação. O bombeiro veterano, no assento atrás do condutor, estava demasiadamente ocupado para rodar para ver o que os homens na cabine estavam vendo. Ele estava afivelando o seu casaco de bombeiro, puxando o seu capuz, desatando os arreios do seu equipamento de bombeiro, atando o cordão da sua máscara ao redor do pescoço. Ele via apenas o que ele estava fazendo e, e quando ele olhou para cima na direção da mangueira, reflexões em vermelho, branco e azul, das luzes saltando do painel de controle. O novato, no assento auxiliar no outro lado do compartimento do motor, atrás dos seus comandantes, estava muito nervoso e demasiado ocupado vestindo seu equipamento novo para ficar olhando para qualquer lugar ou ver nada. Os caminhões de bombeiros estavam no seu caminho para o primeiro trabalho de incêndio real do novato.

No momento em que entraram na Rua Float, o motorista e seu Tenente podiam ver a casa se destruindo com as chamas, *rodando* como eles diziam no negócio de incêndios, queimando até o Inferno, não bastaria, e ainda eles estavam a uma quadra de distância. O motorista parou o caminhão passando a esquina do hidrante. O Tenente abriu a janela entre ele e o assento aberto. Ele abriu a boca para falar com o novato, mas, do lado dele, o condutor gritou, "Agarra ele, Novato!" O Tenente sorriu.

O novato saiu do seu lugar, se moveu apressadamente para parte de trás do motor, agarrou a junta da sua mangueira abastecedora de cinco polegadas (com a chave em anexo), e a levantou da base. Ele puxou várias dobras da mangueira para o pavimento, arrastado o material para a volta e enrolou em volta do



hidrante. O motor rugiu e liberou o suprimento de mangueira na rua atrás dele, em direção da casa em chamas. Sozinho, o novato ansioso passou a trabalhar conectando a mangueira para seu abastecimento de água.

Um policial, que tinham descoberto o fogo e tocado o alarme, pôs-se em frente da casa. Apenas um punhado de curiosos estavam reunidos, olhando fixamente e ameaçando se meter no meio, mas era cedo (1:30 da manhã) e o fogo só recentemente tinha se mostrado. Como as chamas cresceram, como as sirenes e luzes aumentaram, os vizinhos começaram a perceber o que estava acontecendo então, apesar das calçadas cheias de gelo, o ar congelado, a neve do inverno por toda a parte, a plateia escassa iria crescer em uma multidão. Inverno ou verão, eles sempre estavam lá.

O motor fez a contenção mais próxima da casa e o engenheiro galgou para baixo da cabine. Ele desacoplou a boca da sua mangueira do hidrante, reconectou no caminhão e subiu a meio navio para acionar a bomba controladora. Ele passou pelo bombeiro veterano, deixando seu assento em plena marcha e com o equipamento, começou pela rua gelada indo em direção para a traseira do motor. O Tenente, que não gostava de alarmes ou do frio, pisou em baixo cuidadosamente do seu lado da cabine para avaliar a situação. A casa era um bagulho cinzento de dois andares. As janelas do térreo - em especial, uma grande janela panorâmica com vista para o alpendre - estava negra com a fumaça que rolava. A janela acima, provavelmente um quarto, estava preta, mas muito mais, viva, com dedos de chama dançante cutucando através da rotatividade do calor. Pela plataforma traseira, o veterano via também. "Isto", ele resmungou, "vai ser uma merda".

O combate de incêndio, como qualquer profissão, tinha suas rotinas e os detalhes da cena de incêndio não são necessários. Basta dizer que tudo correu mais de menos a forma como o livro dizia que deveria ser. Caminhão Um chegou com mais ajuda e um Capitão para tomar o comando. A Escada Um chegou com um casal de troncados, imbecis peões para cortar as telhas do telhado, puxar o teto para baixo e quebrar janelas. O Delegado (a cidade era

demasiado pequena para Batalhões) apareceu rapidamente com a habitual mancha de geleia na sua camisa do uniforme branco. (O Xerife estava na cama em casa). Mais polícias apareceram, naturalmente, para lidar com o tráfego, a crescente multidão, e para eles mesmo espionarem. Duas ambulâncias aportaram ali no ato, não apenas para tratar e transportar os feridos, mas porque os paramédicos, também eram bombeiros. O engenheiro do controle de bomba tocou a buzina de ar, dois toques.

Ao ouvir o sinal, o novato abriu a válvula do hidrante de incêndio e a mangueira de alimentação de cinco polegadas cheia com água, gorda e sebosa, para baixo ao longo do comprimento do bloco. Máscaras de ar foram puxadas, linhas de ataque foram ativadas e houve uma tentativa de entrada na casa em chamas.

Tentativa foi a palavra chave. A porta da frente estava escancarada, mas, estranhamente, não deveria abrir. Ela apenas não poderia ser aberta. Foi aqui quando a sensação começou a crescer entre os bombeiros de que havia algo de estranho na casa. A porta dianteira teria de ser arrancada para fora da estrutura. Com a primeira linha de ataque parado ali, uma segunda equipe quebrou o vidro da janela da sala de estar, e para agravar engoliram uma nuvem de fumaça preta. Tentaram puxar a mangueira sobre o parapeito da janela e, também eles, imediatamente viram que o seu avanço estava impedido. Não era incomum para um bombeiro de combater até conseguir controlar a situação, mas esse lugar estava chutando eles para fora antes que eles pudessem alcançar a varanda. Para encurtar, longa história, lutaram arduamente e uma entrada foi feita e o combate começou a alcançar a base do fogo.

Ao longo do caminho, a bizarra causa de suas angústias foi descoberta. Logo se tornou evidente, que os ocupantes da casa eram marginais. O lugar inteiro, além de estar cheio de fumaça e fogo, também estava cheio de lixo. Isso não é exagero. O piso não existe. Ele foi sepultado por três pés de lixo espalhados e porcaria recolhida. Foi por essa razão que a porta da frente não podia ser aberta e porque a equipe não conseguiu entrar através da janela. Cegados em um mundo de fumaça preta, eles não podiam ver que eles também estavam rodeados com lixo a perder de vista. Os

bombeiros não podiam nem rastejar, como muitas vezes eles tinham feito, nem podiam se posicionar no caminho. O lixo em que foram forçados a caminhar era tão alto que eles tinham de mergulhar nele para chegar até a entrada. Isto no escuro, com 35 quilos de equipamento, arrastando a mangueira, respirando ar engarrafado, combatendo o fogo. Não estava sendo fácil.

O número crescente de curiosos, entretanto, assistindo os bombeiros tentando salvar seus vizinhos, estavam tendo um grande momento. Apesar da noite de inverno congelante, na sua nunca-nada-acontece cidade, era praticamente uma festa. Uma dupla de rapazes tinha até cerveja, até que um dos policiais viu eles e ordenou que as latas fossem jogadas fora. Insatisfeitos, em grande escala, alegaram seus direitos e lhe chamaram de cadela na cara dela. A policial não ficou impressionada. Ela repetiu a sua ordem e a cerveja foi jogada na neve.

O curioso que estava tendo o melhor tempo de todos, era um cara que estava sozinho, perto da parte de trás da multidão agitada. Seu nome era Doug Gamley e, sinceramente, ele estava desfrutando tanto do show, que a única coisa que podia fazer era manter a sua mão longe do seu 'pau'. Veja você, Gamley, e um "amigo" seu (que vai ainda entrar oficialmente na história) um rapaz chamado Kevin Connor, tinham começado o incêndio na casa. É certo. De propósito eles atearam fogo, na cozinha e na sala de estar, não dez minutos após eles terem amarrado, e não dois ou três minutos após eles terem matado, os irmãos gémeos que moravam ali.

O incêndio se tornou um vermelho laranja brilhante graças ao ar frio da noite. A fumaça preta circulando para fora, através das novas aberturas da porta e janela, como se não fosse da conta de ninguém. No interior, os bombeiros não poderiam ver as luvas em frente da sua própria cara com máscaras ou de encontrar as suas traseiras com essas mesmas mãos. Sob essas condições, com a adição de água pressurizada que ao ser lançada no lugar congelou em minutos, levou um bom tempo enquanto eles "faziam uma geral" como diziam no negócio.

Nesse tempo, o mais recente membro do time, o novato que vistoriava o suprimento de água do motor, tinha deixado o hidrante e puxou a mangueira para entrar em ação. Os bombeiros não correm em cenas de incêndio, por toda uma série de razões, mas ele era um castor ávido e que era uma lição que ele ainda teria de aprender. Talvez algum outro dia. Agora, ele queria ser um "entra na merda". A pressa foi apenas o primeiro erro que cometeu na sua emoção. Ele estava prestes a fazer ainda muitos outros. Sem dizer a ninguém, ele agarrou um equipamento de ar do caminhão. Ele entrou em cena sem pedir para o Comando de Incidentes. E tendo atado uma garrafa de ar e vestido a sua máscara, ele entrou na casa em chamas sem qualquer dos outros bombeiros ocupados saberem que ele tinha deixado o hidrante. Ele foi sozinho – um absoluto não pode - em seu primeiro incêndio.

O novato tinha passado pela academia de modo que ele não estava surpreso que não parecia com os incêndios na televisão. Na TV, bombeiros sem mascaras se moviam através de quartos bem iluminados pelo fogo, gritavam diálogos heroicos uns com os outros como se pudessem salvar os presos inocentes. No que era de verdade, o ar sobreaquecido e falha ao vestir o equipamento corretamente significava uma morte rápida. O calor era opressivo, o ar estava cheio de fumaça preta e você não podia ver nada. Não, ele não estava surpreso. Mas rapidamente estava envergonhado e perdido.

Equipe dois ainda estava na sala de estar presa no que equivalia a uma caixa gigante; com seus lados feitos de mobiliário (uma mesa e sofá com certeza, outros itens menos perceptíveis na fumaça), montanhas gigantescas jornais e livros empilhados, caixas de papelão com tralhas, e lixo comum (garrafas de dois litros derretidas, fezes de animais, copos amassados e sacos de papel amarrados como um arco-íris apresentando logotipos famosos de casa de lanches). Eles tinham de descer a sua mangueira e, juntos, derrubar uma das pilhas de papel para conseguirem passagem, apenas para que eles pudessem subir no topo do monte de lixo correndo através da casa e avançar com o esguicho.

A equipe um tinha entrado pela porta da frente e em baixo de uma sala em desordem, alcançado a cozinha e encontrado um dos focos do incêndio. Era óbvio, mesmo com poucos detalhes, a casa estava queimando em vários lugares e provavelmente tinha sido iniciado por um incendiário. Mas tudo isso seria uma bagunça para mais tarde. Agora tudo estava queimando em chamas a poucos metros de distância e eles tinham que apagar o maldito de uma vez por todas. Evidentemente ao apagar o fogo com água mergulhou a cozinha de volta na escuridão.

O novato encontrou o seu caminho para a cozinha logo depois; embora ele não tinha a menor ideia de que o que ele tinha feito. Ele estava em pé na fumaça preta apenas a poucos metros da equipe um - sem ser as menos estarem conscientes da presença dos outros. Ele deu um passo cego e errado à sua direita, através de uma porta de entrada faltando uma porta e caiu como um jumento ofegante para baixo de uma escada de madeira. No meio do caos, a crepitação e estalos do incêndio, os jatos de água, madeira se rachando, o vidro se quebrando, os gritos dos bombeiros embaralhados, a rádios grasnando, o barulho da multidão e policiais lá fora, ninguém na cozinha ouviu nada. Ninguém sabia que o novato tinha estado ali do lado deles. Ou que, agora, ele foi se embora novamente.

O novato atordoado se colocou de pé no porão. Ele bateu a sua máscara na diagonal e não conseguia respirar. Ele não estava somente tonto e nocauteado, ele estava sufocando. Saltou fora do que quer que fosse que tinha causado sua queda, sem ser capaz de ver, e de volta de joelhos. Ele lutou para tirar seu capacete, lutou para tirar a sua máscara para cima e sobre a sua cabeça - engasgando. Sob a máscara o novato era um belo loiro, nos seus vinte e poucos anos, com um maxilar acinzentado e olhos de um azul suave de quarto de dormir; olhos que, naquele momento, ele olhou em torno da adega no porão.

Ele pode ver que aconteceu em baixo uma grande filtragem de fumaça cinza, mas, como o fogo parecia acontecer somente no andar superior, não era nuvens de fumaça que circulavam lá. Também tinham água, muita, várias polegadas de profundidade

sobre o piso e chovendo para baixo entre as vigas do teto e das atividades no piso acima; um chuveiro sobre uma gaiola de pedra escura. Apesar da chuva artificial, o porão também tinha uma luz âmbar...

Tentando pegar um fôlego, o engasgado, novato suando deu uma olhada para a vela incandescente através da escuridão. Velas, era o que ele estava vendo. Velas acesas, organizadas em torno de uma pintura em uma parede, o que parecia ser uma espécie de santuário. Ele piscou os olhos através da fumaça até uma estrela, uma estrela de cinco pontas, pintada dentro de um círculo com as velas penduradas em cada ponto. Era um pentagrama, um pentagrama assustador, apenas como aqueles vistos nos filmes de satanismo, caça às bruxas e lobisomem.

Que diabos é isso? Ele fechou os olhos, voltando para trás e baixou a sua cabeça para respirar mais devagar, se não mais fácil, para encontrar algo melhor do que o ar que tinha perto do piso da adega. Quando ele abriu os olhos novamente, ele viu aonde ele tinha desembarcado, a coisa que tinha provocado a sua queda. Era o corpo de um homem velho, vestido no que parecia ser um robe negro de um sacerdote, salpicado com sangue, sentado ereto na elevação da água no chão, seus braços atrás dele, suas costas contra a parede de pedra calcária desmoronando na parte inferior das escadas. Ele parecia ter tomado o mesmo tombo que o novato teve - com uma importante diferença. O homem velho não tinha nada mais que os degraus de madeira e o piso de concreto para amortecer a sua queda. E...ele tinha um pedaço grosso de fita em toda a sua boca e enrolado ao redor de sua cabeça.

O pânico atingiu o novato. De repente tudo tinha mudado. Isso já não era apenas a sua primeira cena de incêndio. Este era um trabalho de incendiários. Este era um assassinato!

Tremendo, ele pegou o velho camarada e o moveu ligeiramente, forçando a olhar para atrás dele. Sim, suas mãos também estavam atadas. O velho tinha sido amordaçado, amarrado e empurrado pelas escadas abaixo. A casa tinha sido intencionalmente posta ao fogo! Depois veio o Corpo de Bombeiros de modo que ele pudesse heroicamente cair pelas mesmas escadas e aterrissar em cima do

pobre homem. O novato sentia seu estômago enjoado. Ele já estava respirando como uma locomotiva, tentando recuperar o fôlego no que era uma adega enfumaçada, agora ele precisava respirar profundamente para não vomitar. Ele tinha se colocado na parte superior dele. Mas isso importa realmente? O homem estava mais morto do que morto. Ele arrancou a fita dos punhos dele, trouxe os seus braços finos para frente e pousou as suas costas contra a parede. Ele desgrudou a fita e puxou ela para fora da sua boca. Ele pendia para frente, no rosto dele, procurando ver se tinha respiração.

O novato não viu que as velas sobre o pentagrama se acenderam atrás dele. Ele estava muito ocupado gritando em estado de choque quando o velho abriu os olhos.

Assustou ele até o inferno, o fez tremer até a sua medula. Ele teria acrescentado um grito de alarme, mas ele ainda tinha que conseguir respirar de volta. Ele teria jurado sobre uma pilha de Bíblias que o cara estava morto. Antes do bombeiro se recuperar a mão do velho apareceu da piscina de água rasa sobre o piso e agarrou ele pela garganta. O seu aperto era assustador. Seu aperto era como uma prensa, cortando inteiramente o seu ar, impedindo até mesmo de dar um suspiro de terror. E era terror. Os olhos do velho viravam para cima e para trás deixando nada mais que o branco amarelado brilhando em órbitas profundas da sua cabeça. Sua boca aberta mostrando a falta de dentes e gengivas azuis. Um murmúrio do fundo do profundo do inferno, e um cheiro combinando, escapou de sua boca e atingiu em cheio o jovem bombeiro na face. Então algo terrível e horrendo se passou e para fora das entranhas do velho. O novato se sacudiu forte com o que seja que lhe atingiu. Ele gritava, ou teria gritado, mas a terrível redemoinho de essência tinha silenciado o som como que perfurado o seu caminho na sua boca e desaparecido dentro dele. O velho homem caiu de volta contra a parede, morto de novo. O jovem bombeiro em convulsões caiu de volta na água.

Quando o espasmo passou e os respingos vieram à tona, movendo-se rigidamente com empurrões exagerados, o novato sentou-se. Sem uma palavra ele ficou de pé. Ele vestiu a sua

máscara de ar de borracha preta, seu rosto e os olhos ferozmente escancarados sumindo atrás da espessura da lente e, em cima seu capacete revestido de carbono. Ele se voltou para o altar improvisados que brilhava com a luz da cintilação das velas. Ele olhou para o pentagrama no centro do santuário escuro e, fez o melhor que pode sob o equipamento de ar pesado, se curvado no que parecia ser um gesto de profundo respeito para alguma escura e invisível autoridade.

Dando a volta, ele caminhou pelo meio da água em toda a área do porão, pegou os degraus de pedra, atirou para abrir as portas de madeira no antigo átrio e inclinado subiu para fora do porão.

\* \* \*

A multidão de curiosos agora tinha dobrado de tamanho, estavam se divertindo atrás da barricada policial. Doug Gamley, ainda atrás, ainda se deleitando com a destruição e, em particular, a parte que tinha desempenhado, no entanto irritava que ele tinha de desfrutar sozinho. Kevin Connor, seu amigo do peito, seu sócio incendiário, pretendia dar o fora dali o mais rápido possível. Connor precisava de uma bebida. Connor era um covarde que, se você tivesse perguntado para Gamley, ele não saberia dizer onde achar graça nele. Bem, Gamley sabia. Ele não precisava de Connor para nada. Ele se virou a partir do entusiasmo do Corpo de Bombeiros para se concentrar em si mesmo.

Os bombeiros iriam acabar com o fogo rapidamente e, uma vez que, não faria nenhum sentido ficar por ali para assisti-los em encontrar os corpos. Eles examinavam a multidão que, mesmo naquela hora morta da manhã, num frio mortal de inverno, estava cheio até a borda com galões da vizinhança que antes ele tinha farejado. Sim, senhor, Gamley deu uma checada, podia bem terminar a celebração com um pedaço quente de rabo.

Tão motivada era a multidão no fogo, tão motivado era Gamley numa conquista potencial, tão motivados eram os bombeiros com os seus deveres, ninguém viu ou prestou atenção em um bombeiro surgido a partir das sombras na lateral da casa em chamas e dado



a volta na multidão. Ninguém o viu mirando Gamley na rua ou prestou atenção como ele se dirigiu para ele e ficou plantado atrás dele. Ninguém viu o novato botar o seu braço rapidamente em volta, encravar os dedos de uma mão com luva na boca do Gamley e puxa-lo fora de seus pés para trás.

Gamley tentou gritar. Mas a sujeira e o carbono incorporado na borracha eram asfixiantes e as luvas grossas fizeram que o menor ruído fosse impossível. Ele tentou morder os dedos do novato mas entendeu que era igualmente inútil. Além disso, o bombeiro estava esmagando ele como um urso, apertando a respiração fora dele, arrastando ele para longe da multidão e na direção da qual ele tinha chegado. Com ninguém por perto, Gamley foi arrastado para as trevas ao redor do lado da casa.

Um dos temas de classe requisitado na academia de bombeiros era de auto resgate, a arte de ficar vivo em emergências especiais. Ser capaz de escapar aos níveis superiores de uma estrutura, quando estavam sozinhos e tudo era merda, estava no topo da lista de ensinamentos. Como êxito de pós-graduação, o novato acionava o sistema necessário de viabilização pessoal em um bolso de uma perna de sua calça; um rapel resistente, um comprimento de corda e um gancho de Seattle de utilização rápida. O gancho era exatamente isso, sete polegadas de altura, cinco de largura, feito de alumínio polido com arame farpado dentes no interior do grande ponto de mordida em uma parede do parapeito que segura e prende rápido. Mas o gancho de Seattle, que tinha sido ensinado, era um instrumento multifuncional.

Lá nas sombras, com Gamley preso contra a lateral da casa em chamas, o novato agarrou o gancho do seu bolso, e com a sua mão, perfurou o olho do assassino incendiário chegando até o seu cérebro. Gamley foi golpeado silenciosamente com as luvas dele, seguido por um espasmo violento, e então caído mole.

Arrastando o cadáver de Gamley com ele, com ninguém prestando atenção nos arredores, o novato desapareceu ao virar na esquina do quintal, direto para o abismo do porão.

\* \* \*

Na casa acima, as equipes finalmente estavam conseguindo fazer o trabalho. O fogo na cozinha tinha sido extinto e o incêndio na sala de estar foi finalmente eliminado. A fumaça preta foi se tornando cinza. Da frente para trás, do lixo até o teto, milhares de litros de água jogada estavam congelando, tornando tudo como uma cena de filmagem de um mundo de cristal alienígena e queimado. Um ejetor de fumaça havia sido colocado na porta dianteira, começando um pequeno, mas importante início de limpeza do ar e parecia que o Turno C estava indo salvar um. Foi então que alguém no primeiro piso, consciente dos curiosos da vizinhança e evitando propositalmente de usar o seu portátil, avisou com uma voz abafada pela sua máscara de ar, "Temos um corpo!"

Ignorando o que o novato tinha descoberto no porão, ignorante de tudo o que se passava por trás da multidão lá fora e diretamente debaixo dos seus pés, os bombeiros no andar superior pensaram que o seu corpo era o primeiro. Ele estava sepultado no meio do lixo no chão, na arcada rebaixada entre a sala de estar e uma pequena sala do lado de um lavabo no piso térreo. No lixo era mal reconhecível como um ser humano ou o que outrora tinha sido um ser humano. Ele estava queimado como uma grelha no fim esquecida, preta, com a carne de ambas as pernas rasgadas como um *'Johnsonville Brats'* no ponto. Um olhar mais atento revelou que os seus braços haviam sido atados atrás das costas e a sua boca tapada com fita.

## Onze

Com uma equipe com esguicho ainda combatendo o incêndio, com o trabalho penoso de abrir os tetos e paredes para impedir focos de incêndio de reacender, e com a emoção de uma vítima que tinha sido claramente assassinada na casa, a cena de incêndio e o Centro de Comando estava estourando de oficiais. Todos eles muito ocupados para notar um bombeiro solitário, o novato do Caminhão Dois, em pleno equipamento, saído do caos do porão, através do quintal ensombrecido, e a distância.

\* \* \*

De uma distância curta, dois blocos residenciais, na rua principal próxima, estava o Solo Bar e Grill. Ele era um caindo aos pedaços boteco com uns poucos clientes maltrapilhos acomodados em umas mesas pesadas de madeira cobertas com apenas o número certo de manchas. Menos pessoas queriam clientes mais animados. Mais e não teriam tido clientes de verdade. O letreiro do Bar era evidente. O nome Grill era olvidável, todos sabiam tudo o que comeram antes de chegar. Como para a parte "Trackside", dava a ideia do nome, não porque houve uma corrida numa pista de uma centena de quilômetros, mas porque houve um OTB do outro lado da rua.

Sentado em um canto em uma das mesas estava a outra, não oficial, a razão para o nome do estabelecimento, o apostador local, Kevin Connor, o parceiro de Doug Gamley no ataque incendiário. Com Connor sentava sua namorada decrepita que ele carinhosamente chamava de "Loira Suja". Ela tragando uns goles de uma garrafa de cerveja. Connor odiava o gosto da cerveja. Para ele tinha que ser alcoólico, gin se ele pudesse, puro e sem gelo, sem soda, no misturar. Mas não havia nada limpo no modo como ele

bebeu. Ele cuspiu de volta, quando os seus olhos vermelhos e nariz inchado provaram, especialmente quando ele não estava feliz. E Connor não estava feliz.

"Foi culpa dele", Connor murmurou para a Loira Suja. "Sua maldita culpa. Eu tenho o direito do meu dinheiro. O que faz ele fazer apostas se ele não pode se dar ao luxo de perder? Ninguém deve apostar se não pode se dar ao luxo de perder. Bill Seaton não era nada bom; não podia diferenciar um cavalo de um manco. Não conhecia uma equipe de bola da outra. Era apenas um estúpido homem velho que tinha apostado. A grande vitória estava sempre na virada da esquina. Mas ele era um perdedor e ele não ia pagar. Era o próprio maldito problema dele."

"O que foi, doce? " Perguntou a Loira Suja, que não estava escutando.

Connor engoliu o gin. "Eu apenas queria o meu dinheiro. E Bill não ia pagar. Aí se não bastasse tive de ir atrás dele. Ele vive como um porco, rodeado de lixo e animais mortos. Você olhou ao redor, havia um monte de lixo, uma montanha de jornais antigos, um ninho de merda de cão seca, merda de cão fresca, e um cão morto todos numa fileira como se todos pertencessem a casa. Então Bill Seaton não ia pagar. Então aqui veio o irmão gêmeo do Bill, Rosie, como se o mundo precisasse de dois crápulas. Mas o irmão é *'fucking'* horrível. Ele veio do porão para cima, como uma espécie de monstro, vestindo um robe negro longo, apontando as mãos em nossos rostos, e dizendo: Bill não tem de pagar. Gritando que o diabo estava protegendo eles. Você pode acredita nessa merda?"

"No diabo?" a Loira Suja perguntou.

"Foi o que o cretino disse. Ele poderia ter ido para algum lugar enquanto nós fazíamos negócio com o Bill. Ou cuidado do seu próprio negócio e não metido o seu nariz. Mas, não, ali estava em pé como uma espécie de sacerdote do mal e nos mandava sair ou Satanás iria manda sua vingança sobre nós. Que diabos?"

"O que você fez então?"

"Eu não fiz nada. Eu não dei uma chance. Eu estava com Gamley lá dar uma lição. Gamley se esquentava e - boom - ele deu um soco arrancando a merda para fora do velho feiticeiro. Esbofeteou ele

até ao chão do lado de seu irmão. Teria esbofeteado ele até a morte... Mas depois ele teve uma ideia".

"Doug Gamley? Uma ideia?"

"Sim, é o que eu disse. Gamley agarrou um rolo de fita adesiva e deu umas voltas ao redor das canecas deles para se calarem. Atou as suas mãos atrás das costas; amarrou eles como se fossem gansos de Natal. Então ele agarrou o Velho Bill pelos poucos cabelos na sua cabeça e disse que ele ia pagar sua aposta, ou, Gamley disse, ele ia assistir ele dar uns socos no bilhete do seu irmão esquisito".

"Socar seu bilhete?"

"Matá-lo, sua garota estúpida".

"Quem você está chamando de estúpida?"

"Eu estou falando com você?"

"Eu não sei", disse ela, mastigando o batom do seu lábio inferior. "É a mim ou a você mesmo. Então, diz para mim, com quem você está falando?"

"Eu não estou falando. Estou falando sobre algo. E você está interrompendo." Connor engoliu o gin. "Bill, o burro, disse que ele pagaria se pudesse, mas resmungou que ele simplesmente não podia. Então o que Gamley fez? Agarrou Rosie como se ele fosse um saco de lixo, olhou para as meninas dos olhos dele e disse, "Desculpa idiota, o teu irmão não vai pagar a aposta, sendo assim você vai ter que pagar por ele." Então ele se voltou para o porão, e disse para Rosie, 'Diga Oi para Satanás, filha da mãe', e o empurrou para as escadas do porão bem embaixo da cabeça dele.

"Meu Deus! Ele poderia tê-lo matado!"

"Foda-se!" Connor gritou com um sussurro. "Ele o matou! O que você acha?" Connor olhou para seu copo vazio enquanto ele tremia com a lembrança. "Eu pensei que ele estivesse brincando. O mesmo pensou Bill, eu acho. Nós dois estávamos errados. Gamley matou o bruxo do Rosie sem piscar. Agora Bill com a fita ducto, urrava como uma cadela. Mas era tarde demais. Agora então, Gamley tinha provado o sabor de sangue e ele passou a ser, um débil mental, você entende. De repente ele balançou a cabeça como se o pedido do drive-in do McDonald tinha dado errado. E ele se virou para Bill

com o sangue em seus olhos e disse "Não foi suficiente. O seu irmão não valeu de nada, você ainda me deve." Tentei parar ele. Eu disse, 'Ei, cara...', mas não havia jeito de interromper ele. Ele nem sequer me ouvia. Dois minutos mais tarde, Bill estava mais morto do que o inferno. Eu estou gritando com ele que eu não quero saber de receber meu dinheiro. E Gamley está berrando que é culpa deles mesmos e para eu calar a boca".

Connor respirou fundo. "Eu disse para ele, graças a ele, eu fiquei sem dinheiro de tudo. E ele disse que teria sido muito melhor se eu não o tivesse ajudado".

"Ajudá-lo como?"

"O lugar está em chamas, né? Foi para o ar como feno seco. Ele disse que tinha de se livrar das provas, de forma que o queimou. Eu não queria que o Bill fosse morto. Eu não tinha nenhuma queixa com o seu irmão gêmeo. Inferno, seu irmão esquisito nem sequer deveria existir. Mas Rosie Seaton começou escancarando a sua boca, prometendo feitiços, jogando maldições e todos os demónios do Inferno. Dane-se miserável! Os dois. Eles são os culpados de tudo".

"Eu sei doce", disse a loira, acariciando a sua mão. "Eu te escuto."

"Você não sabe nada, entende?" Conner latiu com uma pitada de maldade em seus olhos. "Você não ouviu nenhuma palavra! Você não sabe de nada, entendeu?"

\* \* \*

Aparentemente, guiado por qualquer que fossem os poderes que o morto Rosie Seaton possuía, e com os dois blocos atrás dele, o novato se movia nas sombras por atrás do Trakside Bar e Grill. Ele inclinou a sua cabeça com capacete, encarou através da proteção escura do visor e avistou o trecho de fios eléctricos saindo do topo do poste na boca do beco até a entrada de serviço sobre o teto do bar. Ele seguiu o conduíte para baixo até a base do relógio medidor e mirou a pequena peça de estanho se movendo. Em volta da cintura, o novato usava um cinturão de couro grosso com ganchos

com equipamento de combate a incêndios pendurado; uma chave inglesa, uma lanterna pesada (agora supérflua, ele podia ver no escuro), e um machado afiado. Este último, o novato puxou do seu cinto. Ele levantou para trás, dobrou e lançou para baixo através do medidor de eletricidade. Faíscas voaram.

No interior, o Bar estava mergulhado na escuridão. A música e as luzes morreram juntamente enquanto a multidão se levantou em alvoroço. Parecia tudo a mesma coisa; metade dos clientes embriagados latiram queixas para a outra metade embriagada que estava em risos. O barman resmungou no seu caminho para a cozinha e começou a virar disjuntores no painel elétrico. Ele não conseguiu nada. Consciente da sua falta de experiência como eletricista, ele decidiu dar um obrigado para a sua sorte e dizer ia fechar o bar. Não importava se o mundo estivesse acabando. Ele estava fechando.

O barman disse para os seus clientes. Culpou a cidade, a companhia de energia elétrica e a casa em chamas a algumas ruas para baixo, para deixar a questão fora de suas mãos. Ele disse para todos beberem e depois cavalgou o cavalo velho mais uma vez em volta do bar, "Vocês não precisam ir para casa, mas não podem ficar aqui".

Nas sombras do beco, o novato acompanhava os patrões, isoladamente e em grupos, abandonando o bar escuro. Ele se aproximou do triângulo preto da sombra ao lado da porta para observar a Loira Suja apenas sair para fora; primeiro com o Connor, que não estava com bom humor e em seguida com dois outros caras numa rápida sucessão. Com nada mais para olhar, mas para uma seca, noite solitária, ela ficou sozinha do lado de fora. Sem se dar conta que o novato estava nas sombras atrás dela, a Loira Suja tropeçou nos degraus da frente e vacilou com os saltos que pareciam mais altos do que provavelmente tinham sido no início da noite.

O rabugento do Connor foi o último a sair. Ele pisou para fora cuspidando, louco da vida como inferno em ter sido forçado a sair e mantendo seu uivado descontente pelo bar se manter fechado e terem trancado a porta na sua cara. Resmungando, ele deixou a

porta na penumbra. Ele deu a volta na esquina do bar e começou a andar pelo beco. Ele tinha dado apenas alguns passos quando Connor percebeu que ele tinha voltado para a casa em chamas. Ele parou, analisou a situação, e qualquer que seja a conclusão que ele chegou, deu uma acenada com a cabeça, e girou sobre seus calcanhares. Ele imediatamente parou novamente.

O novato estava ali, todo amarelo, cobertas de regalia de carbono; botas, calça, casaco, balão de ar, máscara para o rosto, e um capacete enorme, um bombeiro perdido bloqueando o seu caminho. Connor piscou seus olhos com remela incrédulos. Ele balançou a cabeça e piscou novamente. O único som contrário ao silêncio da noite era a pesada respiração no interior da máscara de bombeiro. Connor praguejou. "Que...diabos?"

O novato agarrou Connor pela garganta. Ele sacudiu o inebriado incendiário fora de seus pés antes que sua mente afogada pelo gin pudesse entender o que estava acontecendo. Ele arrastou ele para a profundidade do beco escuro por detrás do edifício. Ele pegou o seu machado de seu cinto novamente e lentamente, apreciando o momento, levantou acima de seu capacete. Os olhos de Connor esbugalharam como lua cheia ao mirar a lâmina lubrificada.

"Quem... é você?" Connor perguntou com um sussurro estrangulado. Ele não podia respirar. Ele não recebeu uma resposta. Connor entrou em pânico. Ele golpeava com seus braços batendo no novato no tórax e cabeça. Entre o material espesso, o cinto, o capacete e o seu próprio porre que minou a sua força, ele poderia muito bem ter cuspidado no vento. O bombeiro apertou o seu punho.

"Quem...é...você?" Connor começou a fechar os olhos como se ele perdesse o foco e a sua consciência estava indo embora. Ainda, o apostador fez uma última tentativa de pavor, dando um murro com sua última grama de força. Seu polegar se enganchou na mangueira de ar na peça da frente da cara do bombeiro. Seu pânico idiota bateu no capacete do novato e trouxe a máscara para cima da sua cabeça. A máscara de ar, presa a partir de uma correia sobre o pescoço do bombeiro, caída como um pêndulo no peito. Os olhos de Connor seguiram a correia... e ele se engasgou.



O novato, o belo loiro com maxilar compacto e olhos de quarto de dormir, tinha sumido. O que o incendiário viu foi o homem velho, o morto Rosie Seaton, amarrado e queimado a dois quarteirões de distância da casa na Rua Float, ali sorrindo para ele. Rosie riu. Então a sua cabeça irrompeu em chamas. A carne retorcida e sua aparência queimada no calor borbulhante. Ele riu e foi logo apoiado pelo riso de um coro de demónios do Inferno. Connor gritou.

O novato lançou o machado para baixo com uma *machadada*.

Quando o movimento acabou, o novato arrancou o seu machado do melão partido do Connor, limpou o sumo pegajoso na calça do apostador e prendeu a ferramenta de volta no seu cinturão. Ele vestiu a sua peça facial e capacete novamente. Ele levantou a carcaça do inútil do Connor no seu ombro e a carregou de volta cerca de dois blocos desertos para o cenário de incêndio. Com a multidão ainda distraída fora na frente, ele transportou o corpo através do quintal, despercebidos e o atirou através de portas da adega no porão. Ele entrou logo em seguida.

Para uma piscina. Isso é o que o porão tinha se tornado com a água dos pisos acima descendo em uma chuva torrencial. Três das cinco velas no altar de preto tinham se apagado com o dilúvio, enquanto as duas restantes tinham gerido a mera nuance âmbar na fumaça cinza. O corpo de Gamley estava deitado numa mesa raquítica de madeira diante do altar.

O novato arrastou o cadáver de Connor pela goela e, respingando no seu caminho, arrastou através de dois pés de águas profundas, levantando-o encharcado, e o colocando sobre o outro. A mesa rangeu com o peso. O novato se dirigiu no molhado para um estante de prateleiras no canto, pegou uma lata de gasolina de entre os itens estocados ali, e despejou o conteúdo (três galões, mais ou menos) sobre o par. Tendo uma das duas remanescentes velas acesas do altar, com a repetição do inclinar respeitoso, pôs fogo nos cadáveres.

As chamas tinham somente atingido o teto de vigas quando aconteceu um barulho sinistro. O primeiro piso, sob o peso dos utensílios de cozinha, anos sem contar de lixo coletado, sem contar galões de água e várias toneladas de gelo congelado desabou no

cimo da pira do funeral demoníaco como parte do primeiro andar que caiu no porão. Madeira latente, gesso, linóleos, papel, metal, água e chuva degelo, enterrando o novato, o sacrifício queimando e o altar negro.

Como a piscina interior cheio de detritos, seguiu-se gritos animados de acima. Os gritos logo chegaram perto das escadas da adega. Uma relativamente limpo e nervoso Tenente olhou de cima para baixo enquanto um bando de seus bombeiros descia. Um deles detectou um capacete de carbono de incêndio coberto de plástico amarelo, flutuando na piscina. "Uau, olhe!" Ele saltou, agarrou o capacete, levantou-o, e trouxe o novato com ele. Ele jogou o capacete para frente e para fora. Ele agarrou a peça facial pela mangueira de ar e puxou a máscara para cima e para trás. Ele olhou para a face de maxilar quadrado do loiro se engasgando. "Tudo bem com você, Rook?"

Em resposta, o novato esgotado se virou e vomitou na piscina do porão.

"Não posso culpar você, garoto", disse o veterano. "Tem sido uma noite infernal."

Com os olhos lacrimejantes, o novato olhou pelo seu companheiro bombeiro, através do fumo, poeira, e brasas flamejantes, para o desenho na parede queimada, agora só com uma vela, iluminando um quase irreconhecível pentagrama. O novato só pode fazer um aceno de cabeça num silêncio desorientado.

"Mas é uma boa experiência", seu colega continuou. " Existe muita coisa maldita neste mundo. E você nunca sabe quem ou o que está de pé do seu lado."

## Doze

Herb Flay colocou as coisas de volta na cabine com um *Bang Bang Bang* que quase - quase – fez música com a chuva. O trabalho foi feito, o pneu trocado e o corte no meio da sua mão direita havia parado de latejar e parecia que o sangramento tinha parado. Em algum momento durante os últimos vinte minutos, ele não estava certo de quando, durante a mudança da maca e equipamentos sobre o compartimento traseiro para pegar o macaco e o pneu sobressalente, ao colocar a van levantada com o macaco, tirando fora o pneu furado, e colocar o sobressalente no seu lugar, Flay tinha cortado a sua mão. Ele não tinha lembrança de quando feriu a si mesmo, mas ele estava sangrando como um porco. Marlowe teria usado uma toalha na cena.

Falando de Marlowe e articulações machucadas... Quando estava carregando uma urna para o carrinho da igreja (o carrinho com rodas sob a urna que ninguém nunca vê; e aliás, nunca "caixão", mas sempre "urna") para e a partir do féretro, dentro ou fora da casa funerária ou da igreja, Marlowe iria jogar uma peça se visse qualquer dos seus trabalhadores empurrando ou puxando a dita urna por qualquer dos puxadores. Duas pessoas moveriam a urna, sobre um carrinho da igreja e assim feito com suas mãos segurando com firmeza - e protegendo-os cantos superiores da cada extremidade. As mãos eram os para-choques para que a urna passasse através da moldura da porta ou por qualquer coisa amovível. "Suas articulações, *ehh*, vão se curar. A urna não!" Talvez é por isso que Flay não percebeu à primeira vista o machucado que tinha feito a si mesmo. Suas articulações estavam acostumadas com isso.

Pneu trocado, ele voltou a van de volta para a terra, '*terra infirma*' com o aguaceiro, guardado as ferramentas de volta, feito a

colocação na ordem pela qual ele deveria novamente retornar a maca e equipamentos para apaziguar o que por agora seria um ansioso e agitado Marlowe, e rezou que ele poderia retornar a van de volta para a estrada.

Para um ponto brilhante, se é que se pode chamar assim, no escuro da noite tempestuosa, já que para Flay deixou de ser necessário o endereço da casa que Marlowe tinha rabiscado para ele. Embora ele ainda estivesse há mais de um quarteirão de distância do seu destino, *e/e* tinha chegado até ele em toda a distância através da chuva; aquele monstruoso, odor ímpio. Chegou até ele, por favor! Ele tinha envolvido ele como um sudário. Não era meramente morte; ele cheirou a morte. (Ele só tinha estado ali quatro meses, mas da Fengriffin não era a primeira casa funerária para qual Flay tinha trabalhado.) Era uma explosão dos cheiros criado pelo tornado de atividade dentro de um cadáver em decomposição. Não, Flay não precisava mais do endereço. O cheiro repugnante mostraria o caminho.

\* \* \*

O riso dentro da garagem do Proprietário tinha morrido. A história de Henderson tinha matado, embalsamado ele, e sido enterrado. A história do bombeiro possuído pelo demônio, entre esse grupo de funcionários já irritados, tinha atingido um pouco mais do que se esperava. Agora realmente existia uma sensação do mal no ar pesado.

Era o momento perfeito, pensou o velho Legista, quem viveu, amou e rido pelo cadafalso de seu humor, ir para outra - talvez o último - prego no caixão. E, sim, a palavra que ocorreu para ele era "caixão". Por que estragar um bom clichê apenas só porque Marlowe era um jumento? O Médico Legista tirou seus óculos e limpou as lentes com um lençinho branco desgastado, resmungando, "Sem dúvida, Paul, que foi um alguém. Sim, senhor, essa história foi... como as crianças chamam hoje? Uma assombrada! Mas foi de verdade?"

Henderson encolheu os ombros e bebeu o seu café.

"Porque eu vou contar uma", disse o Médico Legista, "que é de verdade". Ele acenou, permitindo a memória inundar de volta. "*Tudo* sobre esse caso era estranho. Mas era também verdadeiro. Os policiais, nenhuma ofensa ao nosso Xerife aqui, tinham muitas pistas, mas não sabiam como juntar as peças." O Médico Legista voltou os seus óculos para o seu local, ajustando as hastes ao redor do topo dos seus ouvidos. "O nome do camarada era Soames. Ele era um guarda de segurança do hospital. Caso como esse que você nunca vai se esquecer. John Soames."

O Médico Legista balançou a cabeça. "Eu daria um pedaço da minha aposentadoria para saber, de verdade, o que foi que aconteceu naquela noite".

## Treze

Fora a frustração e, francamente, para o inferno de que John Soames pisou nos freios, deslizando com o seu carro de segurança ao longo da avenida congelada. Ele teve que parar em uma guia de calçada, dando de cara com a direção oposta. Bom o suficiente, ele pensou, jogando a transmissão para o *Estacionamento*. Para estas pessoas era bom o suficiente. Ele manteve o motor funcionando para que o aquecedor, o pouco que funcionava, desgastasse o gelo da janela lateral, e olhando para cima através da escuridão no que era o atual, agora abandonado, hospital.

Ele balançou a cabeça em consternação. "Que monte de merda".

Como Francis tinha chamado esse lugar? Ou era Fred? Soames não era bom com nomes, especialmente os primeiros nomes, e o brincalhão tinha o primeiro e último como ambos sendo como o primeiro nome. Supervisor de Segurança Fred Francis; assim era. *Whoopee*. O cara era um idiota, tratava ele sem respeito algum. E por falar de verde. Soames tinha filhos mais velhos do que seu novo supervisor (e eles não tratavam ele com respeito.). Que inferno, era um trabalho. Ele precisava do trabalho; precisava do dinheiro. Era o que se poderia se chamar de insignificante o hospital ter oferecido *dinheiro* para trabalho de segurança no turno da noite. Não estava certo; para um cara com sua experiência. Mas aqueles eram os tempos. Você tem que se adaptar com os novos tempos. Ele se sentiria melhor quando ele recebesse o seu primeiro cheque. Não seria melhor? Falando disso, Soames pensou, era melhor ele fingir que estava trabalhando.

Ele fechou o seu casaco, colocou o seu chapéu e luvas. Sabendo que ele logo estaria de volta ele deixou o motor ligado. Ele resmungou, "Vamos dar um fim nessa besteira" então, temendo a

explosão ártica, forçou-se a sair do carro. O vento gelado bateu nele instantaneamente. Ele tremeu e exalou uma nevoa gelada. Fazia frio no inverno de matar e ele foi para a parte de trás da propriedade, o fim de nada, da patrulha. Cinquenta e três anos de idade, menos sete graus Celsius, e ele estava chacoalhando as portas abandonadas. Por que ele, por amor de Deus? Não havia razão; outra que não fosse que ele era o novato. Bastardos sem respeito, é o que seus patrões eram.

Ele olhou para o sul para o branco cintilante do céu aberto de edifícios comumente conhecidos como Hospital Misericórdia, o alastrado novo hospital para o qual ele agora trabalhava, brilhante na noite. Ele voltou a olhar para cima para as instalações originais a partir do qual todas as outras floresciam, agora apenas uma mancha no quarentão; um longo abandonado, retângulo apagado de cinco andares de tijolo vermelho antigo e argamassa decadente quase preta contra o cinzento do céu à noite com fileiras de vidros sujos quebrados olhando cegamente, como órbitas vazias em um crânio antigo.

"É assombrado." Isso é o que Francis tinha dito, calmamente, diretamente, como se se tratasse apenas de um fato de que ele estava mencionando. "Assombrado?" Soames tinha estudado a face do seu jovem, demasiadamente sério para ser levado a sério, chefe procurando por um sorrisinho besta. Não parecia. Ainda estava claro que o cara estava tirando um sarro do Soames que não se incomodou de ocultar que ele sabia. "Idiotice". Não foi uma palavra que ele normalmente utilizava; era muito sedada. Mas atirar "Era uma merda!" na cara do seu chefe na sua primeira noite não parecia ser a coisa certa a fazer. "Pura besteira!"

"Com deferência para com a sua experiência, Oficial Soames, você não sabe do que você está rindo. Você pode ter visto muita coisa, mas você é novo aqui." Com isso Francis passou com seu serviço, o alimentando com uma fatia de história após a outra sobre o hospital, seu território, e este despejo degradado como se tudo fosse perfeitamente natural. Isso, Soames pensou, tinha sido demasiado desrespeitoso; tratar dele como uma criança à volta de

uma fogueira. Seu treinamento, na medida em que este lugar era, tinha sido nada mais que uma história de fantasma.

Construído em 18-`alguma coisa – ou – mais `(tampouco Soames era bom com datas), o lugar já estava acabado com o tempo e faltavam tijolos quando os médicos e enfermeiros tratavam de ferimentos de tiros de balas, ferimentos de baioneta e tifo na Guerra Entre Os Estados. Ele não era Hospital Misericórdia mesmo. Por que razão um hospital era chamado 'ela', Soames não sabia, mas então 'ela' era mais suave e Nossa Senhora da Misericórdia, cheia de esperança. Como os soldados mais afortunados, ela sobreviveu à Guerra Civil. O edifício, originalmente de três andares (tinha sido mostrado por uma foto marrom velha), levantou, cresceu, ultrapassou a propriedades vizinhas; um ferreiro e cocheira, um bar, um armazém geral, Francis tinha dito. Como a cidade cresceu o hospital cresceu com ela. Os moradores locais a chamavam simplesmente *Senhora Misericórdia*. Na virada do século, as décadas passadas e, dentro de seus muros, as alegrias e os horrores da existência humana se passaram; do nascimento e da morte, e praticamente todas os ferimentos e doenças. Vidas foram salvas, lutas contra doenças, pragas sofridas. Risos e gemidos de desespero, gritos de agonia ecoavam dos seus tetos e passavam como ondas através de suas janelas. Os membros inferiores foram amputados. A cura foi encontrada. As almas foram perdidas.

Soames olhou para o túmulo em desuso. Ele bateu as suas luvas e deu um pulo com as suas botas e luvas ao sentir o frio. Ele sentiu o escuro como também um diferente calafrio que os saltos não puderam atordoar. A única solução era terminar a patrulha. Ele começou na neve (a manutenção não tinha nenhum motivo para cavar ali). Ele foi em rumo sul, uma vez a tempo da frente, e as portas achou que estavam seguras. Ele começou em torno do edifício iminente, o naufrágio da Senhora Misericórdia. Ele não viu nada mas o hospital abandonado e a neve. Ele ouviu nada mais que o vento. Ele sentia nada mais além do frio. Como havia passado em sua mente, Soames pouco tinha que ver a não ser perambular. E, inspirado pela paisagem, onde poderia se vaguear mas sobre os detalhes das histórias de fantasmas de Francis



Os enfermeiros, auxiliares, arrumadeiras que mantiveram o antigo hospital em funcionamento durante o seu morrer, começaram a ouvir sons estranhos, cheirar cheiros estranhos, ver coisas inacreditáveis na noite. Rumores eram de que vários dos enfermeiros, uma ou duas crianças, e um punhado de soldados que morreram dentro das suas muralhas durante a sangrenta guerra civil, tinham fracassado de passar para a vida no além. O lugar desenvolveu uma estranha, à primeira vista, e depois uma reputação assustadora que lentamente se alastrou com alertas sussurrados. Entretanto, uma clínica anexa foi construída nas proximidades. Membros da equipe eram, não surpreendentemente, gratos de serem transferidos para a nova unidade. O hospital original viu menos e menos uso. Pela equipe, nesse caso. Ridículo como era, histórias persistiram sobre o uso mais frequente de espíritos dos mortos. Finalmente, como na vida, onde a filha se torna a mãe, o filho o pai, o anexo se tornou hospital e foi rebatizado de Hospital Misericórdia. O nome de Nossa Senhora da Misericórdia foi relegado para a história e o hospital de origem relegado para espaço de escritório e dormitórios. Podia se pensar que foi o fim dos misteriosos problemas, mas foi de fato apenas o início. Estranhas ocorrências aumentaram até que os residentes do edifício não pudessem suportar mais. O programa de enfermagem foi encerrado e os técnicos de raios X pode movidos para um novo dormitório. O Hospital Misericórdia prosperou enquanto Senhora Misericórdia foi reduzido a um espaço de armazenagem. A assombração... Soames balançou a cabeça recordando, mas essa era a palavra que Francis tinha utilizado. A assombração continuava e, sem queixa o pessoal de manutenção não entrava mais ali. O edifício estava abandonado.

Mesmo a morte não era o fim. Sem nenhum orçamento para reparos, a decadência tomou conta. A decadência era uma nova forma de vida. Parasitas reivindicaram o porão e os pavilhões, pichações nas paredes, e janelas rendidas as pedras e a chuva, e o antigo hospital ficou sozinho em decomposição para o mundo ver. Nossa Senhora da Misericórdia foi finalmente condenada a ser demolida, para abrir caminho para novas construções. Mas

aumentou as visões e sons inexplicáveis, luzes estranhas e figuras espectrais, acidentes bizarros e, finalmente, a morte de um trabalhador de demolição adiou, em seguida, cancelou, esses planos. A partir de então, a cada novo grupo de diretores hospitalares, que por sua vez, consideraram derrubar o edifício e cada um, por razões não ditas, desistiram da ideia. Tudo o que existe dentro dos muros do antigo hospital tinha, aparentemente, vencido. Ela ficaria erguida ali até ela cair por vontade própria. As pessoas de fora que ainda tinham a coragem de falar o nome dela, mudaram novamente o nome para o oficiosamente, e agora dito com um sussurro, "*Sem Misericórdia*." Um século passou novamente e as histórias se tornaram lenda; alguma coisa ali dentro que fazia a relíquia morta viver.

A neve quebrava mais rápido agora debaixo dos pés do agitado Soames, como ele ficou com a memória da história do seu supervisor. As nuvens congeladas exaladas pela sua respiração vinham mais rápido e mais alto. Ele ainda teria negado que o seu redor estava incomodando. Não havia coisas como fantasmas! Foi exatamente o que ele tinha dito a Francis. "Acredito que você vai acreditar", seu chefe respondeu. "Tenho os vi. Estou dizendo para você, *Sem Misericórdia* é governado por fantasmas. Enquanto você está trabalhando aqui você vai ter que respeitar seus desejos." Respeitar a sua vontade! Ele nunca tinha ouvido tanta besteira. Era apenas um prédio vazio.

Em seguida, novamente, Soames pensou, talvez ele e os fantasmas iriam se entender. Ele e o hospital tinham um monte de coisas em comum? Depois de anos de serviço e lealdade não tinha os seus antigos empregadores o abandonado? Não tinha a esposa a quem ele se dedicou por quinze intoleráveis anos feito o mesmo? Não era ele algo assombrado; um viajante em busca de sua alma? E onde ele estava? Congelamento seu traseiro no meio da noite, onde, sob as ordens de respeitar um prédio arruinado contendo nada mais que merda de morcegos e desbotadas memórias de guerra. Os fantasmas poderiam chegar em fila. Onde infernos estava o seu respeito? Vagueando través da neve pesada no sentido de volta para a entrada do lado norte, Soames escorregou e

foi para baixo. Ele lutou para se colocar de pés, gritando e jorrado maldições com os céus, e os pisos superiores do prédio. Ele caiu em silêncio, mortalmente congelado como o mundo ao seu redor. Uma sombra tinha apenas aparecido em uma das janelas.

Ele olhou; sem piscar e sem respiração. Sim, ele viu algo, alguém... Ele forçou uma respirada. "Um, dois, três, quatro", sussurrou ele em voz alta. A sombra moveu-se levemente na borda de uma janela no quinto andar... próximo... no meio do prédio. Conforme ele olhou, a idiota conversa de Soames com Francis voltou novamente e tocou nos seus ouvidos.

"Os espíritos perturbados de Nossa Senhora da Misericórdia não querem ser incomodados. Apenas a proteja o perímetro. Deixe o edifício sozinho."

"Como você poderá proteger se você não anda pelos pavilhões?"

"Eles caminham pelos pavilhões."

"Eles? Quem são eles?"

"Não importa? Olhe, Soames, eu não estou indo para dar os meus socos porque você é mais velho do que eu. Eu era como você; eu sabia tudo. Então eu descobri que o que você aprende depois do que você conhece é tudo o que interessa." A atitude de Francis mudou como se ele começou o que parecia ser uma confissão. "A noite eu recebi esta tarefa, apesar das advertências que eu recebi e sem dúvida porque eu sabia de tudo, eu fiz a patrulha dentro do Senhora da Misericórdia." Ele hesitou (demasiado dramático para o gosto de Soames). "Eu não consigo explicar o que aconteceu. Só sei que começamos a ouvir coisas e ver as coisas... e sentir coisas... e medo de coisas. Para ser honesto, fomos expulsos dali. Chame do que você quiser, mas abandonamos com um entendimento".

"Qual foi?"

"Você já leu Shirley Jackson?"

"Não sou um grande leitor; de página esportiva e óbitos. Por que? Quem é ela?"

"Não interessa; apenas acredite, quem quer que seja que caminha no Sem Misericórdia, quer caminhar sozinho. Fique fora do prédio. Certifique-se de que ele está seguro e deixe ele em paz. Eles não querem a gente lá. Respeite a sua vontade."

Tinha sido um inferno de uma conversa entre dois homens adultos. Agora lá estava ele até os joelhos na neve, sozinho fora do supostamente vazio Sem Misericórdia, vendo uma figura na janela. "Droga!" Ele olhou, frio como morte e congelado pela paranoia, por uma câmera escondida (ou supervisor oculto) escondido em um barranco de neve, assistindo tudo. Era isto um tipo de teste para novatos? Soames grunhiu. Ele era novo na empresa não para o mundo; ele não nasceu ontem. Ele olhou para cima novamente para ver a figura se afastar da janela de volta para o quarto.

Dois poderiam jogar, Soames pensou, puxando seu rádio do respectivo estojo. Ele acabara de atirar a bola de volta para Francis. "Unidade 2 para Unidade 1." Ele repetiu a chamada, várias vezes ao longo de vários minutos de frio, mas não recebeu resposta; nada, mas estático. Então o patrão não iria responder. Mais desrespeito.

Isso não importa. Também não importa se o transeunte acima foi um teste ou não. Ele tinha sido contratado para ver se o prédio estava seguro, não era? É evidente que não foi. Os contos de audição e com cheiro de peido de fantasmas da Guerra Civil não faziam diferença agora. Alguém estava lá dentro. Foda-se Sr. Suado-atrás-das-orelhas Francis e seu hospital na colina assombrada. Ele tinha um trabalho a fazer.

Soames puxou seu anel de chaves de seu cinto, esperando que o lacre não lhe iria dar problemas. Pelo contrário, e para o seu espanto, o edifício não estava trancado! As dobradiças cantaram lastimosamente enquanto a porta se abria e ele olhou através de uma cortina de teias de aranha na escuridão. Soames decidiu então e não apenas entrar ali, mas fazer uma entrada. Ele tomou uma lufada de ar frio, fazendo um furo na teia pegajosa e entrou dentro, gritando, "Tudo certo. Escutem bem, camaradas. Tem um novo xerife na cidade!"

Ele empurrou a porta fechada atrás, segurou a respiração, e ouviu seu eco morrer. Ele pisou no que décadas antes tinha sido a recepção e pausado para um novo som que chegou a seus ouvidos; um baixo e oco gemido que adicionou mais gelo na sua já gelada coluna. "Dá um soco nele", disse ele a si mesmo. Evidentemente que não era um gemido, mas o vento cantando através de uma

janela quebrada. Ele pensou em uma maldição para o clima, para Francis e sua estúpida história de fantasma, para si mesmo e por ser tão ingênuo. Dez passos e seus nervos eram já tinham derretido. Ele entrou na ampla área de recebimento, com a sua lanterna ligada e andou ao redor para ver se o local não estava recebendo mais ninguém. Institucionalizado vazio; Soames sentiu. Ele sentiu-se sozinho e abandonado como o edifício.

Mas ele sabia que ele não estava. Ele tinha visto algo, alguém, em uma janela acima. Ele estava sendo pago prender este esterco de entulho e isto era o que ele iria fazer. Não havia eletricidade, isto significava nenhuma luz, nenhum aquecimento e, naturalmente, sem elevador. Ele seguiu o corredor até o fim, através de detritos e desordem atmosférica aos seus pés e pelos fios das luminárias penduradas, caindo sobre seus ouvidos, para uma longa escadaria sem uso e começou a subir.

## Catorze

Estranhamente, dentro de segundos a escada parecia quente e, incrivelmente, se sentiu aquecido. No momento em que ele chegou ao segundo piso Soames tinha retirado o seu chapéu e luvas e enfiado no seu bolso. Sabia que talvez, como todo mundo, o inverno tivesse medo de entrar? Os ratos não tinham. Ele poderia ouvir chiadeira e arranhões, juntamente com *Deus sabe-o-que*, rastejando no escuro. As escadas rangeram sob os seus pés, o vento continuou com o gemido, o antigo edifício congelado a saltar e a gemer. Tudo para inspirar uma música de fundo.

Ele estava suando pelo tempo que ele chegou ao terceiro andar. Sentindo-se desesperadamente fora de forma, ele abriu seu casaco para se refrescar. Ao chegar no quarto andar ele estava muito aquecido e teve de parar para recuperar o fôlego. Dependendo dos fantasmas ali residindo, ele estava pasmo, deve ter vindo dos trópicos. Neste interim, Soames tirou o seu casaco e deixou cair no chão. Sua garganta estava seca e seu pulso acelerado. Embora ele estivesse respirando com mais dificuldade, ele observou com alguma perturbação que sua respiração congelada tinha desaparecido. Ele fez um esforço para acalmar a si mesmo e começou a subir novamente.

Soames chegou no piso superior como um homem chacoalhando. Suando profusamente, menos prolixo pelo subir do que pelo clima, ele parou novamente para recuperar o fôlego – e amaldiçoar Francis para colocar pensamentos loucos em sua cabeça. Fantasmas! Não apenas assombrando o lugar, mas reivindicando a propriedade; exigindo respeito. Que monte de merda. Ele pensou novamente quem era que ele tinha visto na janela, depois imaginou ele mesmo passando a lanterna por cima

do seu crânio. Que tal isso para uma gargalhada e uma lição, Francis?

Uma janela na parede dava para o corredor do quinto andar ou deveria ter dado, se não fosse a grossa espessura com pó. Com nada para limpar o vidro, mas sua manga, Soames a ignorou. Ele iria fazer com uma espiada. Ele abriu a porta das escadas, entrou no pavilhão escuro, e alertou, "Segurança no piso." Ele não era um policial; não estava interessado em invadir e fazer um flagrante. Ele queria que quem quer que seja que estava lá o ouvisse e saísse. "Segurança no andar!" O eco ficou pendurado no ar velho. Ele cortou as trevas entrando no pavilhão mofado com a sua luz. Uma dúzia de portas fechadas e abertas, uma do lado de cada uma nas profundezas. Ao redor delas e em tudo, o teto com borrões pretos de mofo e teias de aranhas lutando pelo domínio sobre o descascar de tinta cinza.

Durão como ele era, Soames teve de admitir que ele estava no seu limite. O inexplicável calor da escada tinha seguido ele até o andar. Ele estava queimando. Ele estava queimando dentro dele, apenas pense de como ele estava sendo tratado na sua primeira noite. Se Francis e a figura sombria que ele tinha contratado para esta brincadeira, ou seus fantasmas nesse assunto, realmente podiam ler mentes, eles não estariam se sentindo muito respeitados quando eles dessem uma olhada no seu cérebro. Não houve nenhuma resposta ao na sua chamada no rádio e havia outra opção senão a de entrar no edifício. Não houve nenhuma resposta na sua chegada no andar, e para ele era bom também. Ele não tinha parado embaixo e ele não iria parar agora. Se o intruso não se entregar, Soames iria encontrá-lo. Ele começou pela frente, três etapas com três ecos retumbantes...

Uma luz de repente acendeu nas trevas, explodindo em brilhantes flutuações de laranja, amarelo e vermelho sangrento, e abarrotado o andar. Já sufocado pelo calor, agora cego pela luz e tonto com a vertigem, Soames caiu aos berros. Ele bateu no piso duro do corredor com as mãos e joelhos, sentindo como se ele tivesse sido atirado para uma lavra de incêndio, como se ele tivesse

caído no Inferno e tudo o que ele poderia fazer era apertar seus olhos fechados contra o diabólico brilho.

Como se seus sentidos não estavam ainda sobrecarregados, do nada, ainda claramente a partir de muito perto, sobreveio o som de um sonoro órgão de tubos que começou a tocar. Um incrédulo Soames gritou novamente. Mas ele estava ouvindo; uma assombrada música de um órgão antigo. Que diabos era aquilo? Em vez de o assustar, ela deixou Soames furioso e envergonhado. Ele bateu a parede e ainda de olhos semicerrados contra a luz, empurrado a si mesmo pelos seus pés. Ele estava sendo feito de tolo. O hospital assombrado. "Minha bunda!" Soames gritou. Era como um título de um filme ruim ou da pior novela. A luz laranja continuou a brilhar, o órgão tocando, mas Soames estava determinado agora em ignorá-lo; para encontrar a fonte de ambos e estabelecer a lei.

Mas não iria ser fácil, nesse momento o ritmo da música começou um ritmo de marcha e como se as coisas não eram suficientemente loucas, um triunfal coro começou a cantar.

*Tramp tramp tramp,,, os meninos estão marchando,  
Animo companheiros virão,  
E sob a bandeira estrelada  
Vamos respirar o ar novamente,  
Da independência no nosso próprio amado lar.*

Soames balançou a cabeça e então ele percebeu que a música era proveniente do primeiro quarto à sua esquerda. Ele rangeu os seus dentes, agarrou a antiga bola da maçaneta da porta de vidro como se ele a estivesse estrangulando e entrou de supetão. Não havia ninguém e nada mais era que uma sala não mobilada iluminada pelos dedos da luz chegando até o seu redor e, a partir do lado oposto, pelo triste luar de inverno refletido através de uma janela suja.

O órgão estava ainda tocando... atrás dele agora. Engolindo fundo, apertando seus punhos para abafar um tremor, Soames virou-se e ficou parado no pavilhão. Embora apenas mais alto, o ritmo da música tinha sido aliviado, e uma voz barítono começou a cantar:



*Na cela de prisão que eu me sento,  
A pensar na Mãe querida, de vós,*

Claramente, e neste momento não havia nada erro, o canto solo era proveniente do quarto ao lado para baixo no lado oposto do pavilhão.

*E os nossos quartos luminosos e casa feliz tão longe,*

Com o suor pingando em riachos para baixo de suas têmporas, lambendo seus lábios secos, Soames empurrou a porta aberta. Novamente, não havia nada, mas um quarto vago; este com sua janela quebrada.

*E as lágrimas preenchem meus olhos*

*Apesar de tudo o que posso fazer,*

*Portanto, eu tento animar os meus companheiros e ser feliz.*

O órgão continuava a tocar, atrás dele novamente, estrondosos como se ele tivesse voltado no seu ritmo. Soames voltou para o pavilhão com sua pulsação e respiração a fazer o mesmo. O coro estava gritando agora:

*Tramp tramp tramp,,, os meninos estão marchando,*

*Animo companheiros virão,*

"Parem!" Soames gritou.

*E sob a bandeira estrelada*

*Vamos respirar o ar novamente,*

Ele colocou as mãos nos seus ouvidos e apertou seus olhos fechados. "Parem! Malditos!"

*Da independência no nosso próprio amado lar.*

A luz desapareceu; com ela passou a música e o calor. O coro fantasmagórico desapareceu, como se fosse apenas um eco. Tudo foi substituído por uma soturnidade cinza e o apito solitário de um vento frio como o inverno sobrecarregava o corredor em ruínas. Soames estava ofegante no frio e no terror, como cego causado pelo escuro como ele tinha sido pela luz. A sua respiração voltou em grandes nuvens e ele abraçou a si mesmo para fazer calor. O suor travou no seu rosto e pescoço e de repente ele tolo que ele era, ele tinha tirado o seu casaco na morte do inverno!

Ele voltou para busca-lo mas encontrou a porta da escada trancada. "Raios". Ele examinou, descobriu que não havia tranca e

pasmado em confusão. Ele lutou com a maçaneta, forçou até que os dedos frios ardessem com o esforço. Ainda não estava dando volta e a porta não se abria. "Desgraçada!"

Soames considerado a janela na parede, olhando agora sobre as escadas e decidiu que ele não tinha escolha, mas de quebrá-la. Primeiro dia de trabalho ou não ele quebraria e sairia voando dali, e enfrentar as consequências mais tarde. Para verificar ele deu uma batida contra a parede, mas deu uma girada, e olhou através da sujeira da janela e, com horror, no jovem encarando nele do outro lado.

Ele era pouco mais do que um menino vestido como um soldado; um soldado dos Confederados! Ele tinha olhos azuis brilhantes afundados em uma cara raquítica e cinzenta como seu uniforme desgastado. Ele passou seus lábios sem fazer um som e levado um pano amarelo desbotado para a sua garganta. Sangue escorria por entre os dedos, para baixo sobre a sua mão e em sua manga. Soames piscou - e o rapaz desapareceu.

A guarda em pânico tropeçou com os seus pés, pressionando seu rosto contra o vidro e estudado a área. Não havia nada, nada além da escuridão. Um edifício em fúria lutava pelo controle da sua mente, empurrado para fora o medo, insistindo que ele não tinha visto o que ele tinha visto. Não havia coisas como fantasmas! Alguém estava aprontando uma com, e isso era tudo; tirando um sarro do novato. Eles encheram ele com um prato de boi sobre fantasmas que querem ser deixados sozinhos e exigem que os respeitem. Eles tinham vindo até ele com os atores e luzes para fazê-lo engolir. Era isso!

"Respeitar isto!" Soames gritou. Ele agitou um dedo no ar e a sua voz ressoou no corredor. "Respeitar isto, Freddie!" Sim, era infantil da parte dele, mas ele sentia melhor. E com a fúria veio a realização que ele não estava se sentindo o frio como antes. Esqueça o casaco. Eles não iam ter a satisfação de ver ele quebrar a janela para obtê-lo. Ele riu mais uma vez para mostrar seu desprezo. "Ok, Casper", ele gritou. "Você venceu dessa vez. Você é um fantasma e você pegou meu casaco." Ele bateu no peito. "Mas eu ainda estou vestindo o crachá!" Ele começou pelo pavilhão,

andando no seu ritmo, se dirigindo para a saída na parte sul, dizendo a si próprio que iria terminar a patrulha. Havia, afinal, alguém ainda no edifício. Ele tinha visto ele; um cabrito contratado por Francis, vestindo um traje, com um chute Soames poderia derruba-lo.

Como se o seu pensamento violento desse um sinal, uma rajada de vento se explodiu do extremo sul do pavilhão e correu em direção dele como um menino zangado. Na sua direção, com a fúria de uma dúzia de canhões atirados em sucessão, cada porta fechada ao longo do caminho foi aberta e cada porta aberta bateu fechada. O pavilhão estremeceu e Soames gritou.

Quando o eco morreu o silêncio foi estarrecedor. Atordoado e ejetado, Soames lutou para tomar um fôlego, ofegando novamente em grandes nuvens congeladas. Teve o suficiente. Ele precisava sair. Ele correu apressado para baixo olhando para os quartos abertos que ele entrou, mas não ousando tocar nas portas que foram fechadas. Perto do final do pavilhão ele parou com um possível novo som chegando nos seus ouvidos; a água escorrendo

Ele sabia do serviço que a água, como a eletricidade, tinha sido desligada há séculos; que com hidrantes nas proximidades do edifício tinham sido desligados da rede da cidade. Ainda, apenas fora de uma porta marcada por uma placa de estanho sujo onde se lia Lavatório, Soames claramente ouviu água escorrendo dentro. "Que diabos?" Ele disse sob o seu sopro. Ele escancarou a porta para se certificar, ouviu água escorrendo de uma torneira e gritou, "Segurança". Não houve resposta. A água continuava a correr. Ele esbravejou na porta, rápido e alto para não ser ignorado. "Segurança". Nenhuma resposta. "Francis? Quem quer seja! Identifique-se."

Ele deu uma olhada. O quarto era pequeno com um papel verde desbotado descascando das paredes. A tubulação datada de meados do século passado com duas tendas de estacas de madeira, faltando portas, ao longo da parede esquerda, duas pias de porcelana à direita atrás da porta e na outra extremidade uma grande estaca da mesma madeira desbotada, com uma porta, protegendo uma velha banheira. Ele empurrou a porta. As pias

estavam cobertas com ferrugem, repletas de pó e azulejos quebrados, e seca como um osso. As cômodas estavam também secas, usadas apenas por aranhas. Não havia uma alma à vista. Ainda na casa de banho, no edifício sem água encanada, Soames ouvia claramente água escorrendo. Ele ouviu ainda antes dela. Alguém estava usando a banheira.

"Segurança", ele segurou a estaca da tenda. "Você está invadindo. Se você precisar..." Ele teve calafrios involuntariamente, incapaz de imaginar alguém tomando banho nisto... "Se você precisa se vestir, diga, e vou aguardar do lado de fora da porta." Em resposta a água cessou. Por um momento ficou quieto como uma sepultura. Então um novo som chegou; espirrando. Alguém estava espirrando água da banheira.

Soames rugiu em direção da tenda. "Saia já para fora!" O espirro lúdico continuou. Ele empurrou a porta e, naturalmente, estava trancada. Ótimo! Era apenas o que ele queria fazer, rastejar em um piso sujo para arrancar um saco de lixo para fora da banheira. Ele deu uma olhada através da fresta na borda da porta - e respirado um monte de ar. A banheira estava tão seca quanto um deserto e coberta de pó. Ele continuou a olhar, ainda claramente ouvia a água espirrando, com os pelos parando na parte de trás do seu pescoço. Alguém, alguma coisa invisível, estava se banhando na frente dele em uma banheira vazia! "Meu Deus", Soames sussurrou.

Os salpicos pararam e um grito irrompeu estridente do pavilhão. O sangue de Soames travou. Sua coluna vertebral virou gelatina. Atrás dele a porta do banheiro estourou como se tivesse sido chutada e estava sendo segurada aberta. Mas a área estava vazia. A partir da fresta da porta veio um grito de raiva e então algo atingiu violentamente o peito de Soames. Levando ele de volta através da porta divisória em escombros, direto para a banheira.

## Quinze

"John Soames desapareceu durante horas", disse o Médico Legista para o grupo. "Seu rádio tinha morrido; ele não poderia ter entrado em contato. Seu supervisor, Fred Francis, o encontrou no nascer da manhã seguinte, na cena do há muito tempo defunto Hospital Nossa Senhora da Misericórdia, morto como seu rádio, sentado ereto atrás do volante do seu carro de segurança. A ignição ainda estava ligada, mas a gasolina do carro tinha acabado. Soames estava encharcado do topo da sua cabeça até a sola de seus esponjosos Oxford e, apesar de estar completamente vestido, incluindo casaco, chapéu e luvas, estava tudo solidamente congelado." O Médico Legista limpou sua garganta, então adicionou, "Eu tive que descongelar ele antes, para poder fazer a autópsia."

"Ele tinha algum ferimento?" Clayton perguntou.

"Nenhum trauma óbvio."

O Xerife acenou. "Então ele morreu de exposição?"

"É por isso que você é o Xerife e eu sou o Médico Legista. Não, ele não morreu de exposição."

"Bem, o que... Espera um pouco", o Xerife latiu. "Lembro-me de ter ouvido sobre isso. Você arruinou o dia de um par de detetives. E se os rumores eram verdadeiros, você virou o caso de estranho para absolutamente insano com o seu relatório 'post mortem'. Você não declarou que a causa da morte foi por afogamento?"

"Eu não fiz quaisquer declarações", disse o Médico Legista. "Apenas disse que era. Ele morreu afogado."

"Eewww," Abner Perry reagiu. "Nenhuma água no carro? Não há água no prédio?"

O Médico Legista balançou a cabeça. "O carro estava seco como um osso. O edifício tinha sido desligado durante décadas."

"Então você acha que ele foi...?" Perry insistiu. "Levado para algum lugar, afogado, então trazido de volta e colocado no carro dele?" O chefe paramédico se arrepiou.

"Não sei", o Médico Legista respondeu. "Isto é assunto da polícia, não meu. Disse antes, digo agora; é algo muito impossível, mas Soames morreu afogado. E isso não é tudo, nem de longe." Ele deu uma encarada sobre todo o grupo. "Vocês não ouviram o resto; ninguém ainda."

"Que ... resto?" Henderson perguntou.

O Médico Legista fez uma reflexão. "Já faz um longo tempo. *Ah*, inferno. Ninguém se preocupa agora." Ele acenou, dando-se a si mesmo permissão para derramar o feijão. "Quando eu peguei os relatórios de laboratório de volta, toxicologia e tal, a história ficou ainda mais estranha. Soames tinha se afogado. Mas a água em seus pulmões não era tratada, nem clorada; não era água da cidade. Os micróbios tinham sugerido que ela era de um poço. Mais do que isso, seus pulmões eram uma bagunça, resíduos de gordura animal, de silicato de sódio, de carbonato de sódio, vários pigmentos." Sua voz foi sumindo. O Proprietário encarava com um brilho no seu olho. O Xerife, bombeiros e paramédicos encaravam pálidos; vários engoliram sua ignorância. O Médico Legista deixou a tensão crescer. "Esses são..." ele disse finalmente. "Pasmem. Esses *eram* os ingredientes principais de sabão - como era feito a mão no fim de 1800."

O som da chuva tomou conta da garagem quando a revelação foi feita. Alguém gemeu. Vários entre os reunidos riram. Alguém, o Médico Legista não tinha certeza quem foi, desabafou, "Ah, tenha a paciência!"

"Acredite ou não", disse o Médico Legista. "Esse é o seu negócio, não o meu. Não custa nada que alguns de vocês tivesse um pouco mais de respeito. Isso é tudo o que qualquer um de nós achamos, se somos fantasmas, alienígenas, ou funcionários, ou apenas velhos médicos legistas... tudo o que queremos é um pouco de respeito, não é?"

## Dezesseis

Embora claramente poderia ter sido, não foi só o horrendo cheiro que guiou Herb Flay até o último bloco para a cena com as remoções. A vizinhança à frente estava acesa com flamejantes holofotes brancos vindos de um carro de bombeiros, um caminhão com escadas, uma ambulância, dois carros da municipalidade, o carro de patrulha do Xerife, e a caminhonete do Médico Legista, realçados pelas múltiplas luzes em vermelho, azul e amarelo, e fraturado pela chuva caindo em cintilantes diamantes coloridos no para-brisas da van. A gangue estava ali.

Seu chefe, Marlowe Blake, também estava.

Flay avistou o Cadillac cinza da casa funerária quando ele chegou mais perto e então viu o próprio Marlowe nos degraus do alpendre para fora da porta escancarada da frente da casa. Ele estava sozinho, naturalmente. Flay viu um par de delegados em um dos carros de patrulha, um casal de bombeiros na cabine do carro de bombeiros, todos sabiamente fora da chuva. Onde o Xerife, o Médico Legista e o resto dos socorristas estavam, Flay não sabia e não se incomodou de adivinhar. Mas deixe para o velho engraçado do Marlowe ficar na chuva e que o fedor, fazia ele andar para trás e para a frente, se consumindo na sua ansiedade até os céus, deixando ele quase que em coma, convencido de que seu assistente nunca iria chegar. Em seguida Marlowe avistou a van, acenando com as suas mãos, e enquanto sua estrutura permitia se apressou rapidamente para mostrar a rua.

Marlowe era constituído de um feixe de galhos com pernas; baixo, sem ser gordo, pouco cabelo ameaçando ficar grisalho, geralmente da cor gengibre, mas não tão escuro, emaranhados no topo da sua cabeça pela chuva, com olhos castanhos nervosos e mãos abanando (herdadas de uma mãe Siciliana). Ele já estava na

casa dos quarenta anos, mas, como foi mencionado antes, ele falava como um octogenário subindo escadas, cada quinta palavra, ou então, era precedida com um ofegante 'ehh' para chegar lá.

Esfolará baixou a janela da van.

"Eu estava com medo, 'ehh', você tivesse se perdido."

"Eu tive um pneu furado... e"

"Ehh, Herbert!" o diretor da funerária interrompeu, pingando água da chuva. "Vamos falar, ehh, sobre isso mais tarde." Ele apontou descendo a rua, para o Posto de Comando da garagem, e disse para Flay que o Médico Legista e companhia estavam esperando por eles. Aparentemente, fizeram algum tipo de reunião antes que as remoções pudessem ser feitas.

"Você quer..." Flay começou apontando para o banco do passageiro.

"Ehh," gritou Marlowe em exasperação. "Anda!"

Flay acelerou, como foi instruído, indo para a garagem. Marlowe correu atrás na chuva.

Quando Herb Flay estacionou a van da casa funerária na garagem indicada, a porta superior da garagem começou ruidosamente a abrir. Para o jovem assistente, parecia como a cortina subindo para a apresentação do *Le Théâtre du Grand-Guignol*, a ampla estrutura da porta como um arco, a garagem como palco e os policiais, bombeiros, médicos e um vizinho zeloso dentro como os atores.

\* \* \*

Marlowe, já havia informado sobre a situação, estavam nervosamente parados enquanto o Xerife explicava para Flay, com gestos em direção da casa fedendo terrivelmente, sobre os detalhes da informação que ele precisava saber. "Existem dois corpos dentro, irmão e irmã, ambos idosos. Ela está no andar de cima em um quarto. Ele em baixo, na garagem sob a casa. O vizinho descobriu eles."

Flay seguiu o Xerife e os seus gestos na garagem onde o seu anfitrião, apesar dos eventos da noite, estava radiante e muito feliz



servindo café para os trabalhadores de emergência. Por que o cara não poderia estar se divertindo, Flay se perguntava. Por que ele e Marlowe deveriam ser os únicos ali satisfeitos?

"Eu não via os dois", o Proprietário disse, "... Bem, há semanas realmente. Talvez um mês." Ele riu uma estranha risada que não era realmente uma risada, mas, Flay pensou, apenas nervos levando choque de eletricidade. Então ele contou a sua história. "Eu fui lá ver como eles estavam. Não responderam a campainha. De modo que eu dei a volta em torno do lugar e vi, bem...Eu vi dentro através das janelas, estava coberto com moscas. Milhares, talvez dezenas de milhares de moscas dentro da janela."

Flay tomou uma xícara de café oferecida pelo vizinho animado. Marlowe não quis.

O Xerife limpou a sua garganta numa tentativa sutil de trazer a conversa de volta para o aqui e agora. "Os corpos", disse ele, "estão"-

"Eles estão mais mortos que o inferno", o Médico Legista cruamente confirmou.

Para dar de ênfase, trovões e relâmpagos explodiram e brilharam. Não era necessário, com a porta escancarada todos eles puderam sentir novamente o cheiro substituindo o fato.

Mas agora o Médico Legista parecia ter tido mais do que suficiente da noite. Ele apenas queria concluir e empurrar a reunião para a sua conclusão. "Estão mortos por um longo período de tempo, um mês ou mais. Nada que eu possa fazer ali e eu não vou voltar para lá. Eu vou na sua funerária amanhã, Marlowe, dá uma olhada, e prepare a papelada. Examine lá mesmo. Não faz sentido o seu lugar e o meu cheirando como isto aqui."

Marlowe sorriu com lábios pressionado tão fortemente que eles quase desapareceram. O motivo era nenhum segredo. O nome do Médico Legista era Art Grimsdyke. Fora das funções de seu município, ele era o proprietário e diretor da Casa Funerária Arthur E. Grimsdyke no lado oposto de Sturm's Landing. Era a concorrência de Fengriffen Grimsdyke, durante os últimos meses, tinha chegado a todos os poucos negócios que a cidade oferecia. Agora ele descaradamente estava entregando a bola apodrecida e

graciosamente oferecendo o fedor para a sala de embalsamamento da Fengriffen . Marlowe odiava o Médico Legista em um bom dia. E isso não estava se tornando em um bom dia.

Um pouco mais de conversa seguiu, apesar do Médico Legista querer acabar com isso, para reter o inevitável. Mas, finalmente, não havia mais nada para fazer mas começar o show de horror, de entrar na casa e sua piscina de ímpios fedorentos e remover os corpos.

Os uniformes da mais que satisfeita Fengriffen estavam lá para lidar com isso. O Chefe do Corpo de Bombeiros lhes ofereceu as máscaras de ar, visíveis na mesa de cavaletes, caso eles quisessem. "Elas não podem afastar o cheiro inteiramente", ele admitiu. "Mas o ar fresco no seu rosto será um alívio o tempo todo."

Flay aceitou de bom grado e, na sequência de uma demonstração de Henderson que durou dois minutos, que foi suficientemente clara sobre o funcionamento básico para usar o dispositivo sem se sufocar. Marlowe, além de suas outras particularidades, era claustrofóbico. Para ele, vestir a máscara de borracha teria sido um pesadelo comparado com o trabalho à sua frente e ele declinou a oferta. "Ehh, eu vou, ehh, apenas segurar minha respiração".

A van foi devolvida a meio caminho para baixo do bloco e estacionada na casa da morte, o mais

perto quanto possível da frente da varanda. A maca foi retirada do compartimento traseiro e as suas pernas caíram no lugar, um dos sacos de borracha para o corpo com zíper foi jogado em cima dela. Flay torceu a válvula da máscara de ar, apertou as correias da máscara e, com um leve sopro de positiva pressão, deu a sua primeira lufada de ar fresco engarrafado. Não estava matando o fedor, naturalmente, o Chefe do Corpo de Bombeiros tinha avisado. Nada poderia matar, mas ajudava. Marlowe, sem máscara de ar, respirou profundamente como ele tinha prometido a si mesmo, comprimiu seus lábios contra o cheiro horrível, e levou a maca e seu readmitido assistente para a casa através da porta da frente. Jogando o manual de regras para o vento, nesta ocasião especial, Médico Legista, policiais e companhia esperaram fora na chuva.

Marlowe e Flay passaram por um escuro e desorganizado quarto na frente do lado esquerdo, por um corredor curto, e entraram em uma pequena, caótica cozinha acesa por uma gritante e fluorescente lâmpada acima. Flores de plástico, luvas de forno, uma forma bolo e um molde de gelatina no formato de peixe decorava as paredes como na casa de uma velha senhora. Estas diferiram porque estavam cobertas com moscas inchadas. O balcão da pia, a mesa da "vovó" e as quatro cadeiras que mobiliavam o local eram quase invisíveis sob as inúmeras pilhas balançantes de livros; também estas estavam abundantemente pontilhadas de moscas zumbidoras. Capas duras, capas moles, sets embalados, papéis de embrulhos, brochuras; romances, westerns, aventuras e, e em conexão, obras de horror. Isto não era o fim. Havia facilmente uma considerável quantidade de livros não-ficção (aparentemente sobre qualquer assunto). Era um mundo imenso. O casal de irmão e a irmã, seria mais tarde revelado, tinham sido bibliotecários antes de serem cadáveres; ambos com uma tendência de trazer o trabalho para casa. Quando ele passou, Marlowe derrubou um livro do topo de uma das pilhas. Dezenas de moscas agitadas encheram o ar loucamente. Flay fez uma careta, espantou os insetos da sua máscara com uma mão com luva de borracha azul e pausou para examinar o volume; uma capa dura marrom, incrustada com ouro, intitulado de *Ciência do Mortuário*. Era, aparentemente, um mundo pequeno também.

No topo de outra pilha de livros, pairava um punhado espalhado de chocolates cremosos, vários comidos pela metade. Em torno deles e em uma pilha no chão se encontrava uma arrepiante, mas impressionante, coleção de moscas mortas.

O cadáver da irmã, estava deitada na sua cama, banhada pela sua própria putrescência. Era uma cena reminiscente das antigas fotografias Vitorianas de Mary Jane Kelly seguindo Jack, O Estripador na sua última noite de trabalho. Mas a idosa solteirona não foi esfaqueada. Ela foi brutalizada apenas pelo veneno que a matou e, depois da morte, pelas forças ferozes da natureza que retornaram sua forma de vida às suas origens. *Cinzas a cinzas. Pó*

*ao pé.* A senhora tinha alcançado em um passo sentimentalista o entremeio não mencionado no texto da cerimônia de enterro.

Marlowe avistou artificial no coração da desordem orgânica, se dobrou um pouco mais perto para dar uma olhada e levantou um pedaço de papel embebido da sua mão e o pântano que outrora tinha sido o seu peito. Uma nuvem de moscas se levantou no ar com a perturbação, centenas, milhares; como motosserras pretas voando aceleradas em círculos. Marlowe, com a sua boca já apertada, agora fechou os olhos contra o ataque. Flay embaçou a sua máscara, respirando com mais dificuldade, como se as pequenas bastardas tivessem voado de encontro com a sua cara. Um momento - um longo momento de nojo - e a nuvem viva começou a acalmar. Marlowe deu o pedaço de papel, pingando para Flay examinar. Era uma nota escrita, com listras e pouco legível, confessando duplo suicídio.

Não havia o porquê de esperar pelo zangado alvoroço, as moscas assustadas não paravam de voar e a cada movimento de Flay e Marlowe, formava uma nova onda revoltante de demônios alados no ar. Agitado, lutando para manter a sua boca fechada e, parecia segurar um grito que saía do peito, Marlowe apontou para a cama e o corpo. Ele queria o ato feito; a remoção. Flay estava ali para isso.

Não havia como levantar a senhora que era mais sopa do que bife. Marlowe puxou as pontas do lençol fedorento que estava livre do seu lado. Flay tinha feito o mesmo do seu lado. Eles dobraram, enrolando os restos mortais como burrito do Inferno. Estranhamente, quando levantaram o lençol gotejante e tudo para o saco, e Marlowe fechou o zíper, Flay percebeu que não estava mais com fome.

Não há necessidade de repetir a história de novo, em uma panóplia de moscas voando, voltaram com os seus passos para trás, levando ela para fora através da porta da frente, e levaram o agora-saco de-corpo-ocupado para a van. Eles conseguiram - e eles estavam a meio caminho de casa.

O outro cadáver na garagem abaixo. Flay obedecendo ordens, moveu a van. Então ele agarrou o segundo saco com zíper e jogou

na maca. Marlowe agarrou um profundo e muito necessário, cheio de chuva, respiro. Um dos mais corajosos bombeiros, Reid, que tinha acompanhado eles, bateu no botão e a porta da garagem se abriu. Uma nova onda de podridão atingiu o ar da noite como um fantasma fugindo.

Como se a cena no andar de cima não tivesse sido suficientemente assustadora, o cadáver do irmão estava sentado reto na sua antiga Buick castanha. Verdade. O cara estava afivelado atrás do volante com cintos de segurança de cintura e ombro como se ele estivesse pronto para uma saída de Domingo. Era bizarro, Flay achou, e engraçado. Menos engraçado era a sua condição. O homem velho de pele pálida estava preto e fedendo com degradação, sua camisa azul pastel e calças escuras molhadas nos seus próprios fluidos. Um crucifixo de seis polegadas numa corrente de prata pendurado, inexplicavelmente, sobre o seu pescoço e brilhando em seu peito com o flash da lanterna de bombeiro.

Marlowe empurrou a maca para o lado, deitou o saco pesado sobre o piso, e abriu o zíper e o espalhou. Estudou a situação por um momento, então deixou Flay voltar para fora onde a chuva e o ar frio os ensopou novamente e o diretor funerário poderia apanhar ar. Flay, com a máscara, não podia sentir alívio. Por outro lado, Flay se protegia das moscas e do pior, o cheiro opressivo. "Você abre, *ehh*, o cinto de segurança", Marlowe disse para ele, explicando seu plano de ataque. "Eu pego a cabeça e, *ehh*, os ombros primeiro. Então você traz para fora, *ehh*, os pés".

Naturalmente o cinto de segurança deu trabalho para Flay, mas finalmente com um *clique* liberou o ocupante. Ele teve pena de Marlowe, de ter que se enfiar no espaço confinado do motorista apenas abaixo do forro do teto, para tomar o corpo sob os seus braços, e sentir a pelugem da cabeça apodrecida contra o seu queixo, mas, Flay também percebeu, que o verdadeiro terror estava reservado para ele. De joelhos no chão frio da garagem manchado de óleo, entre a porta e a carroceria do carro, sob a coluna da direção para agarrar nos tornozelos defuntos, ele não tinha alternativa senão de olhar para a face do cadáver. Os olhos tinham apodrecido na cabeça cozida e, e com os lábios negros e gengivas

recuadas, tinha caído para baixo, como tivesse descoberto um segredo. Mais monstro do que o homem, a cabeça dele se moveu quando Marlowe a puxou para frente. Larvas se remexendo caíram direto do buraco do olho no seu visor como arroz doce em uma luta de comida. Flay gritou dentro máscara. Além de seu rosto em pedaços, e os pequeninos e conquistadores vermes, o crucifixo balançou no seu rosto. Com a chuva caindo fora da porta aberta, com os flashes dos relâmpagos, e a explosão de trovão, o pingente não ofereceu nenhum consolo e só contribuiu para o horror.

Liberado do velho Buick, o corpo foi rapidamente depositado dentro da bolsa de borracha e o zíper fechado. A maca foi içada e empurrada e, um momento mais tarde, o irmão e a irmã estavam reunidos na parte de trás do carro funerário. Flay fechou as portas do compartimento, caiu contra elas com alívio e tirou a máscara de ar da sua cabeça suada. A chuva e o ar frio da noite o esbofetaram como se fosse uma palma aberta. O ar continuou repleto de fedor, a casa permaneceu cheia até o telhado com moscas inchadas; ela ficaria assim até ser limpa ou nivelada, mas a fonte tinha sido engarrafada.

Falando de garrafas...Flay devolveu sua máscara de ar para Paul Henderson no veículo com a escada.

O Posto de Comando foi dissolvido.

A ambulância tinha sido enviada como uma precaução automática quando os corpos tinham sido primeiramente descobertos. Agora que eles foram removidos e todos os funcionários estavam fora de perigo, já não existia razão para uma ambulância. A equipe da ambulância se despediu e partiu de volta para sua garagem nos arredores de Sturm's Landing, com a animada Clayton dirigindo, com os acontecimentos de uma noite inesquecível (e uma nova história de guerra de sua autoria) na sua cabeça, o revoltado Perry com nada mais na sua cabeça do que os vestígios de uma noite para se esquecer.

Houveram algumas brincadeiras espirituosas entre os demais trabalhadores de emergência quando retornaram aos seus veículos, piadas sujas para apagar o que restava da tensão. O assistente do agente funerário pensou em algumas, mas o *legítimo respeito* da

sua posição barrava Flay de participar. Henderson guardou o tanque de ar que Flay tinha esvaziado, guardou a máscara de ar, guardou a "chave" com a qual ele e os delegados trancaram a fechadura de porta da frente e estavam prontos para pegar a estrada. Henderson sacou a escada do veículo e rugiu dando partida. Com o Chefe do Corpo de Bombeiros no seu assento de comando e Reid e Baker sentados nos bancos traseiros, Lund desligou a intermitente luz de "emergência", deu partida no motor e desapareceu com a sua Companhia no escuro.

A van da Fengriffen estava carregada e Flay pronto para partir. Com um "*Ehh*. Herbert, muito obrigado. Vejo, *ehh*, você de volta na casa funerária", do velho engraçado Marlowe, o assistente do agente funerário tomou o seu caminho.

O Xerife e os seus delegados selaram a casa infestada de moscas. Eles discutiram se deviam ou não colocar a fita *Cena do Crime*, mas, no final, decidiu que não precisava. Eles tinham a sua nota de suicídio. Além disso, não havia obviamente ninguém da família suficientemente interessado numa abertura de inquérito para uma investigação.

"O que você tinha dito de qual era o nome do vizinho?" o Xerife perguntou para Maitland, ambos correram através da chuva para agradecer ao cavalheiro pela sua assistência.

"Minha caderneta ficou no carro", disse o delegado. "É Schreck ou Shanks; algo assim."

O Xerife fez uma cara feia e entrou na garagem, deixando Maitland na chuva. Ele agradeceu ao anfitrião pela sua ajuda e a sua generosidade, apertou calorosamente a sua mão, e nem mesmo prestou atenção na mão escorregadia que recebeu em retorno. "Qual o seu nome outra vez?" o Xerife perguntou.

"Smith", o anfitrião disse com um sorriso. "Apenas Smith".

\* \* \*

As luzes de Cedartown voltaram a pipocar de novo e então desvaneceu completamente quando o vilarejo desapareceu na noite atrás da van da Fengriffen e Herb Flay. Ainda estava chovendo, mas

acabou o trovão e o relâmpago acalmado a uma distante e infrequente cintilação. Os efeitos especiais tinham acabado e o show de horror, parecia ter acabado finalmente. E aquela casa tinha sido um show de terror. De modo muito diferente do que tinha sido antes.

Sim, Herb Flay tinha estado lá antes.

Ele tinha encontrado com o casal, há mais de quatro meses atrás, quando ele chegou pela primeira vez na cidade. Flay era um grande leitor, sempre tinha sido. E quando alguém está à procura de trabalho em uma nova cidade, a biblioteca era um bom lugar para se começar. Funerária tinha sido sua aposta no mercado; casas funerárias eram a sua zona de conforto. Mas alguém não aparece do nada em uma câmara mortuária e preenche uma aplicação para trabalho. Alguém tinha de aprender a história do local, o pano de fundo, a gestão. Jim e Emily Underwood, os nomes da sua carga, o casal de irmão e irmã ensacados na parte de trás da van, tinham sido uma grande ajuda nas suas pesquisas. Com a sua ajuda, ele aprendeu tudo o que ele precisava saber sobre o velho engraçado Marlowe e a Casa Funerária Henry Fengriffen. Graças a eles e, evidentemente, graças ao seu próprio encanto, assegurar uma posição tinha sido como uma caminhada no parque.

Mais tarde, os Underwoods tinham estado lá para ajudar com tudo novamente, mesmo sem saberem de nada. Eles eram tão abertos; contaram-lhe tudo o que ele precisava saber sobre eles. Eles eram um casal desesperadamente solitário, sem família, poucos amigos, apenas a biblioteca e um ao outro. E eles tinham pré-arranjado o seu enterro com a Casa Funerária Fengriffen. As pessoas perfeitas para conhecer. Quando o botão caiu fora do "negócio de morte" e Flay precisava de um corpo e um funeral para salvar seu emprego, lá estavam eles na reserva, pronto para fornecerem algo. Dois, efetivamente. Eles nunca suspeitaram.

Os vizinhos, incluindo o intrometido Sr. Smith, não notavam nada. Eles não davam a mínima. E os Underwoods tinham gostado tanto dele, que era perfeitamente natural que Flay desse uma passada na casa deles. Ele ajudava a Jim transportar os livros. Ele tinha devorado vários dos bolinhos caseiros da Emily. Ele tinha



retornado a cópia da *Ciência do Mortuário* que tinha emprestado e, como uma forma de dizer "obrigado", tinha trazido uma grande caixa de chocolates. Eles tinham confessado que tinham uma queda para doces, não tinham?

Não foi nenhum problema de voltar na noite seguinte, estacionar a um quarteirão de distância, para deslizar através de uma janela que havia deixado destrancada. O que ele tinha encontrado na sua segunda visita tinha sido... estranho. Eles tinham comido a caixa rendada de doces e ambos os Underwoods, naturalmente, estavam mortos. Emily, na sua cama; normal para alguém com dores de barriga. Mas Jim... Flay foi atingido por alguns minutos de terror enquanto ele procurava pelo velho rapaz. E deu um enorme suspiro de alívio quando ele o encontrou. Exatamente que diabo Jim estava fazendo no seu carro, no subsolo, só os céus sabiam. Eles não tinham telefone. Por que razão deveriam? Quem estes dois sacos tristes iriam chamar? Talvez quando Jim sentiu desespero, ele tinha em mente de buscar ajuda? Quem sabia de verdade? Flay não era Sherlock Holmes e para ele não fazia qualquer diferença. Ele encontrou Jim, morto como sua irmã, e isso era tudo o que era necessário. Ele jogou o último doce sobre os livros empilhados sobre a mesa da cozinha e levou a caixa embora. Ele escreveu uma nota de suicídio (nem com excesso de dramaticidade, nem com uma explicação verborreica) e colocou na mão de Emily sobre o seu peito. Ele deslizou para trás, invisível, no escuro.

Isso foi há um mês atrás.

Flay não tinha ideia que tudo iria acabar com uma lição. Nos negócios, como na comédia, o tempo certo era tudo. Ele tinha esperado tempo demasiado para os corpos serem descobertos. Se não tivesse sido as moscas e o vizinho intrometido, Flay teria perdido o seu trabalho, seus esforços teriam servido para nada e os Underwoods teria ido para o lixo. Houve benefícios em ajudar os solitários a receberem seu prêmio. Não sentiram a falta deles rapidamente e você teve tempo para fugir. Mas agora ele percebeu, que se os escolhidos não fossem tão solitários e esquecidos, eles poderiam não ser encontrados. Para que todo o esforço? Não vai

valer nada remover alguém se, quando chegar o momento, você não é mais o empregado para fazer a remoção. Ele precisaria planejar com mais cuidado na próxima vez que o negócio ficar mais lento.

Falando de lento... A chuva tinha diminuído em uma garoa na hora que ele chegou na cidade e parado totalmente quando as luzes da casa funerária surgiram à frente. O ar da manhã estava fresco como limões e, cachorro-quente, sua sinusite estava começando a sumir.

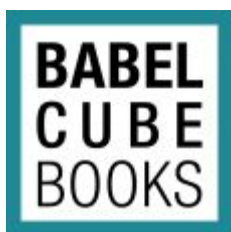
Só de pensar nisso, Herb Flay ficou com fome novamente.

## **Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença**

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

## Procurando outras ótimas leituras?



### Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

[www.babelcubebooks.com](http://www.babelcubebooks.com)